

CUT: reforma é ataque aos direitos dos trabalhadores

Mudança nas leis trabalhistas provoca instabilidade sem precedentes para os empregados, alerta entidade. [Página 3](#)



Poder Fações criminosas querem alcançar instituições políticas, afirma o advogado Solon Benevides. [Página 4](#)

Paraíba

Mercado vegano se expande e conquista mais adeptos

Além de restaurantes, veganos têm hoje profissionais especializados, como personal trainer e nutricionista. [Página 6](#)

Políticas

Centrão ajudou na derrota de Bolsonaro no voto impresso

Quase 50 votos contrários à proposta foram de deputados de partidos aliados do presidente da República. [Página 14](#)

Cultura

Crônicas Coletânea que será lançada em novembro revela novas nuances do escritor José Lins do Rego, símbolo do regionalismo. [Página 9](#)

Colunas

/// Kay France, hoje médica, aprendeu a nadar aos dez anos de idade e, a partir daí, não desistiu de concretizar esse sonho, despertado por uma reportagem publicada na revista Realidade. [Página 2](#)

Rui Leitão

/// As contribuições do filósofo Martin Mordechai Buber estão relacionadas a tese de que o sentido da existência é construído a partir do diálogo, e que os objetos existem quando há uma interação com eles. [Página 10](#)

Klebber Maux Dias

/// Durante o ensaio dos Beatles, Paul falou sobre o encontro e as coisas que ouviu, as objeções de Russell à Guerra do Vietnã e a sua fé no progresso da humanidade. [Página 10](#)

Estevam Dedalus



Foto: Roberto Guedes

Preservar o patrimônio é manter viva a história

Acervo cultural, que inclui bens materiais e intelectuais, é fundamental para se conhecer e compreender os costumes e as tradições que formam a identidade de um povo. [Página 5](#)

Foto: Divulgação

Esportes



Paralimpíadas Futebol de 5 é esperança de medalhas para o Brasil, que domina modalidade desde 2004. PB tem atletas e técnicos na comissão. [Página 21](#)

Economia



Foto: Marcos Russo

Dinheiro de volta Sistema de cashback, que devolve parte do valor da compra, tem atraído cada vez mais consumidores. [Páginas 17 e 18](#)



Diversidade

Foto: Roberto Guedes

Pico do Jabre Uma pesquisa da UFPB procura levantar a cronologia da formação da paisagem do ponto mais alto do estado. [Página 20](#)



Conversa com o GOVERNADOR

NA RÁDIO TABAJARA
FM 105,5

TODA SEGUNDA-FEIRA
AO VIVO, ÀS 13H

facebook.com/GovernoParaiba
youtube.com/GovParaiba

Tabajara

CONTATOS: uniaogovpb@gmail.com REDAÇÃO: (83) 3218-6539/3218-6509

Editorial

Antevisão

“É que a cidade vai crescendo sem ver o homem, e o homem se perde na cidade, em vez de nela se integrar. Vamos, assim, desumanizando a casa, fazendo-a subir em arranha-céus disformes, e eliminando o que há de vivo e natural nas nossas moradas.” Quem assim escreveu, e já nos idos de 1945, foi o escritor paraibano José Lins do Rego (1901-1957), em um de seus belos e perenes livros de crônicas, intitulado “Poesia e vida”.

Atualíssima, a crônica “O homem, a casa e a cidade”, do livro acima citado, de Zé Lins, que, aliás, precisa ser conhecido além dos romances que o projetaram, como “Menino de engenho” (1932) e “Fogo morto” (1943), principalmente pelas gerações de verdes anos. “Gordos e magros” (1942), “Homens, seres e coisas” (1952), “A casa e o homem” (1954), “Gregos e troianos” (1957) e o “Vulcão e a fonte” (1958) são obras que pedem novas e urgentes edições.

Voltando à crônica em tela, o que quis dizer Zé Lins, em resumo, ao afirmar que “esta é que é a arquitetura que nos convêm; a arquitetura que procura ligar o homem à vida e não a que o afasta da vida em comum”, é que todo o esforço humano, seja do poder público, seja da sociedade civil organizada, deve ter como norte a integração com a natureza, para que a geração de bem-estar social não implique na destruição do patrimônio ambiental.

O autor de “Riacho doce” (1939) consegue êxito extraordinário no exercício premonitório que é “O homem, a casa e a cidade”, ao questionar a relação alienada, entre as pessoas, decorrente da verticalização das cidades, ou seja, da substituição progressiva e acelerada das casas pelos grandes edifícios, notadamente na forma de condomínios residenciais. “O homem foge do natural para um arrivismo mercantil”, assinala Zé Lins.

Há 76 anos, portanto, Zé Lins já protestava contra um modelo urbano que se desenhava no Brasil, com a ocupação desordenada do solo – leia-se especulação imobiliária –, anteendo, em outras palavras, as fraturas sociais e ambientais que iriam aprofundar-se com um crescimento populacional desvinculado de uma justa divisão de riquezas. Ler Zé Lins é reler criticamente o Brasil, na esperança de que os novos leitores o mudem de fato.

Artigo

Rui Leitão

ruileitao@hotmail.com | Colaborador

A proeza de Kay France

A data de 19 de agosto de 1979 colocou a Paraíba como partícipe de um feito histórico de repercussão internacional. Kay France, na época com dezessete anos de idade, alcançava a proeza de ser a primeira mulher latino-americana a atravessar a nado o Canal da Mancha. Após uma tentativa sem sucesso no ano anterior, a jovem paraibana enfim realizou o desafio que havia determinado para si: cruzar, nadando, os 36 quilômetros que separam a praia de Shakespeare, na Inglaterra, de Calais, na França, o ponto mais próximo entre os dois lados. A travessia foi cumprida após onze horas e trinta e seis minutos de natação sem interrupção, documentada pela TV Globo.

Sua mãe, a médica Fátima Pontes, a acompanhou de barco durante toda a travessia, e contou como procedia para alimentá-la: “Ela não podia parar porque senão era levada de volta pela correnteza, sempre muito forte. Então tínhamos que caprichar na alimentação. Para repor suas energias e principalmente esquentar seu corpo. A temperatura da água era o principal problema. E nossos medos eram com a contração dos vasos, que dificultaria sua circulação, e com a diminuição da oxigenação em seu corpo. Mas Kay estava preparada. Aguentou bem as dificuldades”.

Kay France, hoje médica, aprendeu a nadar aos dez anos de idade, e, a partir daí, não desistiu de concretizar esse sonho, despertado por uma reportagem publicada na revista Realidade. Contou com o apoio e estímulo de seu pai, professor Sales Pontes, lutador de vale-tudo, conhecido pelo apelido de Terror Sanguinário, que a acompanhava nos treinos diários efetuados na orla marítima de João Pessoa. Em 1976 chegou a ficar por quatro horas perdida no mar, em pleno carnaval.

A façanha só havia sido executada por um brasileiro até então, o desportista Abílio

Couto, que viria a ser seu treinador por dois anos, até 1976, quando se desentenderam, e a nadadora paraibana decidiu continuar seus treinos, orientada exclusivamente por seu pai. Segundo ela própria declarou, numa entrevista à revista A Gazeta, a discórdia se deu porque ela queria realizar a proeza já no ano seguinte, e o ex-nadador preferia esperar mais. Até chegar a esse momento de glória, Kay France teve que superar muitas dificuldades, principalmente por falta de patrocínio. Conseguiu, a muito custo, que o Governo do Estado lhe desse as passagens para a Europa, ficando as demais despesas de estada bancadas por empresas de Pernambuco, graças à intermediação da TV Globo. O então ministro da Educação, Ney Braga, liberou 100 mil cruzeiros (moeda da época).

/// Foi recepcionada no Aeroporto Castro Pinto por mais de três mil pessoas que a acompanharam pelas ruas da cidade, num desfile em carro aberto. ///

Conquistado êxito na sua empreitada, declarou: “Foi mais difícil chegar na Inglaterra do que atravessar o Canal da Mancha”, numa crítica à falta de apoio ao seu desafio esportivo. Seu retorno à nossa capital, depois de receber homenagens no Rio e São Paulo, deu-se num ambiente de muita festa e comemoração. Foi recepcionada no Aeroporto Castro Pinto por mais de três mil pessoas que a acompanharam pelas ruas da cidade, num desfile em carro aberto (viatura do Corpo de Bombeiros). Nas ruas, a população aplaudia a conterrânea que se dirigia para receber as honras do governador Tarcísio Burity no Palácio dos Despachos, Centro Administrativo do Estado, em Jaguaribe.

Tive a satisfação, muitos anos depois, de desfrutar da amizade pessoal dessa paraibana que é motivo de orgulho para todos nós. Seu avô, o jornalista Barroso Pontes, era amigo de meu pai, e por várias vezes estive com ele na residência em que morava no bairro de Manaíra. Portanto, nossas famílias nutriam um relacionamento de boa amizade.

Artigo

Sitônio Pinto

sitoniopinto@gmail.com | Colaborador

Adeus Maria Fulô

Já houve tempo em que vivíamos sem YouTube, mas a vida era menos alegre. Lembro-me de uma vez, em Brasília, quando pedi a um companheiro de república, natural da Venezuela, que “tirasse” a letra de uma música em castelhano. Morávamos na “Embajada de Bolívia”, um apartamento que fora a embaixada desse país. O imóvel ainda mantinha o mastro da bandeira bolivariana.

O fato é que o companheiro Wilfredo Maldonado não conseguiu “tirar” toda a letra de “El día que me quieras”. Lembro a quem sabe que “El día que me quieras” tem a participação de um brasileiro como letrista, Le Pera, natural de São Paulo, cujos pais migraram para Buenos Ayres quando ele tinha dois anos. A mesma idade de Gardel quando chegou da França na Argentina. Eles fizeram o tango memorável a partir de um poema do mexicano Amado Nervo, que findou suas noites no Uruguai.

Mas Wilfredo ficou enganchado em “hará nido en tu pelo”, que quer dizer “fará ninho em teu cabelo”. Era o vagalume, a “lucifer-nega” que descia da estrela em forma de raio até os cabelos da musa amada, e que o companheiro venezuelano não conseguiu entender

nem traduzir. Isso foi no princípio dos anos 70, quando não havia os PCs, nem a Internet, nem o YouTube. Hoje, passados quarenta anos, digitamos o nome da música seguido de “lyrics” e a letra chega integral, seguida de várias interpretações.

Ontem à noite tive uma grata surpresa. Espancando os mares da Net em busca da se-reia Gal Costa, encontrei-a cantando “Adeus Maria Fulô”, acompanhada só pelo acordeom do autor, o paraibano e universal Sivuca. Nunca vi Gal tão compenetrada: de óculos, lendo a pauta, no estúdio de gravação. Para qual disco foi? Será que a dupla fez outras gravações? Glorinha Pordeusa é quem vai me responder.

Descobri, ainda no YouTube, que Gal mudou seu nome na Justiça. Agora é Gal Maria da Graça Penna Burgos Costa. Isso porque, antes, Maria da Graça Costa Penna Burgos, nos hotéis e aeroportos, aparecia como Maria Burgos, ou Burgos Maria; ninguém sabia quem era, nem Wilfredo. Agora, entram o último e o primeiro nome e fica tudo resolvido: Costa Gal, ou Gal Costa, aquela que fez o álbum Índia com todas as pernas de fora, e eu não esqueci nunca mais.

Foto: Pixabay



Domingos Sávio

savio_fel@hotmail.com

Humor

Ô TEMPO DOIDO!

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTEWilliam Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSARui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TVA UNIÃO
Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSARenata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEMPABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 /
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O UVIDORIA : 99143-6762

“Minirreforma trabalhista” é classificada como retrocesso

Aprovação do texto-base da MP, na Câmara, que traz diversas modificações na CLT recebe críticas de entidades e do MPT

André Resende
andresendejornalismo@gmail.com

A aprovação do texto-base da Medida Provisória (MP) 1045/21, que traz diversas modificações nas relações legais de trabalho previstas na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), que já tinha sido rechaçada em uma manifestação por parte do Ministério Público do Trabalho sobre os pontos negativos da proposta, gerou também protesto por parte das entidades de classe dos trabalhadores.

Aprovada na quinta-feira (12), a Medida Provisória (MP) 1045/21 estabeleceu, dentre outras modificações, redução ou suspensão de salários e jornada de trabalho com o pagamento de um benefício emergencial aos trabalhadores, afetou também o Programa Primeira Oportunidade e Reinserção no Emprego (Priore), possibilitando que empresas con-

tratam jovens entre 18 e 29 anos, ou maiores de 55 anos, por prazo determinado com menos direitos que os demais empregados.

A MP aprovada também estabeleceu a redução do pagamento das horas extras de trabalhadores celetistas de 50% para 20% do valor previsto e criou mais obrigações dos órgãos de fiscalização das relações de trabalho, o que foi considerado pelas instituições trabalhistas como um agente dificultador no descumprimento da legislação vigente.

O presidente da Central Única dos Trabalhadores na Paraíba (CUT-PB), Sebastião José dos Santos, foi enfático em destacar que a nova medida provoca uma instabilidade sem precedentes para os trabalhadores que já estão empregados e precariza também a relação de trabalho por parte dos jovens aprendizes, empregados por meio do Priore.



MP possibilita que empresas contratem jovens entre 18 e 29 anos, ou maiores de 55 anos, por prazo determinado com menos direitos que os demais empregados

“É preocupante essa reforma dentro da reforma. É mais um ataque profundo ao direito dos trabalhadores. Rasgam mais uma parte da CLT. Tivemos uma discussão analisando a reforma, é uma

escravidão com uma nova roupagem. É inadmissível um trabalhador cumprir 22 horas e receber menos que um salário mínimo, podendo receber algo em torno de R\$ 500, sem direito a FGTS,

férias ou 13º salário. É um trabalho escravo”, reclamou o sindicalista.

De acordo com Sebastião José dos Santos, a CUT está se mobilizando junto aos sindicatos filiados para

que os trabalhadores se organizem para pressionar o Congresso, mais especificamente os senadores, tendo em vista que a MP 1045/21 ainda será votada no Senado Federal.

Mobilização dia 18 para barrar Medida Provisória ainda no Congresso

“Estamos convocando os trabalhadores, dialogando, na organização de uma mobilização na esperança de barrar essa MP ainda no Congresso, agora no Senado. Estamos nos articulando a nível nacional para que barrem esse desmonte. Dia 18, em resposta a essa MP, estamos convocando assembleias em todo o país com todos os sindicatos, para resistir e lutar para que os direitos conquistados sejam assegurados”, comentou Sebastião José dos Santos.

O Ministério Público do Trabalho (MPT) ainda não se pronunciou a respeito da

aprovação da Medida Provisória, porém, no dia 30 de julho deste ano, por meio de uma nota técnica assinada por 17 procuradores do trabalho, incluindo o procurador-geral, José de Lima Ramos Pereira, rechaçou as propostas incluídas na MP 1045, considerando um flagrante retrocesso nas leis do trabalho no país.

Especificamente sobre o Priore, o MPT alerta que o texto-base da chamada “minirreforma trabalhista” gera um fundado risco de gerar dispensas de trabalhadores atualmente contratados pela CLT e a substituição deles por

outros trabalhadores com menos direitos, que, neste caso, geram, menos custos aos empregadores. Ainda de acordo com a nota, com a nova medida, quase metade, cerca de 40% das vagas de trabalho das empresas poderá ser ocupada por meio de vínculos temporários. “Considerando os vícios de constitucionalidade e convencionalidade formais e materiais, o Ministério Público do Trabalho entende que a proposta em comento tem o risco de gerar insegurança jurídica e consequências altamente danosas para a sociedade, oferecendo os presentes

argumentos fáticos e jurídicos que alicerçam seu posicionamento”, informa o documento publicado pelo MPT.

Diante de tantos atropelos às leis trabalhistas estabelecidas e aos pontos flagrantemente inconstitucionais, o presidente da CUT-PB criticou a forma como o Congresso, principalmente a Câmara de Deputados, tem tratado os trabalhadores neste momento de crise financeira e sanitária.

“Estamos testemunhando o desmonte do Estado Democrático de Direito, o desmonte do serviço público, dos direitos da classe trabalhadora

conquistados a duras penas. Nossos deputados, que deveriam nos representar, estão ali para defender os interesses do capital financeiro. Tudo que for proposto para retirar direitos dos trabalhadores vai passar”, lamentou.

O presidente da CUT-PB criticou a forma como o Congresso, principalmente a Câmara de Deputados, tem tratado os trabalhadores neste momento de crise financeira e sanitária

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

QUAL O LIMITE ENTRE LIBERDADE DE EXPRESSÃO E ATAQUES AO REGIME DEMOCRÁTICO DE DIREITO?

A prisão do presidente nacional do PTB, Roberto Jefferson, a quem é atribuído crimes cometidos pelas chamadas milícias digitais - ele seria o braço político do grupo, de acordo com o ministro do STF, Alexandre de Moraes (foto), trouxe à baila um debate: qual o limite que separa a liberdade de expressão, princípio assegurado pela Constituição, de declarações e atitudes que põem em risco o Estado Democrático de Direito, e que incentivam o ódio e a violência? De modo contumaz, o ex-deputado federal, condenado à prisão no escândalo do Mensalão, em 2012, tem postado vídeos nas redes sociais, ultimamente com revólveres e espingarda à mão, em que faz ataques contra a honra de ministros do STF e do TSE, defendendo que eles sejam retirados das cortes por meio de atos violentos. O caso remete à prisão do deputado Daniel Silveira, também por determinação de Moraes, que incitou atos de violência física contra ministros do STF. À época, o ministro afirmou que a liberdade de expressão é uma garantia constitucional, mas não manifestações que tentam “controlar ou mesmo aniquilar a força do pensamento crítico, indispensável ao regime democrático (...)”, assim como “aquelas que pretendam destruí-lo, juntamente com suas instituições republicanas, pregando a violência, o arbítrio, o desrespeito à separação de Poderes e aos direitos fundamentais”.

DIVERGE DE LÍDER

Rodrigo Pacheco (DEM) diverge do líder do seu partido na Câmara dos Deputados, Efraim Morais, que defende o retorno das coligações. “Considero um retrocesso. Nós fizemos uma opção inteligente em 2017, e um dos itens é justamente o fim das coligações. Com a cláusula de desempenho, fará com que nós tenhamos menos partidos políticos”.

PREGA CAUTELA

Secretário de Saúde da Paraíba, Geraldo Medeiros considerou uma posição temerária se projetar, já agora, a realização de festejos como o Réveillon e o Carnaval. E tem uma justificativa: a iminente chegada da variante delta da covid, que foi registrada em Pernambuco. “Não sabemos como será o comportamento desse vírus quando se chegar”, disse.

“ANÁLOGA À ESCRAVIDÃO”

“Essa MP de Bolsonaro transforma os jovens em escravos no mercado de trabalho”. Do deputado Frei Anastácio (PT), referindo-se à Medida Provisória 1045, que altera a legislação trabalhista. A proposta, aprovada pela Câmara, retira seguro-desemprego, FGTS, décimo-terceiro salário, terço de férias e hora extra para os jovens em primeiro emprego.

“HAVERÁ DEMISSÕES”

Frei Anastácio considera que haverá demissão de trabalhadores com Medida Provisória 1045: “Como a mão de obra será muito barata, as empresas irão também demitir os que estão trabalhando no sistema atual, para chamar essa nova força de trabalho quase de graça. Isso é vergonhoso. Mais um massacre à classe trabalhadora”, acusou.

FAKE NEWS SOBRE VACINA: PL PREVÊ 2 ANOS DE PRISÃO

Tramita no Senado Projeto de Lei de Jorge Kajuru (Podemos) que tipifica como crime a conduta de divulgar ou disseminar, por qualquer meio, informações falsas sobre vacinas no país. A proposta, que estabelece pena de prisão de seis meses a dois anos, além do pagamento de multa, está em análise nas comissões temáticas.

RETORNO AMEAÇADO

Esta semana, um debate a ser travado no Senado promete gerar muita discussão: a volta das coligações partidárias nas eleições de 2022. A proposta, já aprovada em primeiro turno na Câmara dos Deputados, será, posteriormente, enviada à avaliação dos senadores. Ocorre que o presidente Rodrigo Pacheco (DEM) já disse que ela não passará.

Solon Henriques de Sá Benevides,
Advogado

“É importante aperfeiçar as instituições e a democracia”

Em livro sobre surgimento das facções criminosas no Brasil, Benevides fala sobre atuação de traficantes e milicianos, inclusive, na tentativa de tomar o poder elegendando políticos

André Resende
andresendejornalismo@gmail.com

Falar sobre crime organizado, principalmente no Brasil, é entrar em uma seara delicada. Entretanto, por mais desafiador que seja o assunto, é preciso que haja uma abordagem, sobretudo de forma séria, científica. Foi partindo dessa premissa que o advogado Solon Henriques de Sá Benevides, que também integra o Conselho Penitenciário da Paraíba, lançou nesta semana o livro “Facções Criminosas e Ideologia de Poder no Brasil” em parceria com a Editora UFPB.

Solon Benevides explicou que o livro é fruto de

uma pesquisa acadêmica feita por ele para conclusão do seu pós-doutorado pela Universidade de Santiago de Compostela, na Espanha. Ele comenta que o livro foi feito a partir do que foi trabalhado em sua pesquisa acadêmica, mas também de sua experiência como membro do Conselho Penitenciário da Paraíba, espaço que ocupa desde 2017 e que vai ocupar até 2025.

“Por força dessa experiência eu pude compreender um pouco o funcionamento das facções criminosas do Brasil, chamadas exógenas, ou seja, as nascidas fora do seio da administração pública. Isso porque nós temos as

chamadas facções criminosas endógenas, nascidas dentro da administração pública brasileira”, explicou.

O livro recém-lançado recebeu votos de aplausos na Primeira Câmara Cível do Tribunal de Justiça da Paraíba, tem capa assinada pelo artista plástico paraibano Flávio Tavares e a apresentação da obra é de autoria do professor de Direito e delegado da Polícia Federal e chefe da divisão de repressão à corrupção, Fabiano Emidio de Lucena Martins. Confira a entrevista exclusiva do professor Solon Benevides sobre a obra e as organizações criminosas no país.

A entrevista

O senhor lançou o livro “Facções Criminosas e Ideologia de Poder no Brasil” pela Editora UFPB. Sobre o que a obra versa e quais as contribuições que pode dar para entendermos o crime organizado no Brasil?

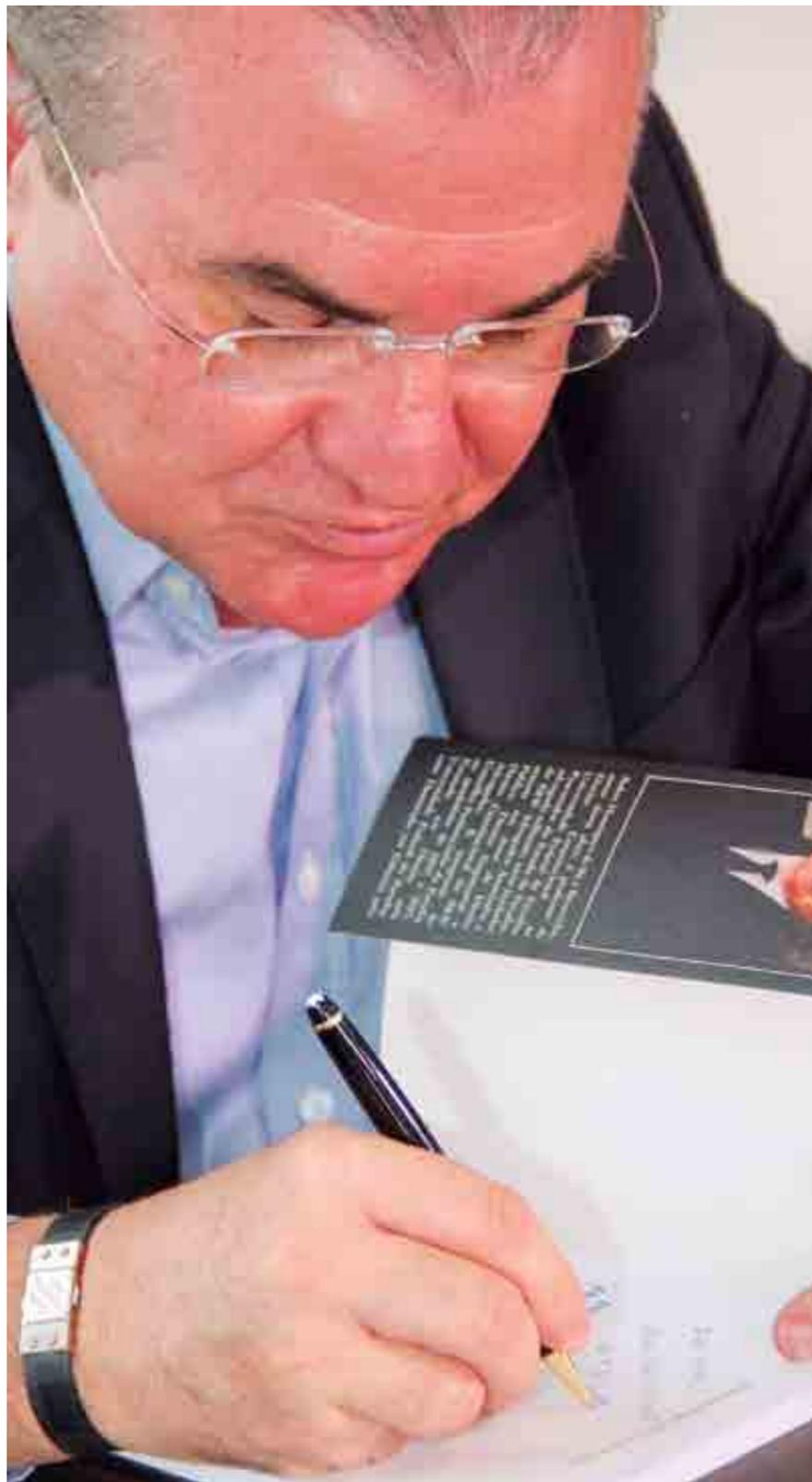
A minha obra é fruto de um pós-doutorado na Universidade de Santiago de Compostela na Espanha e também da minha experiência no Conselho Penitenciário de 2017 a 2022, e agora renovado pelo governador João Azevêdo até 2025. Por força dessa experiência eu pude compreender um pouco o funcionamento das facções criminosas do Brasil, chamadas exógenas, ou seja, as nascidas fora do seio da administração pública brasileira. A obra retrata o início de como surgiu a criminalidade no Brasil, por volta da década de 1950, na migração dos homens do campo para a cidade até os anos de 1980. A falta de geração de emprego e renda, de trabalho fez com que uma parte dessas pessoas migrassem para a atividade criminosa. Uma dessas consequências resultou no fato de que, em 1970, o governo militar entendeu que os presos políticos deveriam conviver com os presos comuns no presídio da Ilha Grande no Rio de Janeiro.

Com isso, os presos comuns aprenderam o que era organização, hierarquia, atribuições, logística, tudo isso com os presos políticos da época. Disso surgiu a Falange Vermelha, que depois foi transformada em Comando Vermelho. A Falange Vermelha inclusive tinha uma bandeira vermelha como símbolo em homenagem aos presos políticos. Além do Comando Vermelho, por volta de 1990 nós vamos ter o surgimento do Primeiro Comando da Capital, o PCC, fruto de uma rebelião no anexo do presídio de Taubaté em São Paulo, que depois passa por um aperfeiçoamento após o chamado Massacre do Carandiru, onde 111 presos foram mortos no presídio. Evidentemente, que o livro traz também informações das organizações criminosas internacionais, como a máfia, até de certa forma com o romantismo de alguns escritores acerca do cangaço no Brasil, mas a rigor, a essência do livro trata do início da criminalidade no Brasil e o surgimento das facções criminosas, sobretudo das duas mais conhecidas.

Um dos conceitos trazidos na obra é a “ideologia de poder”, como podemos traduzir esse conceito para dentro das facções criminosas?

O conceito de “ideologia de poder” surge do avanço do aprendizado e da orga-

nização das facções. O PCC convivía com o Comando Vermelho de forma a que um protegesse o outro, inclusive, dentro dos presídios. Ou seja, uma facção defendia a outra e cada uma atuava no ramo do tráfico ilícito de entorpecentes. Até que em 2016 eles romperam. Havia um cidadão chamado ‘rei da fronteira’, Jorge Raafat, que foi morto porque ele intermediava a venda de armas do Paraguai para o PCC e o Comando Vermelho. E o PCC, em uma ação cinematográfica, resolveu exterminar esse intermediário e passou a comprar armas diretamente ao Hezbollah. Inclusive, temos risco de terrorismo no Brasil, porque existe essa ligação. Essa ideologia de poder surge exatamente porque essas organizações criminosas passaram, diante dessa logística, como o caso do PCC que tem braços em vários estados e o Comando Vermelho com a terceirização por meio de alianças com facções locais, eles passaram a ter uma ideologia de poder, o que significa isso: alcançar as instituições políticas no Brasil. Eleger prefeitos, vereadores, etc. Por isso, temos o exemplo dos milicianos no Rio de Janeiro, onde eles elegeram deputados e vereadores que foram presos, alguns cassados, outros renunciaram, isso determinou inclusive a intervenção federal em 2018 no Rio de Janeiro por parte do Governo Federal,



Solon Benevides lançou o livro “Facções Criminosas e Ideologia de Poder no Brasil”, numa parceria com a Editora UFPB

mostrando a gravidade com o fato deste segmento querer alcançar o poder político.

A falta de solidez das nossas instituições democráticas permitem que o sistema seja operado por organizações criminosas como as identificadas por você na obra?

Essa tentativa de tomada do poder por parte das facções é ruim para a democracia brasileira. Se fizermos um exame, a rigor, diante de todo o período que nós tivemos, desde o descobrimento até hoje, só tivemos um período democrático de fato de 1985 até os dias de hoje. Somos uma democracia com aperfeiçoamento das instituições políticas com 36 anos, muito jovem. É muito importante que a gente aperfeiçoe as instituições porque a democracia só é importante quando as instituições estão acima dos homens. A partir do momento que os homens estão acima das instituições, nós não temos democracia. É preciso que a gente tenha mecanismos eficazes para combater essas organizações criminosas. É importante lembrar que só tivemos o aperfeiçoamento da lei brasileira com a Lei Antiterrorismo por um acordo com a Fifa e o Comitê Olímpico Internacional no sentido de sediar a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas em 2016, é algo recente no Brasil. No Brasil,

para termos uma ideia, até 2013 não tínhamos uma definição concreta do que seria do ponto de vista legal uma organização criminosa. Só em 2013 é que tivemos uma legislação. No final dos anos 1990, tivemos um trançamento de ação penal, ou seja, a não punição de membros de uma determinada igreja que foram acusados de lavagem de dinheiro dos seus devotos em função de que não havia uma definição legal sobre organização criminosa. Portanto, isso é tudo muito novo na legislação brasileira. O pacote do então ministro da Justiça, Sérgio Moro também tem sua relevância. Com as reformas feitas pelo Congresso e portanto, aperfeiçoadas, com suas virtudes e defeitos, nós temos uma legislação que combate efetivamente as organizações criminosas, tanto as exógenas, que são as analisadas no livro, quanto as endógenas, que foram combatidas por exemplo com a Lava-Jato que, com equívocos ou não, teve seu compromisso com a democracia.

O combate à corrupção é o principal caminho para dar mais solidez à democracia e às nossas instituições, por exemplo. Quais são as soluções que podemos adotar neste cenário para minar ou diminuir o poder das organizações criminosas incrustadas na estrutura da República?

É importante ressaltar que além das medidas legais, do combate efetivo por parte da Polícia Federal em todo o país, o enfoque principal agora é quebrar o braço financeiro dessas organizações, das facções. No momento que você quebra o braço financeiro de uma organização criminosa que deseja o poder, você impede que ela tenha dinheiro para comprar armas, como fazem hoje, comprando armas do exterior e exportando cocaína do Brasil, da Bolívia e do Peru. Essas organizações têm bases nesses países, inclusive, temos dados também de tentativas de infiltração nos Estados Unidos. Quando você quebra o braço financeiro dessas organizações você impede a manutenção das organizações criminosas, o exemplo mais recente que tivemos foi a operação da Polícia Federal onde mais de 30 empresas em São Paulo com migração para o Rio de Janeiro foram desbaratadas fazendo a lavagem de dinheiro das facções criminosas. Esse trabalho por parte da Polícia Federal é fundamental. Todas essas medidas são efetivas, mas a médio e longo prazo nós temos que investir em educação, porque um povo que tem educação, o jovem que tem acesso à educação, não vai se filiar, não vai migrar para uma facção. Investir em educação é a grande solução para o país.



O que é patrimônio histórico?

De prédios históricos às obras literárias, o acervo material e imaterial precisa ser preservado, pois é a memória viva de um povo

Lucilene Meireles
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

O patrimônio histórico de uma cidade, um estado ou um país não se constitui apenas por áreas e prédios tombados, monumentos e objetos. Ele é muito mais vasto e inclui obras literárias, fotografias, documentos, músicas e estilos musicais, a exemplo do forró, que pode se tornar patrimônio imaterial brasileiro. Independente do símbolo que representa, esse acervo precisa ser preservado por ser parte da história viva de um lugar, de um povo. O Dia do Patrimônio Histórico, lembrado em 17 de agosto, é o momento de destacar a importância de proteger os bens culturais, fortalecer a identidade local e garantir às futuras gerações o direito a essa memória.

“A ideia que se tem de patrimônio histórico geralmente remete àqueles elementos materiais que, ao longo da história, se constituíram como símbolos do espírito do tempo de um determinado lugar. Mas, esse conceito vem sendo ampliado”, declarou Pedro Santos, presidente da Fundação Espaço Cultural José Lins do Rego (Funesc). Ele afirmou que hoje

“A ideia que se tem de patrimônio histórico geralmente remete àqueles elementos materiais que, ao longo da história, se constituíram como símbolos do espírito do tempo de um determinado lugar. Mas, esse conceito vem sendo ampliado.”

é possível pensar em ações de preservação e valorização do patrimônio numa perspectiva inclusiva, como a produção artística e intelectual de uma determinada época. “Pode ser também a ação de reconhecimento da produção material de grupos historicamente alijados da hegemonia nacional, como os quilombos, comunidades tradicionais rurais e periferias dos centros urbanos”, pontuou.

Para manter viva essa memória histórica, na perspectiva de uma ação política, ele acredita que o papel do poder público se desdobra em dois campos de atuação. O primeiro está relacionado à própria ação de salvaguarda daquilo que se constituiu historicamente como um bem do patrimônio histórico nacional ou local. O segundo é a promoção e valorização daqueles bens relacionados ao conjunto da população pouco visibilizada ao longo da história, mas que, de forma inequívoca, contribuiu para a construção e a formação das múltiplas identidades nacionais.

O Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (IHGP) tem investido junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico da Paraíba (Iphaep) para tombarem prédios centenários em várias cidades, a exemplo de Serraria e Borborema. Porém, conforme o presidente do IHGP, Severino Ramalho Leite, só isso não é suficiente. “Precisamos de uma política de incentivo para viabilizar a preservação do patrimônio histórico. Por exemplo: isenção de impostos para quem investir na preservação do seu imóvel tombado. Criação de um fundo de investimentos voltado para a restauração de imóveis tombados pelo Iphaep”, sugeriu.

Ele observou que, em João Pessoa, além do Centro Histórico, há uma área abandonada que precisa de atenção: “É uma área que precisa ser olhada com carinho, as balaustradas das Trincheiras, obra do presidente Camilo de Holanda onde até a estátua do construtor da obra desapareceu”.

Precisidades

Um farto acervo de relíquias do patrimônio histórico do Estado que inclui livros, fotografias, manuscritos, jornais e até cartas de alforria de escravos está sob a proteção da Funesc. Outro importante espaço de preservação da memória, que fica situado dentro do Espaço Cultural, é o Arquivo Histórico Waldemar Duarte.

O arquivo conta com importantes documentos datados a partir do Período Colonial. Entre os tesouros estão cartas de Dom Pedro I, documentos do século 18, demarcações indígenas, jornais do século 19. Os escritos mais antigos são de 1704 e tratam da doação de terras, as sesmarias. Os demais catalogados, cerca de 360 mil, datam de 1771, no período colonial, até 1978, no governo de Ivan Bichara. Há também exemplares do Diário Oficial a partir de 1955, e de jornais, do período entre 1912 e 1928.

Já o Teatro Santa Roza é um dos principais bens materiais que compõem o patrimônio histórico do Estado. Gerido pela Funesc, deve passar por uma reforma após cinco anos. Este mês o Governo do Estado iniciou os estudos técnicos que resultará numa nova intervenção de manutenção, reparos e requalificação do teatro.

Já os documentos que estão sob os cuidados do IHGP datam de meados do século 17 até 1931 e são provenientes da Paróquia de Nossa Senhora dos Milagres, em São João do Cariri, do arquivo do IHGP e do Arquivo Histórico da Paraíba, em João Pessoa. O material foi catalogado e digitalizado durante dois anos. A biblioteca tem quase 115 anos e o acervo trata de todas as áreas do conhecimento, jornais, cartas régias de anos 1700, obras raras, como livros, jornais, revistas antigas. “É um arquivo riquíssimo e os paraibanos ainda não têm noção do que é o IHGP”, completou Pedro Santos.



Casa de José Américo e ações do Iphaep

A Fundação Casa de José Américo, localizada na Praia do Cabo Branco, em João Pessoa, também guarda raridades. No espaço onde morou o escritor José Américo de Almeida, há cerca de 500 mil documentos. Todos serão digitalizados através de uma parceria com a Secretaria de Estado da Educação (SEE) e a Companhia de Processamento de Dados da Paraíba (Codata).

O acervo do ex-morador é o principal, o mais antigo e o mais completo. O presidente da Fundação, Fernando Moura, explicou que, com a criação da Fundação, tudo que pertencia a José Américo foi doado para ficar no local. Mobiliário, objetos, documentos, livros, correspondências, jornais, revistas, recortes de jornais estão protegidos no imóvel.

Entre os objetos que chamam a atenção está o roteiro do filme “A Bagaceira”, escrito pelo cineasta Linduarte Noronha em parceria com José Américo. O documento é datilografado e possui anotações. Há ainda os arquivos de governadores como Ivan Bichara, Ernany Sátiro e Tarcísio Burity e também um álbum com cerca de 150 fotos aéreas, de 1955, feitas pelo fotógrafo carioca Carlos Botelho, retratando a Lagoa, Cabo Branco, Tambaú, Intermares, Seixas, Fortaleza de Santa Catarina, da família de José Américo na casa dele, com a mulher. As imagens devem fazer parte de uma exposição no futuro.

Importância de preservar o patrimônio

Na visão da diretora executiva do Iphaep, Tânia Nóbrega, patrimônio histórico é aquele bem que guarda a memória, a trajetória de homens e mulheres, visíveis e invisíveis e que construíram e constroem a nossa história. Há o patrimônio natural, constituído por formações físicas, biológicas, geológicas e fisiográficas, além de sítios naturais. Nele a

proteção ao ambiente, do patrimônio arqueológico, o respeito à diversidade cultural e às populações tradicionais são objeto de atenção especial.

Preservar significa proteger, cuidar e perpetuar. Destacam-se, segundo ela, os locais a que a história e o olhar humano conferem valor. As praças João Pessoa e Venâncio Neiva, que emolduram os Palácios da Redenção e da Justiça, são consideradas patrimônios por formarem um conjunto paisagístico e harmônico, coroando a beleza de todo o conjunto construído.

“Nesse contexto, é impossível falar de um lugar, seja uma cidade, um estado ou um país sem mencionar o que o torna singular, o que o torna único. E esta especificidade está no seu patrimônio material e imaterial, que não foi construído com o objetivo de ser patrimônio, mas de ser parte da história daquela comunidade”, pontuou Tânia Nóbrega.

Ainda segundo ela, o traçado urbano, prédios, ruas, parques, monumentos, lugares, praças são elementos que contam a história e a experiência de um povo, e a ação destas pessoas gerou o patrimônio existente hoje. Não se trata de objetos de status, criados apenas para ilustrar. “Preservar o patrimônio edificado ou imaterial é guardar e valorizar elementos de referência identitária da população. Trata-se de olhar com respeito e dignidade a história construída a partir da trajetória de inúmeras pessoas visíveis e invisíveis na história oficial”, disse.

O Iphaep acompanha, orienta e fiscaliza 38 municípios paraibanos que possuem bens imóveis de relevante valor histórico. Dezesesseis deles possuem centros históricos tombados, a exemplo de João Pessoa. Os outros 22 municípios têm tombamentos individuais de imóveis, com reconhecido valor cultural e patrimonial.

Foto: Roberto Guedes



João Pessoa possui inúmeros prédios na região central da cidade que representam vários momentos importantes da história paraibana



Fotos: Arcevo pessoal

Carol Crozara, Leo Domingues, Sarah Mendonça e Duda Rodrigues adotaram o veganismo em suas vidas, buscam divulgá-lo e se tornaram profissionais que ajudam pessoas interessadas em mudar hábitos e consumir produtos associados a essa prática

Veganismo: oferta de serviços e produtos cresce na Paraíba

Praticantes encontram, cada vez mais, opções de alimentos e profissionais que seguem e apoiam essa filosofia de vida

Ana Flávia Nóbrega
anaflavia@epc.pb.gov.br

O que está por trás da carne que se apresenta vermelha e 'suculenta' na mesa de inúmeros brasileiros diariamente? Esse questionamento tem gerado reflexão constante de pessoas que buscam o fim da exploração animal e uma convivência mais harmoniosa com o meio ambiente. Com isso, o mundo inteiro assiste ao crescimento do vegetarianismo e, nos últimos anos, do veganismo.

O tempo veganismo foi criado no ano de 1944, no Reino Unido, após discussão do grupo "The Vegan Society" objetivando o crescimento do movimento de buscar alternativas livres de origem animal com finalidades que beneficiem os seres humanos.

Segundo a Associação Brasileira de Veganismo, o movimento é uma filosofia e estilo de vida que busca excluir, na medida do possível e praticável, todas as formas de exploração e crueldade contra animais na alimentação, vestuário e qualquer outra finalidade e, por extensão, que promova o desenvolvimento e uso de alternativas

"É uma transição, não é algo que é definido e amarrado em si. É o que a gente está disposto a fazer de sacrifícios para minimizar os impactos que a gente tem. Para mim, foi uma percepção muito pessoal e social, e eu entendo os impactos que o consumo da indústria da carne do que ela causa social e ambientalmente. Eu acho que as pessoas que podem e que conseguem, devem fazer sacrifícios pelas pessoas que não podem ou não conseguem, então eu resolvi abrir mão de comer coisas de origem animal", declarou.

De acordo com pesquisa realizada pelo Ibope no ano de 2018, encomendada pela Sociedade Vegetariana Brasileira (SVB), os adeptos da alimentação vegetariana somam 30 milhões no Brasil (14% da população brasileira). A entidade estima que, desses 30 milhões, cerca de sete milhões seriam veganos, representando 3,2% da população. Mesmo sem pesquisa oficial, as entidades veganas afirmam que houve um crescimento ainda maior da prática do veganismo nos últimos anos.

Conscientização

Para o personal trainer e vegano, Leo Domingues, "o veganismo deu um salto muito grande, e acredito que a geração mais nova se importa mais com o meio ambiente e os animais que a geração passada. Quanto mais conhecemos a indústria da carne e dos laticínios, mais ficamos horrorizados com os maus-tratos nos animais. Talvez seja esse o primeiro motivo que faz com que a grande maioria das pessoas tire a carne da sua alimentação. Já outras pessoas decidem se tornar vegetarianas por conta de uma alimentação mais saudável", afirmou o profissional de educação física.

Na sociedade capitalista, os animais são vistos como meros produtos a serem explorados. Nesta produção, os animais não podem parar: hormônios são injetados para acelerar o crescimento, antibióticos são utilizados para conter doenças em ambientes com superlotação de animais. Tudo isso é repassado para os consumidores finais que acreditam ter, em derivados de animais, a única opção para nutrir-se de maneira adequada. Para os veganos, estes consomem cadáveres ou subprodutos feitos a partir de secreções dos corpos de animais.

"Acredito que a população tem buscado viver de forma sustentável. As pesquisas mostram que o consumo de proteínas animais e derivados geram impactos negativos no meio ambiente. O veganismo proporciona bem-estar e qualidade de vida a todos os seres", declarou a nutricionista vegana Sarah Mendonça.



Resistir e ocupar cada vez mais espaços

O debate para reduzir a exploração animal tem gerado muitas discussões entre veganos e não veganos. Para evitar que estes desgastes afastem mais pessoas da conscientização pelo meio ambiente e sociedade, muitos adeptos ao veganismo têm buscado a via da parcimônia, levando informações para a população em geral. "Defendo de maneira que não afaste as outras pessoas desse pensamento, mas levando que qualquer redução já tem um impacto, então se todo mundo conseguir reduzir e cada um for fazendo os sacrifícios e abrindo mão, conseguimos ter um impacto maior", ressaltou Carol Crozara.

As redes sociais têm se apresentado como um espaço aberto para levar essa conscientização para mais pessoas e, também, possibilitar o crescimento do veganismo enquanto filosofia. Através da presença digital, muitos negócios e serviços cresceram e atingiram público. Este é o exemplo da nutricionista Sarah Mendonça, do personal trainer, Leo Domingues, e também da cozinheira Duda Rodrigues. Todos os profissionais são veganos e trabalham com aquilo que acreditam.

No universo fitness, poucos profissionais de educação física optam pelo veganismo. Com início no vegetarianismo em 2007, Leo Domingues, formado em Educação Física, pós-graduando em Fisiologia Aplicada ao exercício físico e graduando em nutrição, atua em João Pessoa como personal trainer e vê o número de adeptos em associar atividades físicas e dietas restritivas a alimentos com origem animal veganismo aumentando a partir do acesso à informação e também da prática.

"Uso meu conhecimento para desmistificar e

descomplicar a musculação, e ajudar mais pessoas que desejam ter uma vida mais saudável. É possível construir músculos sem o uso de proteína animal. Tem estudos publicados que mostram que o tipo de proteína seja ela animal ou vegetal não importa para o nosso organismo, isso porque não diferimos o tipo, apenas precisamos das proteínas. Ou seja, esse mito de dizer que veganos não têm força, resistência e etc, já vem sendo quebrado", afirmou.

Atualmente, segundo o personal trainer, 40% dos alunos são vegetarianos ou estão em processo de transição e buscam ajuda profissional para atingirem os benefícios para o corpo a partir destes tipos de dieta.

Outra profissional em atuação para auxiliar os adeptos ao veganismo e vegetarianismo é a nutricionista Sarah Mendonça. Ensinando o que pratica em sua vida pessoal, ela atende há seis anos na capital. "Compartilho a minha rotina alimentar, assim como a rotina do meu filho, que possui dois anos e segue o veganismo. Enquanto nutricionista, busco compartilhar conteúdos relevantes de forma didática, para que os meus seguidores possam sentir a viabilidade do veganismo", ressaltou.

Em seu consultório, os atendimentos são exclusivos para quem busca cortar alimentos de origem ou derivados animais da rotina. "O veganismo é uma forma de viver que exclui o uso de animais na rotina. Porém, não gera restrição. Os alimentos de origem vegetal são abundantes e nos proporcionam variedade alimentar. Ser vegano é conhecer um mundo de cores, sabores repletos de qualidade nutricional", finalizou a profissional.

Origem

O veganismo surgiu em 1944, no Reino Unido, como uma busca de alternativas de consumo de produtos livres de proteína animal

livres de origem animal para benefício mútuo de humanos, animais e meio ambiente.

A prática está além do consumo alimentar sem produtos de origem ou derivados de animais, leva em consideração também o não consumo de cosméticos, medicamentos, roupas e calçados feitos com partes de corpos de animais. Além de não apoiar diversões que contenham exploração animal, como rodeios e circos, o vegano também leva a filosofia para o trabalho, buscando não presenciar profissionalmente práticas que explorem animais.

Em processo de transição constante, Carol Crozara, publicitária, está vegana há um ano e meio, com a iniciativa de reduzir os impactos que a grande indústria causa no meio ambiente. Para ela, a percepção de iniciar esse processo foi iniciado a partir da inquietação com os impactos que o consumo de carne causa no meio social e também ambiental.

Internet, pandemia e novo estilo de vida

Durante a pandemia da covid-19, estabelecimentos oferecem serviços e produtos que não contenham ingredientes de origem animal. Vegana pelos animais e pelo planeta, Duda Rodrigues utiliza as redes sociais para compartilhar dicas de produtos veganos e passou, durante a pandemia, a usar suas técnicas na cozinha para desenvolver alimentos que ainda não encontrava em João Pessoa.

"Com a pandemia, acredito que as pessoas estão se informando mais sobre o próprio consumo e as consequências que ele acarreta. Comecei a vender os meus produtos com a pandemia. Comecei a buscar uma nova forma de renda e a desenvolver produtos que eu não achava aqui, que eram sorvetes. Meu intuito não é só ganhar dinheiro, mas 'veganizar' o mundo. Criei a minha clientela através das redes sociais", falou Duda Rodrigues.

Hoje o cardápio tem variados tipos de sorvetes, massas, kombuchá, doces e pães. Brigadeiros e outros alimentos tradicionais, que têm como base origem animal, foram o objeto de estudos da cozinheira para adaptar para os seus clientes. O nicho de mercado da cozinheira é prioritariamente para o público

vegano, mas também pessoas que têm alergia a alimentos de origem animal.

Na ponta do processo, além da internet possibilitar o crescimento de novos serviços e produtos, bem como a manutenção do veganismo na prática, é importante para muitos que buscam o veganismo. "As redes sociais são essenciais e sem isso, principalmente no momento de pandemia, não seria possível manter uma alimentação vegana. Eu acabo descobrindo um monte de novos restaurantes que têm opção vegana ou que são veganos através das redes sociais", afirmou a consumidora Carol Crozara.

Algo que ainda dificulta pessoas da prática cotidiana do veganismo é o preço pago pelos produtos. Segundo Duda Rodrigues, "os insumos normalmente não são tão caros, o que é caro é o desenvolvimento desse processo. Um produto vegano existe a diferenciação, porque é uma pessoa só produzindo desde zero, sem mistura pronta". Porém, o crescimento do veganismo pode proporcionar, com o tempo, a redução no valor dos produtos, já que o mercado tende a ofertar mais produtos para uma maior demanda.

“Solteirice” nem sempre é sinônimo de solidão

Amores e paixões são bem-vindos, mas nunca uma obrigação para quem vive muito bem uma relação consigo mesmo

Beatriz de Alcântara
alcantarabriz@gmail.com

O período de quarentena, em relação à vida amorosa, se dividiu entre os que puderam curtir um “lockdengo” e os que estavam em “solidown”. Dentro desse último grupo se encontram os solteiros. Tanto os que desejam ainda encontrar um amor, quanto os que estão convictos de que seguirão em carreira solo nessa vida. São eles os protagonistas deste dia 15 de agosto, considerado no Brasil como o “Dia dos Solteiros”, uma data que tem sua origem desconhecida, com uma repercussão comercial que não é grande, mas que carrega certa representatividade.

No Brasil, de acordo com o Censo Demográfico de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), existem mais de 89 milhões de pessoas acima de dez anos com o estado civil solteiro. Desse total, cerca de 1,8 milhão estão na Paraíba e mais de 340 mil deles em João Pessoa.

Para muitos, a ‘solteirice’ é uma fase em que se pode cultivar o amor próprio, apreciar a própria companhia, passar por um processo de autoconhecimento e de realizações pessoais. Essa fase é importante e, geralmente, antecede a busca por uma companhia para dividir a vida, mas não necessariamente. Mariana Villarinho, de 26 anos, é um exemplo de alguém que não tem a pretensão de encontrar alguém, ainda que isso possa, ocasionalmente, acontecer.

“Sou uma pessoa adepta da solidão, gosto muito de curtir a minha companhia, costume até dizer que funciono melhor sozinha. É bom ter alguém para curtir e compartilhar momentos às vezes, mas a solteirice jamais foi um problema para mim e me sinto bastante à vontade assim”, compartilhou Villarinho.

Sem planejamento

A jovem conta que entende que a vida vai acontecer e isso pode envolver ou não um romance – que não é algo que esteja em seus planos. “Apesar de já ter vivido algumas situações amorosas, nunca me senti disposta e pronta para assumir um relacionamento sério. É possível sim encontrar alguém e me interessar, mas não é algo que planejo ou vou atrás querendo fazer acontecer, pelo menos, não pensando em construir uma relação séria, mas não irei fugir caso aconteça”, comentou Mariana.

Os aplicativos de relacionamento, como Tinder, foram uma opção de interação ainda no começo da pandemia, mas a profissional de marketing assume que a comunicação estritamente virtual já a saturou. “Honestamente, estou cansada de relações virtuais, mas tam-

“Sou uma pessoa adepta da solidão, gosto muito de curtir a minha companhia. Costumo dizer até mesmo que funciono melhor sozinha. É bom ter alguém para curtir e compartilhar momentos às vezes, mas a solteirice jamais foi um problema para mim e me sinto bastante à vontade assim”

bém não me vejo pronta para simplesmente sair como se o mundo não tivesse mudado e novos cuidados tenham surgido”, ressaltou.

Unindo os cuidados necessários, a vacinação e o respeito com seu próprio tempo, Mariana pretende voltar aos poucos a socializar. “Penso em programas mais leves, aceitar mais convites e dar menos desculpas, e driblar essa suposta fobia social que desenvolvi, me permitindo interagir mais com o outro, e claro, esquecer aplicativo de relacionamento, viver o momento e só”, explicou.

Corações românticos

Enquanto Mariana não planeja um amor romântico, existem aqueles que, mesmo curtindo a vida de solteiro, seguem no desejo de um amor como as histórias que inspiram filmes, séries e livros. Inclusive, as produções do gênero alimentaram o coração romântico de Ingrid Viana, de 27 anos, ao longo do isolamento social.

Solteira há pouco mais de três anos, a estudante diz que a vida amorosa já estava parada antes da pandemia e que pensa positivo em relação a se apaixonar e se envolver, mas a situação de pandemia não é animadora e que “depois de tanto tempo dentro de casa, vivendo à base de romances irreais dos filmes, provavelmente a vida social e os flertes devem tomar outro rumo”, afirmou.

Entretanto, apesar do desejo pelo amor, a jovem não se prende às expectativas. “Ultimamente tenho pensado se um dia eu viverei um relacionamento com alguém que me apoie, respeite e que saiba lidar com as diferenças/dificuldades de uma relação. Por vezes sinto falta de um apoio mútuo, mas nada que as minhas melhores amigas não resolvam”, ressaltou. Na vida de solteira, ela aprecia ter liberdade de vivenciar novas experiências, mudanças e aprendizados no sentido de que, se algo valer a pena ou não no caminho, pode largar tudo e mudar de rumo.



Matheus torce pela normalização das atividades com a vacinação para voltar a viajar e, quem sabe, conhecer alguém



Foto: Arquivo pessoal

Pandemia dificultou novos encontros

Assim como Ingrid, Matheus Andrade, de 25 anos, também vai seguindo a vida sozinho, mas com o desejo de um dia ter alguém para partilhar as experiências. O agente de turismo defende a premissa de que ao partir dessa vida, o que vai ficar são as vivências, quem passou pela sua vida e as histórias que você viveu. Um viajante nato e apaixonado por conhecer pessoas novas ao redor do mundo, a maior expectativa dele com a vacinação e a retomada da “normalidade” é a chance de poder voltar a viajar e fazer novas descobertas.

Para ele, a pandemia deixou tudo mais difícil de socializar e foi um período em que ele sentiu-se mais solitário. Na busca por interações, utilizou aplicativos de paquera, mas não na ânsia por encontrar seu grande amor por lá. “Não acredito que irei encontrar alguém por aplicativo, sou meio antigo, ainda espero encontrar alguém casualmente, conversar, achar a pessoa incrível, querer manter contato... E as coisas fluírem”, desabafou.

Mesmo com esse mix de sentimentos, a carência não pesou tanto. “A vontade de sobreviver [à pandemia] era maior que qualquer carência, eu sempre pensava que aquele momento era passageiro e que depois a vida continuaria”, disse. O jovem também assume que o período de isolamento possibilitou algumas reflexões que mudaram

sua percepção de vida amorosa. “Só vale a pena se relacionar com alguém se a pessoa te acrescentar algo que não seja passageiro, algo que você possa levar para sua vida por muito tempo”, afirmou.

Por algum tempo, em sua vida, Matheus se deixou impactar pelas determinações sociais. “Ter alguém não é tudo. Acredito que uma pessoa ao seu lado pode agregar muito, mas entre ficar só e ter a pessoa errada ao seu lado, prefiro ficar só, você será mais completo assim”, enfatizou o agente de turismo.

Cobrança social

Em relação à pressão social em cima dos solteiros para que entrem em relacionamentos, a psicóloga clínica, Bruna Falcão, explica que o impacto disso recai diretamente na saúde mental dessas pessoas, “uma vez que a cobrança de ter alguém para “ser feliz” é algo comum na nossa sociedade”.

É preciso também entender a diferença entre estar solteiro e o sentimento de solidão. Para Bruna, estar solteiro é uma escolha feita em relação a diversas opções enquanto relacionamentos. Já a solidão está associada ao fato de estar sozinho e se sentir desamparado e triste. Há quem questione “se uma pessoa solteira não estaria triste porque não tem ninguém e é aí que nos enganamos, pois ela pode estar curtindo sua própria pessoa. Hoje, já buscamos normalizar que se uma

pessoa está solteira não significa que ela esteja triste por não ter ninguém ao lado”, disse a psicóloga. Bruna ainda complementa que é possível estar em um relacionamento e sentir-se solitário, reforçando que a solidão e a tristeza não estão diretamente relacionadas ao estado civil de alguém.

Antes de querer estar com alguém, é necessário aprender a se amar e a conviver consigo mesmo. “Apreciar nossa companhia pode ajudar a desenvolver nossa individualidade, reconhecer nossos limites, identificar nossos interesses/vontades, fortalecer nossa autoestima, enxergar nossas vulnerabilidades, reconhecer nossas qualidades e nos amar”, pontuou Bruna.

O processo de fortalecimento do amor próprio é fundamental. “Ele [amor próprio] tem tudo a ver com estar solteiro e estar bem. Quando conseguimos nos amar, nós nos valorizamos e percebemos qual relacionamento merecemos. Além disso, quando se fortalece o autoamor você tem grandes chances de se sentir autossuficiente. Cultivar o amor próprio, todos os dias, faz perceber que você não precisa se submeter a relacionamentos que te fazem mal por conta do medo do julgamento do outro”, finalizou Falcão.

Dicas para curtir a própria companhia:

- Saiba a importância e os benefícios que aproveitar sua companhia pode te trazer.
- Reserve um momento, todos os dias, para você se conectar com si mesma.
- Dance, cante, desenhe... desperte sua criatividade.
- Faça algo pela primeira vez sozinha e se permita sentir as emoções.
- Não se importe com a opinião dos outros.
- Tenha um encontro com você mesma! Prepare um jantar e se curta.
- Invista na psicoterapia e no cuidado com a saúde mental.

CURIOSIDADE:

Na China, o “Dia dos Solteiros” é celebrado no dia 11 de novembro. A escolha da data aconteceu por conta do número um, que representaria uma pessoa sozinha. Marcada por celebrações do orgulho em ser solteiro, ao longo dos anos o festival também conhecido como Guanggun Jie virou um dos principais dias para o comércio on-line.

A origem da data remonta ao ano de 1993, na Universidade de Nanquim, e era comum reunir apenas homens. Com o passar das décadas, ganhou status popular entre as demais universidades chinesas. Em 2011, a data (11/11/11) foi reconhecida como o Dia dos Solteiros do Século. E no ano seguinte o Alibaba Group, famoso por sites como o Aliexpress, registrou o termo duplo 11 (11.11).



Bruna Falcão diz que há diferença entre estar solteiro e sentir-se solitário



Água Branca tem limites com cidades de Pernambuco e possui clima semiárido



Sítios arqueológicos, cultura e história de Água Branca

Município localizado no Sertão paraibano já foi terra do algodão e hoje se destaca pela produção de mel de abelha

Sara Gomes
saragomes@epc.pb.gov.br

Localizado na Serra do Teixeira, Sertão paraibano, o município de Água Branca já foi um grande produtor de algodão da Paraíba, mas hoje a economia da cidade é voltada para a agricultura familiar e caprinocultura, mas a produção de mel de abelha vem se destacando nos últimos cinco anos. Outro segmento promissor em Água Branca é o turismo, pois possui um complexo de pinturas e gravuras rupestres datadas de cinco mil a dez mil anos atrás, encontradas em cinco sítios arqueológicos, no ano de 2017.

De acordo com o arquiteto e diretor de Turismo da Secretaria de Assistência Social de Água Branca, Rafael Azevedo, o município tem buscado parcerias para fomentar o turismo local, através da divulgação das pinturas e gravuras rupestres.

"Havia boatos de pinturas rupestres no município, fotografei e consegui um arqueólogo para catalogar as pinturas, identificando duas tipologias: a primeira é referente a cemitério e a outra a rituais pedindo alimento. Entramos em contato com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

(Iphan), mas estão esperando acabar a pandemia para tocar o projeto adiante. Queremos que o complexo de pinturas rupestres seja reconhecido como patrimônio histórico material", enfatizou.

Os sítios onde se encontram as pinturas rupestres são: Sítio Laje d'água; Sítio Cabaças; Sítio do Poço Comprido e o Sítio Letreiro. Existem também as cachoeiras do Patriado no Povoado Bom Jesus. Elas escorrem por rochas de aparência metálica.

Água Branca encontra-se geograficamente a leste de Imaculada; a sul de Tabira e Solidão, ambos em Pernambuco; a oeste de Juru e a sul de Piancó. Ela tem uma área de 241,662 km² e está localizada a 423 km de João Pessoa. Segundo o IBGE, a população estimada é de 10.306 habitantes, com um total de 1.353 domicílios permanentes. Seu relevo é acidentado e com muitas serras, vegetação de caatinga e clima semiárido.

Eventos culturais

A Festa de São Pedro, que acontece entre os dias 29 de junho a 7 de julho, é a festa mais tradicional do município. No evento, as bandas musicais se apresentam no centro da cidade mesclando o forró autêntico pé

de serra com o forró contemporâneo. No entanto, existem diversas festas comemorativas como, por exemplo, a Festa do Mel no Povoado Lagoinha, que comemora a produção dos apiários espalhados pelo município. Há também o Dia da Alvorada, 25 de maio, em que os cidadãos água-branquenses vão à praça pública às 5h da manhã, cantar o hino da cidade e o nacional. No dia 8 de novembro acontece a Festa de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da cidade que batiza o nome da Igreja Matriz.



Cidade é reconhecida pelos desenhos e pinturas rupestres e a Festa de São Pedro, que movimentam o turismo na cidade



Origem do nome e estopim da Guerra de Princesa

Há controvérsias sobre a origem do nome que batiza a cidade. A história mais antiga é de comerciantes que vinham do Vale do Piancó para vender gado em Tabira, Pernambuco, e pmoitavam em Água Branca. No local onde passavam a noite, existia uma nascente de água, região onde as pessoas começaram a construir residências e estabelecer comércio. No entanto, a emancipação política de Água Branca só ocorreu em 24 de setembro de 1959. Até essa data, o município pertencia a Princesa Isabel.

De acordo com o diretor de Turismo Rafael Azevedo, o prefeito da época não gostou dessa versão e criou uma história

mais lúdica. "Segundo a crendice popular, por volta de 1814 um índio civilizado que residia no Sítio Bom Jesus na fazenda de Herculano José da Silva, perdeu-se na mata. Ao subir em uma árvore para se orientar, avistou uma faixa verde e se dirigiu ao local. Ali chegando, encontrou uma cacimba, denominando-a mutamba. Ao erguer o líquido com as mãos, afirmou ser água branca. Quando voltou à fazenda relatou o fato, despertando o interesse da população. Várias pessoas se mudaram para o local, dando origem ao povoado", contou.

O território de Água Branca serviu de palco para a Guerra de Princesa - conflito

armado entre o presidente João Pessoa e o coronel José Pereira Lima, que começou inicialmente por fundamentação econômica, segundo o historiador José Octávio Arruda de Mello. "O algodão era exportado por Princesa Isabel sem pagar imposto. O conflito começou porque João Pessoa queria que pagasse imposto à Paraíba, mas José Pereira exportava algodão pelo Porto de Recife", contextualizou. O objetivo de João Pessoa era dominar Princesa Isabel, mas o coronel José Pereira soube da invasão antes e armou uma emboscada em Água Branca, saindo vitorioso. O local do combate conhecido como A Batalha dos Caminhões Queimados.

Visionário contribuiu para desenvolver a saúde, educação e renda da cidade

O visionário José Alves de Freitas Vidal foi uma personalidade marcante na vida econômica e social de Água Branca, no período de 1922 a 1948. Inteligente e dinâmico, seu Zezinho, como era conhecido, começou a desenvolver atividades comerciais, agrícolas e pecuárias. A filha mais velha do segundo casamento, escritora premiada e professora aposentada, Enaide Vidal, 86 anos, conta um pouco da importância de seu pai para o desenvolvimento da cidade.

"Meu pai tinha um caráter empreendedor. Era um líder nato pois ajudou a desenvolver o município de Água Branca no âmbito da saúde, educação e produção agrícola. Preocupava-se em oferecer ao povo oportunidades de trabalho e suporte financeiro para vencer as dificuldades provenientes do atraso e da seca", revelou.

Segundo informações do livro "Centenário de Nascimento de José Alves de Freitas Vidal", da autora Enaide Vidal, seu Zezinho passou a administrar a fábrica de algodão do sogro, propiciando emprego e renda para a população que tinha na agricultura a única fonte de subsistência. "Nos meses de chuva, seu Zezinho emprestava dinheiro aos agricultores para cultivar a terra. Era uma espécie de adiantamento, pois em outubro e novembro a dívida era quitada com as arroubas de 'ouro branco'", informou o documento.

Por ser o mais letrado da cidade, seu Zezinho gostava de aprender de tudo um pouco, inclusive, sobre doenças e suas curas. Enaide conta que seu pai passou a ajudar a população mais pobre, sem cobrar nada por isso.

Mas a sua principal contribuição na saúde foi conseguir alguns tubos de vacina de varíola na cidade de Arcoverde, em Pernambuco. "Não tinha como conseguir vacina para toda a população, então papai aprendeu um procedimento inusitado. Ele vacinava uma pessoa, aí quando estava perto de formar a bolha da vacina, pegava a seringa e vacinava outra pessoa. Não me pergunte onde ele aprendeu isso, só sei que dava certo", contou.

Seu Zezinho Vidal sabia o valor da educação, então mandou as filhas Neusa e Maria Celeste, do primeiro casamento, estudar em Caruaru, pois um dos seus sonhos era montar uma escola para os filhos dos operários da fábrica de algodão. "A minha irmã Neusa foi a primeira cidadã de Água Branca a se tornar

professora. Meu pai não esperou pelos recursos do governo e construiu um grande salão ao lado de sua casa, onde Neusa passou a lecionar aos alunos", concluiu.

Em 1922 casou-se pela primeira vez com Nanuza Oliveira, com quem teve cinco filhos, mas apenas Neusa, Maria Celeste e Otília sobreviveram, a última é filha adotiva do casal. Em 1934, ele encontrou um novo amor, a jovem Gualterina, apelidada de Tetê. Em setembro de 1934, seu Zezinho e Tetê se casaram, mas um ano depois, ela parou de trabalhar porque daria luz à primeira filha do casal, Enaide Vidal, posteriormente veio Selma, Sineide, José Vidal e o último filho, Adailton. Seu Zezinho morreu prematuramente, aos 46 anos, vítima de uma doença nos rins.



Foto: Divulgação



Além dos romances: Zé Lins, o cronista

Coletânea inédita de crônicas do paraibano que chega em novembro revela novas nuances do baluarte da literatura regionalista

Fora a seleção em antologias esgotadas e raras, 'As 100 melhores crônicas de José Lins do Rego' terá material que estava disponível apenas nos jornais da época, trazendo um cronista urbano e cosmopolita

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

O escritor que é o maior símbolo do regionalismo nacional e que foi um dos grandes responsáveis pela criação do imaginário nordestino poderá ser apreciado a partir de uma perspectiva inédita. Em novembro, a Editora Global lança *As 100 melhores crônicas de José Lins do Rego* e traz à tona as nuances de um cronista urbano e cosmopolita através de textos repletos de um tom de humor por vezes sarcástico e muito observador dos variados tipos humanos.

A editora está com a guarda do espólio do paraibano desde o ano passado, depois de décadas com a José Olympio, e segue com a estratégia de fazer uma difusão da obra do autor nos 120 anos de seu nascimento, marco que é celebrado no Estado através do Ano Cultural dedicado ao escritor que ganhou mais fama pelos seus romances do chamado Ciclo da Cana-de-Açúcar.

Na obra, a narrativa memorialista centrada no seu ponto de vista geográfico e

com a paisagem rural bastante definida cedem espaço para crônicas em um formato muito próximo do ensaio e da carta, com regras mais flexíveis, e que acabam se articulando muito bem com as temáticas díspares sobre as quais José Lins do Rego trata nesta coletânea. "É muito gostoso ler Zé Lins. Ele continua atual e continua despertando pelas crônicas muito interesse pelo leitor jovem, mesmo que não o tenha conhecido ou saiba o significado literário de Zé Lins, ele vai sim se encantar e entreter com a ficção e as microficcões", acredita Bernardo Borges Buarque de Hollanda, professor e organizador de *As 100 melhores crônicas*.

Para fazer essa seleção, o pesquisador procurou cobrir toda a produção cronística do paraibano. Bernardo Borges buscou focar nos livros que, em vida, José Lins do Rego publicou, mas que não foram reeditados. Ou seja, são livros em primeira edição, e muito pouco conhecidos do grande público. Essas obras foram publicadas durante o período em que Zé Lins morou no Rio de Janeiro entre 1935 e 1957,

a mais extensa de permanência dele em uma cidade, onde ele produziu coletâneas como *Gordos e Magros* (1942), *Poesia e Vida* (1945), *Bota de Sete Léguas* (1952) e *Gregos e Troianos* (1957), todas raras ou esgotadas, a ponto de serem apenas "garimpadas" nos sebos, físicos ou virtuais.

Foi pesquisado também o material que estava disponível apenas nos jornais da época, portanto ainda inédito em livro. E Zé Lins foi um prolífico colaborador dos maiores jornais no Rio de Janeiro e São Paulo (mesmo não tendo residido na capital paulista), como *O Globo*, *Jornal dos Esportes*, *Diários Associados*, *Folha de S.Paulo* e *Estado de São Paulo*.

Entre os textos produzidos para os periódicos, um aspecto muito importante da colaboração de Zé Lins como cronista se deu quando ele inicia sua coluna no jornal *O Globo* no âmbito do cinema. "Ele fez uma série tão interessante quanto desconhecida sobre esse aspecto. Eram basicamente críticas e comentários sobre os filmes que ele ia assistindo nas salas de cinema da época", destaca

Bernardo Borges, lembrando que o cinema no Rio de Janeiro, com a Cinelândia e com todo o aporte de uma rede de salas de exibição, proporcionava uma efervescência cultural para o carioca nos anos 1940 e 1950.

Ainda entre as crônicas para *O Globo*, o paraibano produziu a série *Conversas de Lotação*. Lotação era um meio de transporte público da época que se parecia em termos de espaço com as atuais vans. Em sua terceira residência no Rio, quando morou no Leblon nas imediações do Jardim Botânico, o escritor paraibano deslocava-se nessas lotações do bairro da Zona Sul para o Centro da cidade, onde estava a livraria José Olympio, e observava os personagens que entravam, ouvia suas conversas e citações. "A partir dessas vivências e experiências no lotação, ele escrevia suas crônicas, como o chofer do lotação, da viúva, da moça que entra e desencadeia uma conversa sobre política, engarramentos e dados do cotidiano que avultam nessa série", descreve o organizador.

José Lins morreu em 1957, aos 56 anos de idade, portanto há 64 anos. A ideia da crônica é de ser um texto para ser lido em um dia e no dia seguinte já ser esquecido, uma vez que as notícias mudam e o leitor já possui uma série de informações que se sobrepõe às anteriores. Mas para Bernardo Borges, isso não ocorre com a produção cronística do paraibano. "As crônicas de José Lins podem ser lidas em qualquer momento. Embora algumas delas sejam datadas, referentes a pessoas específicas que muitos de nós não sabe mais identificar por não terem ganhado uma projeção posterior, mas, mesmo assim, me parece que ele tem uma capacidade de descrever tipos humanos que são quase como arquétipos de personagens sociais e culturais que trazem muito mais que uma singularidade", classifica ele.

O interesse de Bernardo Borges por Zé Lins começou da mesma forma que ocorre com tantos estudantes que tomam conhecimento da obra do paraibano através de indicações de leitura obrigatória nas salas de aula. Mas foram exatamente as crônicas espor-

tivas de Zé Lins que transformaram o amante em literatura e futebol, em especial pelo Flamengo, em um pesquisador das obras do escritor de *Menino de Engenho* e *Fogo Morto*. Isso foi em 2001, quando Bernardo ingressou no mestrado na PUC-RJ em História Social da Cultura e realizou um mapa da produção desse gênero literário. "Ao longo de 20 anos, eu venho me debruçando com leituras, pesquisas e levantamentos em torno dessa produção cronística", aponta.

Bernardo Borges, como o sobrenome Buarque de Hollanda indica, é primo em terceiro grau do escritor Aurélio Buarque de Hollanda (1910-1989). Mesmo ainda garoto, Borges se lembra do parente alagoano sinônimo de dicionário em português e que era amigo de José Lins do Rego, formando com ele o grupo que ficou conhecido como "Roda de Maceió", reunindo escritores como Jorge de Lima, Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, Valdemar Cavalcanti e Aloísio Branco. Aurélio Buarque de Hollanda é primo em segundo grau do cantor, compositor e escritor Chico Buarque.

Obra é dividida por temas que caracterizam a produção de Zé Lins

Segundo o pesquisador Bernardo Borges Buarque de Hollanda, a antologia terá crônicas sobre o Nordeste, filmes, política, artes, esportes e a crônica de viagem

Foto: Ricardo Matsukawa/Divulgação



O livro *As 100 melhores crônicas de José Lins do Rego*, a ser lançado no final deste ano pela Editora Global, está estruturado em uma divisão temática que contempla os principais eixos de assuntos que interessam ao cronista José Lins do Rego ao longo de sua vida. Elas são seis e a primeira é dedicada justamente ao Nordeste. "Aí a gente encontra digressões, personagens, episódios que são descritos em uma chave memorialística. Isso foi assegurado como uma porta de entrada na obra, até porque ele traz o aspecto mais conhecido da literatura de José Lins do Rego", explica o organizador da obra, Bernardo Borges Buarque de Hollanda. "Embora seja um cronista da cidade, e aí é um ponto de convergência entre as crônicas e o romance, existe uma boa série de textos jornalísticos que remetem às lembranças de infância do escritor", complementa o pesquisador.

Além da parte dedicada ao cinema, outra frente que é bastante explorada na obra para o livro é o lado do cronista de futebol que

Zé Lins produziu para a coluna *Esporte e Vida*, no *Jornal dos Esportes*. "Ele tem um número espetacular, extraordinário eu diria, de crônicas entre 1945 e 1957, que são mais de 1500 crônicas sobre esporte, futebol, Flamengo e Seleção Brasileira. Então, essa parte não poderia faltar", antecipa.

Outro tema estruturante do livro são os textos sobre política, políticos e personalidades do poder. "José Lins do Rego ia assistir às audiências no Senado Federal, na Câmara de Vereadores, onde duelavam mestres da oratória como Carlos Lacerda (1914-1977) e Ary Barroso (1903-1964) – o compositor que foi eleito pela UDN como vereador em 1946".

A antologia também abre espaço para as crônicas de viagem de Zé Lins para a Argentina, Portugal, países da Escandinávia, em especial para a Suécia, além de Israel e a Europa como um todo.

A última parte de *As 100 melhores crônicas* é dedicada para as artes, cultura e personalidade artísticas como Van Gogh (1853-1890), Picasso (1881-1973) e outros tantos

que se tornaram ícones das artes modernas. "As vezes, ele comenta e dedica uma crônica, ou, às vezes, é uma digressão ou uma homenagem quando ele passeia por um museu", resume Bernardo Borges.

Em comum em todas as temáticas do livro está a ênfase em José Lins ser um cronista urbano, com um olhar sobre aquilo que acontece no dia a dia de uma grande cidade, no caso, a então capital da república, o Rio de Janeiro. "Essa me parece uma diferença e uma conclusão que é possível os leitores tirarem a partir desse cotejo entre o romance e a crônica".

O romance de José Lins do Rego foi pensado sobre a forma cíclica, foi uma série de histórias que se desdobram entre eles. "Se a gente pegar *Menino de Engenho*, *Doidinho* e *Bangüê*, ele é uma narrativa de uma *bildung*, como diriam os alemães, que são romances de formação de um menino em crescimento. Ele traz essa característica muito atada com o movimento regionalista (ou o romance social de 1930)", compara o pesquisador.

Artigo **Estevam Dedalus**
Sociólogo | colaborador

Paul, John e Russell

Certas experiências são radicalmente capazes de redefinir os rumos de nossas vidas.

O impacto do nascimento de um filho, uma paixão avassaladora, a morte de uma pessoa que amamos, a descoberta de novos conhecimentos, uma epifania religiosa, a leitura de um livro ou mesmo a audição de uma música.

Paul McCartney, durante uma entrevista, contou sobre a importância da experiência de ter conhecido o filósofo Bertrand Russell.

Paul tomou a iniciativa de ir até a casa de Russell, em Londres, sem ser convidado, depois que um amigo disse onde ele morava.

Chegou de surpresa, batendo na porta, arriscando não ser recebido.

Bertrand Russell foi muito gentil.

Seguiu-se, então, uma conversa instigante e reveladora sobre o mundo e a Guerra do Vietnã.

Essa foi a primeira vez que Paul deu a devida atenção para o conflito.

A experiência com Russell, na ocasião o maior filósofo britânico, seria tão impactante que o músico correu para contar aos seus companheiros de banda.

Na noite daquele mesmo dia, durante o ensaio dos Beatles, Paul falou sobre o encontro e as coisas que ouviu, as objeções de Russell à Guerra do Vietnã, e a sua fé no progresso da humanidade.

A partir dessa conversa, John Lennon teria decidido se tornar um ativista.

Segundo Paul, muitas pessoas perguntam se a música é capaz de mudar o mundo.

Sua resposta, às vezes, costuma ser: você já viu alguma imagem das pessoas cantando 'Give Peace a Chance' em frente à Casa Branca?

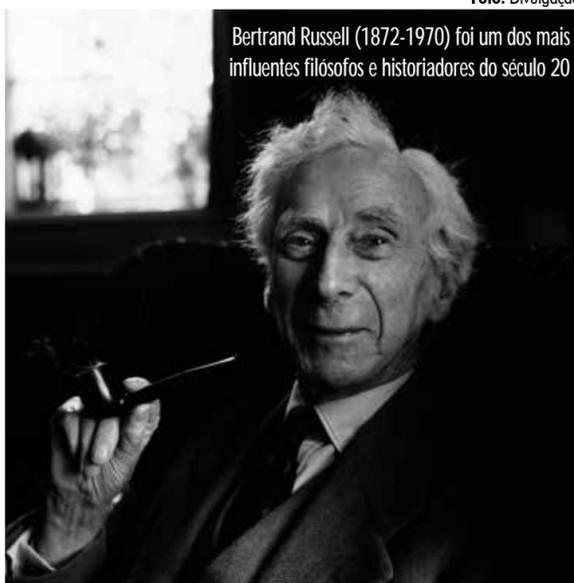


Foto: Divulgação

Bertrand Russell (1872-1970) foi um dos mais influentes filósofos e historiadores do século 20

*All we are saying is give peace a chance
All we are saying is give peace a chance
Ev'rybody's talking about John and Yoko,
Timmy Leary, Rosemary, Tommy Smothers,
Bobby Dylan, Tommy Cooper, Derek Taylor, Norman
Mailer,
Alan Ginsberg, Hare Krishna,
Hare, Hare Krishna
All we are saying is give peace a chance
All we are saying is give peace a chance*

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

Existir a partir do diálogo

As contribuições do filósofo, teólogo, escritor e pedagogo austríaco Martin Mordechai Buber (1878-1965) estão relacionadas a tese de que o sentido da existência é construído a partir do diálogo, e que os objetos existem quando há uma interação com eles. Buber criou os conceitos "Eu-Tu" (relação) e "Eu-Isso" (experiência), a fim de demonstrar as duas dimensões do diálogo que constitui a existência. Enquanto o "Tu" absorve tudo que não pode ser objetivado pela consciência, o "Isso" diz respeito à experiência da objetificação. Ele afirmou: "Todo verdadeiro viver nasce no encontro, no entre o 'Eu' e o 'Tu'". Percebe-se nessa dependência a harmonia das relações da natureza humana com o ambiente. Buber usou a sua tese para construir, na política, o diálogo da tolerância a favor da unidade na coexistência da diversidade entre os povos. Isso está fundamentado no seu livro *Eu e Tu* (1923).

As contribuições de Buber estão relacionadas às reflexões filosóficas sobre a vida, a partir das relações inspiradas na fenomenologia; apresenta uma filosofia social fundamentada numa ética humanista. As aplicações práticas de suas teses ajudam a pensar as relações humanas na clínica médica ou psicológica, trazendo para a ação humanista a tolerância à diversidade.

A intersubjetividade entre sujeito e objeto e/ou sujeito e objeto, também entre indivíduos no ambiente da ação, ou na liberdade de ação, implica a capacidade de inter-relacionamento harmonioso com o "Outro". Buber entendeu que o relacionamento acontece entre o "Eu" e o "Tu", e denomina-se relacionamento "Eu-Tu". Essa inter-relação inclui o diálogo, o encontro e a responsabilidade, entre dois sujeitos e/ou a relação que existe entre o sujeito e o objeto. As implicações do pensamento de Buber contribuíram para construção da paz entre culturas de vários países, também no campo político. Aplica-se à pedagogia a importância do diálogo ao processo educativo, que deve privilegiar a conversa e a cooperação entre as crianças, porque, para Buber, saber se relacionar é mais importante do que ser individualmente bem-sucedido. E, no início da vida, a criança vivencia o mundo admirando o "Outro", o "Tu". Esse "Tu" ajudará na constituição do

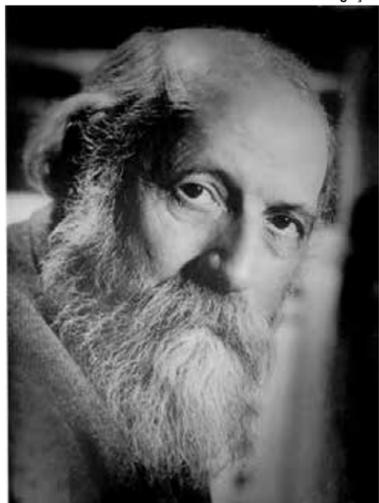


Foto: Divulgação

Para o filósofo austríaco Martin Mordechai Buber: "A relação 'Eu-Tu' é um ato essencial do homem"

"Eu", na medida em que a criança for percebendo seus próprios limites em relação ao que ela imaginava sobre as pessoas que a cercam.

Buber afirmou: "A relação 'Eu-Tu' é um ato essencial do homem, é a atitude de encontro entre dois parceiros na confirmação mútua". Essa união tem como pressuposto que a existência se apresenta através do diálogo harmonioso. Diante desse desafio, geralmente, o "Eu" tem a ilusão de ser onipotente e vive num mundo de fantasias. A partir da maturidade do afeto e da tolerância social, o sujeito percebe que não é perfeito e sempre dependerá das relações que estabelece com o "Tu". Faz-se necessário que o "Tu" seja acolhido na ternura.

É na relação entre o "Eu" e o "Tu", que surge o chamado impulso de criação, pelo qual o ser humano, ao se encontrar vivendo com outros, passa a ter a necessidade de criar objetos a si próprio. "Tudo o que aparece e acontece com o homem se transforma em algo motor, num poder fazer ou em um querer fazer", escreveu Buber.

O impulso de criação não deve ter a finalidade de possuir algo para si próprio, mas o fazer em harmonia com o outro, porque a criatividade e o sucesso devem surgir através da reciprocidade. Nessa unidade na diversidade, Buber afirmou que "desejamos que o mundo se torne a pessoa presente que nos acolhe e reconhece, assim como nós a ela, que se confirma em nós, assim como nós nela". Essa

tese prioriza a habilidade de relacionar com os outros em harmonia. O humanismo de Buber é aplicado para construir o equilíbrio das multiplicidades ideológicas em cada ser humano, cultura e países, a fim de preservar o pertencimento de todos e a conciliação nos diálogos. Esse enfrentamento potencializa a capacidade de perceber e dar sentido ao mundo, que constitui a própria essencialidade.

As ideias de Buber influenciam a filosofia da fenomenologia ao estabelecer relações entre a Metafísica e o que é a existência; e o humanismo, que tem a preocupação com o homem e não com uma verdade absoluta que o excluiria das próprias dúvidas. A fenomenologia afirma que todo conhecimento se dá a partir de como a consciência interpreta os fenômenos através de uma intencionalidade. Nesse contexto, o mundo só pode ser compreendido a partir da forma de como se apresenta na consciência humana, e os fenômenos são a manifestação da própria consciência, por isso, todo conhecimento é uma compreensão de si. Conclui-se que o sujeito e objeto se tornam uma unidade e a mesma coisa. Entende-se por fenômeno o que possui uma aparição, que pode ser observável e são entendidos pela representação, que a consciência faz do mundo. E o conhecimento é construído a partir de perspectivas da consciência quando estão organizadas e retiradas em suas particularidades. Isso gera a intuição sobre a essência de uma ideia ou o "Tu". Esses fenômenos da consciência são manifestações que só possuem sentido quando há uma necessidade e intencionalidade. As teses de Buber apresentam à consciência a unidade na diversidade e o processo de construir – com o outro – a percepção de mundo a partir da dignidade do diálogo.

■ Sinta-se convidado a audição do 331º Domingo Sinfônico, deste dia 15, das 22h às 0h. Em João Pessoa-PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Vamos conhecer o violinista israelita Itzhak Perlman (1945). Ele une jovens de vários países a fim de massificar a música erudita e construir a paz entre os países. Isso deu ao Perlman mais de vinte prêmios internacionais. Perlman vai interpretar peças com temas ciga-

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Bethânia é meu Voltaire

Maria Bethânia é uma luz que acende nossos dias breus. Não é apenas uma cantora. É uma entidade, uma voz que vem da natureza, dos recôncavos mais antigos. É quase uma sertaneja, cuja faceta de atriz sempre se pronunciou no trabalho da maior intérprete da música popular brasileira.

Noturno, o nome do disco novo, poderia ser *Diurno*, final de tarde, hora do sereno, de madrugada. É tão lindo, tão triste, tão recorrente as nossas dores, dia do bendito que ela louva, o velho Chico.

Bethânia é filha das águas, parida na mais bendita hora. Nunca vi tanta beleza num disco só, tanto padroeiro, tanto Jesus e tanta Maria Bethânia. Parece que ela canta dentro de um oratório.

Em performances no palco, ela supera todos os domínios completos sobre a cenografia, a coreografia e iluminação e, mesmo quando grava um disco em estúdio, o canto tem a dramaturgia como aliada. Maria Bethânia vem da luz dos candeeiros.

Tudo isso e muito mais pode ser observado nos trabalhos anteriores e está bem dentro, bem presente em *Noturno*, álbum físico e digital da Biscoito Fino.

Abre o disco com um clássico 'Mesa de Bar', de Bidu Reis e Haroldo Barbosa, que Alcione gravou, que Nora Ney gravou e parece uma canção de cinema: tanta gente gravou, que os Trovadores Noturnos gravaram. Angela Maria também gravou, mas a sua versão é dolente.

A canção 'Bar da Noite' é a única que não é inédita e nos remete ao início de sua carreira, quando ela cantava em boates de Copacabana. Ela disse que 'Bar da Noite' cantava no encerramento do show *Claros Breus*. "Quis fazer o trajeto do escuro até chegar à luz. Conheço esta canção, na voz de Nora Ney, desde menina. Sou apaixonada por ela. Ela representa um grande momento do rádio brasileiro", disse a cantora, em uma das entrevistas nacionais.

A segunda faixa é 'O Sopro do Fole', do sobrinho Zeca Veloso, é uma canção em que ela sopra o vento do tempo, de toda estrada, feita para Bethânia cantar. Um jovem compositor coloca na voz da tia, uma canção amadurecida. "Eu vivo no mundo, não sou daqui", diz a letra.

Canta Adriana Calcanhotto, Chico César, Tim Bernardes, Roque Ferreira, Chico César, Maria Teresa Martius Cadierno, Paulo Dafilin, Xandre de Pilares e Serginho Meriti. Na faixa 'Cria da Comunidade', Xandre canta com ela.

Muitas *Bethânias* numa só. Nasceu para isso, nos fazer alegre e triste, nasceu para ultrapassar séculos, para nunca morrer. Nasceu uma menina profunda.

A força da sua voz sai do Rio, dos orixás da Bahia e nos visita todos os dias, com o drama mais tocante em todos os atos, da interpretação à convicção musical, ressaltadas por ela, além de um poema antigo *Uma Pequena Luz*, mas o poema nunca é antigo.

Bethânia é meu Voltaire, meu transe atlântico, minha vida sozinha, meu pé na estrada, o frio, o sol e a chuva. E só há conforto num cenário assim.

Escute *Noturno* o dia todo, todo dia que sobrevivermos, a canção fica a pairar e o relógio avança na lentidão das horas.

"No momento que divide a noite da manhã, *Noturno* ecoará suas canções", disse a cantora em publicação nas redes sociais.

Curioso como o tempo nos transforma e nos massacrava. Na janela, a chuva rasga o céu, fecho os olhos e escuto *Noturno* sem querer saber que horas são.

Kapetadas

1 - Vou meditar mas não vou transcender agora se segura malandro pra atingir o nirvana tem hora.

2 - Quando morre o dono, o despertador se entrega ao sono.

3 - Som na caixa: "Luminosidade, da idade que é a vida, da candeia ascendida. No coração do espaço, Luminosidade", de Chico César, do disco novo da cantora baiana.

Foto: Jorge Bispo/Divulgação



"No momento que divide a noite da manhã, 'Noturno' ecoará suas canções"

Colunista colaborador

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

As memórias dos Luna Freire sobre o poeta Américo Falcão

Quando ainda jovem, finalizando o ginásio no Grupo Escolar João Úrsulo, em Santa Rita, mas já com um pé no Liceu Paraibano e enfronhado na Aliança Francesa, de Ramondot, que funcionava entre os bambuzais do Parque da Lagoa, eu tinha como hábito portar embaixo do braço e discutir com meu primo Reginaldo Antonio de Oliveira, as poesias de Américo Falcão, Augusto, Albino Forjaz e Omar Khayyam (Rubaiyat). Mais tarde, Reginaldo se tornaria escritor e advogado. Posteriormente, juiz da Comarca de Brejo do Cruz, depois, de Itabaiana. Sua ascensão à Magistratura influenciou-me sobremaneira, fazendo com que eu seguisse seus passos, também no curso jurídico da Antiga Faculdade de Direito, nos últimos anos em que funcionou na Praça João Pessoa. Onde consta, ainda hoje, a minha placa de colação de grau.

Sempre nos foi prazeroso ver-sejar Américo, sobretudo em seus *Soluções de Realejo*, um dos últimos rebentos do vate. Livro que ofertei, recentemente, ao amigo e também poeta Sérgio de Castro Pinto. Os versos de Américo motivaram ilustre paraibano, figura igualmente respeitada da nossa literatura, que escreveu: "Cultor da fantasia estética, procurou também a vida, através da associação humana. Um coração que chorava em versos, uma alma torturada pelo fogo das paixões, onde se aflora e abraça os peitos angustiados." E esse paraibano, que tão bem soube captar a verve americista, foi Domingos de Azevedo Ribeiro, a quem conheci quando fazia a editoria do Segundo Caderno do jornal *O Norte*, naquela sexta-feira de fevereiro de 1980, em que publiquei o meu artigo com referências à Américo Falcão. A partir de então, reacendeu mais uma luzinha em mim sobre o poeta conterrâneo. Assim, passei a conhecer melhor Domingos de Azevedo, até por sermos dos quadros da Associação Paraibana de Imprensa (API).



Foto: Divulgação

Cena de 'Américo - Falcão Peregrino', filme de Alex Santos, com Ricardo Moreira (D) e Joelma Cavalcanti (E)

Recentemente, enquanto escrevia algumas linhas sobre Américo Falcão, para um trabalho a ser publicado por *A União* ainda este ano, sobre figuras paraibanas ilustres, recebi de minha filha, a advogada Alexandra Cavalcanti Luna, alguns textos sobre o bardo de Lucena. São escritos de havia muito tempo guardados pelo seu dileto amigo forense Jorge de Luna Freire, filho do autor e influente homem público, escritor e também advogado, João Leles de Luna Freire. Nos referidos escritos, mais aprovação da singularidade de Américo Falcão na poesia paraibana.

Fundador da Academia Paraibana de Letras (APL), Américo Falcão (cadeira 38) foi contemporâneo do escritor João Leles de Luna Freire, cadeira 21 do IHGP, que em seu livro *Maiores e Menores*, à página 88, assim escreveu: "Américo Augusto de Souza Falcão foi o poeta do marulho das ondas, das praias claras e ensolaradas, das palmeiras esguias e balouçantes que enfeitavam a orla atlântica da Paraíba. O queixume do mar, esse

eterno inquieto, foi a nota destacada de sua poesia canora e leve." Cenografias humanas e vegetais assim, tão bem desenhadas, que nos levaram a produzir *Américo: Falcão Peregrino* (<https://youtu.be/jhrC-5yQx3M>).

Também na *Coletânea de poetas paraibanos*, editada pela Minerva do Rio de Janeiro (1953), o paraibano Luiz Pinto destaca, textualmente, o que afirmou o escritor e acadêmico Humberto Nóbrega, sobre Américo Falcão: "Era um artista nato. Sua arte não emergia das lágrimas de outros poetas, mas promanava daquela romântica Lucena, cheia de sussurros e gemidos do velho mar, agitada pelo 'leque de coqueiros' eternamente beijada pelos lampejos do mar."

Assim (*in ipsa lyrics*), rebobinando nosso poeta... - Tempo devastador, perdido, ousado, / Como tudo transformas, de repente! / Enleias nossas almas no presente, / Como para esquecermos o passado... (*O Tempo*, de Américo Falcão) - Mais "coisas de cinema", acesse nosso blog: www.alexantos.com.br.

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

Um poeta, uma pesquisadora

"Só me lembro de fragmentos. A memória é, inevitavelmente, algo sempre recriado". Eis a epígrafe que o poeta Geraldo Fidelis da Silva toma de empréstimo a Haruki Murakami, em seu livro *Tear da memória*. Já para epigrafar *O poeta parvo*, vale-se das seguintes palavras de Patti Smith: "Por que escrevemos? Irrompe um coro. / Porque não podemos somente viver". Ambas as coletâneas integram um só volume, em edição da Arte Rika, João Pessoa, 2018. A série de poemas do primeiro parece se conduzir pela diretriz semântica da epígrafe citada. Cada texto como que se constitui num pequeno fragmento lírico que impulsiona a tecelagem da memória pelo rito da criação e da recriação de instantes, de paisagens, de lugares, de criaturas, de coisas e fenômenos, a compor um tapete mágico de lembranças que se cristalizam na possibilidade do poético. De um poético tecido pela naturalidade da palavra simples, do verso cadenciado e da percepção emotiva atenta ao fluxo da recordação essencial, como podemos verificar, por exemplo, no poema *Ourives*, em seu andamento afetivo: "Juca Policarpo, / meu avô materno, / era ourives. / Em sua tenda misteriosa / concebia peças / do mais fino labor. (...) Ah... meu avô construía memórias!". O afeto, é verdade, comanda esse périplo por dentro do coração. Fidelis é um poeta que não teme a pressão dos sentimentos subjetivos na tentativa de convertê-los em sentimentos estéticos. O tom testemunhal, comum ao lirismo que se confessa, às vezes cede espaço para um timbre de cariz mais reflexivo, presente em textos, como *À sombra do tempo*, a exemplo de sua última estrofe ("Quem sabe, no fundo / mentiras sejam memórias / verdades, meras histórias"). Em *O poeta parvo*, a metalinguagem imprime o ritmo e a ideação na tessitura dos poemas. Destaca *Para além do texto*, sobretudo pelo vigor e pela originalidade da metáfora final, senão vejamos: "Para além do texto / do verso, da metáfora / do parêntese, das aspas / do assombro // a rota do olhar vesgo / o som cru de uma guitarra / o peso infame da caspa / nos ombros". Memória e metalinguagem definem, assim, a dicção lírica deste poeta, para integrá-lo numa tradição expressiva da modernidade, precisamente aquela que adota a palavra singular e o conteúdo emotivo sob o controle e a medida da razão literária. Geraldo Fidelis não é um estrepante. Já publicou dois livros nos anos 80: *Sol e Mercúrio* (1983) e *Garoa* (1985). Mineiro que viveu em São Paulo e Porto Alegre, hoje radicado em João Pessoa. Mesmo que tenha passado 32 anos sem publicar, certamente vem cultivando o gosto de se exercitar na fatura da palavra poética, como nos comprova com esse volume de dois livros conjugados.

Maria do Socorro Silva de Aragão estabelece um outro percurso, tendo, na pesquisa literária, o seu foco de atuação principal. De um lado, a investigação lexicográfica e filológica, associada à reflexão acerca de temas linguísticos; de um outro, o rastreamento biográfico de nomes decisivos no universo da literatura brasileira moderna e contemporânea, a exemplo de José Lins do Rego, José Américo de Almeida e Augusto dos Anjos. Dados biobibliográficos, fortuna crítica, fotobiografias, vocabulários, regionalismos linguísticos, oralidade idiomática, tudo se conjuga sob o olhar analítico da professora, voltada, em especial, para o tecido da linguagem enquanto componente fundamental das obras e dos autores. O mais recente fruto do princípio organizador, do domínio do conteúdo e da capacidade de pesquisa, que regem a sua intervenção intelectual, se materializa no *Dicionário da obra de Augusto dos Anjos* (João Pessoa: Midia Gráfica, 2020). Obra de referência que traz a assinatura de seu confrade na APL, o professor Milton Marques Jr., numa Apresentação de nítido caráter ensaístico, *O léxico de Augusto dos Anjos: uma expressão que não chegou à língua*. Verdade. Essa expressão, moldada numa sintaxe, numa semântica e numa metrificacão heterodoxas, se impõe como linguagem, e como linguagem eminentemente poética, em acendrado e permanente conflito com os limites vocabulares e canônicos da língua. Houaiss já chamava a atenção dos leitores e dos estudiosos da poesia de Augusto dos Anjos para a necessidade de um dicionário que pudesse esclarecer as especificidades dos muitos termos filosóficos e científicos que invadem a áspere melodia de seus versos. Francisco de Assis Barbosa e Manuel Cavalcanti Proença também se preocuparam com o problema, tocando em pontos essenciais daquilo que poderíamos chamar de o idioleto anjelinho. Maria Helena da Cruz Silva e Anice Brito Lira de Oliveira também deram sua contribuição com o *Vocabulário poético do Eu: glossário*, publicado pela APL, na Coleção Literatura Viva, em 1986. Em seu dicionário, Socorro amplia o espectro lexical ao mesmo tempo em que intenta a tradução dos termos dentro dos versos, permitindo, assim, ao leitor, o acesso aos significados denotativo e conotativo das palavras. A citação do verso e a indicação do poema nos quais se encontram o vocábulo, por sua vez, facilitam o processo de consulta e auxilia, sem dúvida, a análise e a interpretação do texto. Na qualidade de obra de referência, não poderia faltar o espírito didático e pedagógico a compor o itinerário cognitivo de esforços como esse. Se existem dificuldades no contato com a linguagem do poeta do Tamarindo, sobretudo quando se pensa no leitor jovem, no estudante e naqueles que se iniciam na aventura de atravessar a floresta de signos do *Eu*, tais dificuldades podem ser atenuadas com as lições introdutórias desse dicionário, em tudo louvável e oportuno.

Colunista colaborador

APC reúne sua diretoria

A presidente da Academia Paraibana de Cinema (APC), atriz Zezita Matos, reuniu esta semana sua diretoria, para tratar de assuntos relacionados a atual gestão, visando traçar novos planos e ações da entidade para o ano de 2022.

A reunião, que desta vez aconteceu de maneira especial no bairro do Bessa, no Cine Mirabeau, contou com a participação de alguns integrantes da APC. De forma presencial e remota, da reunião participaram, além de Zezita, os professores João de Lima, Alex Santos, Mirabeau Dias, Fernando Trevas e João Carlos Beltrão.



Em cartaz

ESTREIAS

DOIS + DOIS (Brasil. Dir: Marcelo Saback. Comédia. 16 anos). Diogo (Marcelo Serrado) e Emília (Carol Castro) estão juntos há 16 anos, têm uma filha adolescente, e passam por uma fase entediante. Mas tudo vira de cabeça pra baixo quando eles descobrem que os melhores amigos, Ricardo (Marcelo Laham) e Bettina (Roberta Rodrigues), têm um casamento aberto. Mais do que isso, são adeptos da prática de troca de casais, vivem super seguros com a escolha e tentam convencê-los de que é possível ser muito feliz levando esse estilo de vida, digamos, mais liberal. A notícia cai como uma bomba. Depois de reagir mal à ideia, Emília se anima e convence Diogo a pelo menos ir a uma festa com a "turma" de Ricardo e Bettina. É aí que começa uma série de acontecimentos que vai abalar a vidinha mais ou menos do casal. Será que eles vão deixar o ciúmes de lado e acabar aderindo à prática? CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 18h45 - 21h55.

O HOMEM NAS TREVAS 2 (Don't Breathe 2. EUA. Dir: Rodd Sayagues. Suspense. 16 anos). Anos após os eventos do primeiro filme, o Homem Cego (Stephen Lang) vive escondido em uma isolada cabana, com uma garota órfã que ele começou a cuidar após um incêndio. Mas sua existência pacífica é dilacerada quando um grupo de sequestradores levam a garota, forçando-o a sair do seu lugar seguro para salvá-la. CINÉPOLIS MANAÍRA 4 (dub.): 14h45 - 17h15 - 19h45; CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP (leg.): 15h45 - 18h15 - 20h45; CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 15h45 - 18h10 - 20h30; CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 19h; CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 15h25 - 17h20 - 19h15; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 16h25 - 18h20 - 20h15.

O PODEROSO CHEFINHO 2: NEGÓCIOS DA FAMÍLIA (The Boss Baby: Family Business. EUA. Dir: Tom McGrath. Comédia e Animação. Livre). Os irmãos Tim e Ted, agora estão adultos e vivendo vidas separadas. Enquanto Tim construiu uma vida calma no subúrbio com sua esposa, Carol, e as filhas, Tabitha e Tina,

Ted se transformou em um megaempresário que resolve todos os problemas com dinheiro. Mas quando Tim descobre que sua filha caçula também é agente do BabyCorp, ele precisará da ajuda do irmão mais novo para lidar com a situação. CINÉPOLIS MANAÍRA 2 (dub.): 13h45 - 16h15 - 18h50; CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 13h20; CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 13h45 - 16h15 - 19h; CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 14h45 - 16h45 - 18h45; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 15h45 - 17h45 - 19h45.

CONTINUAÇÃO

O ESQUADRÃO SUICIDA (The Suicide Squad. EUA. Dir: James Gunn. Super-Herói, Ação, Aventura e Fantasia. 16 anos). O governo envia os supervilões mais perigosos do mundo para a remota ilha de Corto Maltese, repleta de inimigos. Armados com armas de alta tecnologia, eles viajam pela selva perigosa em uma missão de busca e destruição com o Coronel Rick Flag. CINÉPOLIS MANAÍRA 7 (dub.): 16h - 19h; CINÉPOLIS MANAÍRA 9 - MacroXE (dub.): 14h - 17h - 20h; CINÉPOLIS MANAÍRA 10 - VIP (leg.): 15h - 18h - 21h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 1 (dub.): 15h - 18h - 21h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: 14h (dub.) - 17h (dub.) - 20h (leg.); CINE SERCLA TAMBIA 5 (dub.): 14h30 - 17h - 19h30; CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 15h30 - 18h - 20h30.

JUNGLE CRUISE (Jungle Cruise. EUA. Dir: Jaume Collet-Serra. Aventura e Fantasia. 10 anos). Frank (Dwayne Johnson) trabalha como capitão de um barco em uma atração turística totalmente fantástica. Quis o destino que suas habilidades fossem colocadas à prova. Isso acontece quando ele conhece Lily (Emily Blunt), uma exploradora que não mede consequências para dar andamento em suas investigações. Quando ela e o irmão (Jack Whitehall) contratam Frank para comandar a embarcação numa expedição de verdade, em busca de um misterioso segredo, os perigos que os aguardavam eram mais reais do que podiam imaginar. CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 15h50; CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 16h35; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 17h35.

UM LUGAR SILENCIOSO - PARTE II (A Quiet Place Part II. EUA. Dir: John Krasinski. Terror, Suspense e Thriller. 14 anos). Logo após os acontecimentos mortais do primeiro filme, a família Abbott (Emily Blunt, Millicent Simmonds e Noah Jupe) precisa agora encarar o terror mundo afora, continuando a lutar para sobreviver em silêncio. Obrigados a se aventurar pelo desconhecido, eles rapidamente percebem que as criaturas que caçam pelo som não são as únicas ameaças que os observam pelo caminho de areia. CINÉPOLIS MANAÍRA 2 (leg.): 21h20; CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 21h30; CINE SERCLA TAMBIA 1 (dub.): 18h (apenas sáb. e dom.); CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 19h (apenas sáb. e dom.).

SPACE JAM: UM NOVO LEGADO (Space Jam: A New Legacy. EUA. Dir: Malcolm D. Lee. Comédia e Infantil. Livre). Uma inteligência artificial sequestra o filho de LeBron James e envia o lendário jogador dos Los Angeles Lakers para uma realidade paralela, onde vivem apenas os personagens de desenho animado da Warner Bros. Para resgatar o seu filho, ele precisará vencer uma partida épica de basquete contra superversões digitais das maiores estrelas da história da NBA e da WNBA. Para essa missão, King James terá a ajuda de Pernalonga, Patolino, Lola Bunny, dentre outros personagens. CINÉPOLIS MANAÍRA 7 (dub.): 13h15.

VELOZES E FURIOSOS 9 (F9 The Fast Saga. EUA. Dir: Justin Lin. Ação e Aventura. 14 anos). Dominic Toretto (Vin Diesel) e Letty (Michelle Rodriguez) vivem uma vida pacata ao lado de seu filho Brian. Mas eles logo são ameaçados pelo passado de Dom: seu irmão desaparecido Jakob (John Cena). Trata-se de um assassino habilidoso e motorista excelente, que está trabalhando ao lado de Cipher (Charlize Theron), vilã de Velozes & Furiosos 8. Para enfrentá-los, Toretto vai precisar reunir sua equipe novamente, inclusive Han (Sung Kang), que todos acreditavam estar morto. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 14h15 - 17h30 - 20h45; CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 19h; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 20h.

Serviço

• Funesc [3211-6280] • Mag Shopping [3246-9200] • Shopping Tambiá [3214-4000] • Shopping Partage [83]3344-5000 • Shopping Sul [3235-5585] • Shopping Manaira (Box) [3246-3188] • Sesc - Campina Grande [3337-1942] • Sesc - João Pessoa [3208-3158] • Teatro Lima Penante [3221-5835] • Teatro Elnaldo do Egypto [3247-1449] • Teatro Severino Cabral [3341-6538] • Bar dos Artistas [3241-4148] Galeria Archidy Picado [3211-6224] • Casa do Cantador [3337-4646]



Filme associa-se ao resgate da figura ímpar do homem que foi nascido de ventre livre, vendido como escravo aos 10 anos de idade para pagar dívidas de jogo de seu pai, se alfabetizou, estudou e reconquistou sua própria liberdade, lutando pelos outros nos tribunais

Nome vital para a Abolição, Luiz Gama vira tema de filme

História do advogado abolicionista que defendeu centenas de pessoas escravizadas reflete sobre a época

Luiz Zanin Oricchio
Agência Estado

Neste momento de luta antirracista, o lançamento de *Doutor Gama*, de Jeferson De, tem especial importância. Afinal, o filme associa-se ao resgate da figura ímpar de Luiz Gama, que nasceu livre, foi vendido como escravo, conseguiu libertar-se, estudou Direito por conta própria, defendeu centenas de negros nos tribunais e tornou-se figura de proa do abolicionismo.

Jeferson De retrata a história do personagem em traços curtos e bem definidos. Na infância, filho de uma mulher negra e um português. Nascido livre, foi vendido como escravo, aos 10 anos, pelo próprio pai, para pagar dívidas de jogo. Depois vemos o jovem, que consegue se alfabetizar apenas aos 17 anos, conseguindo a alforria, tornando-se um autodidata, escritor e depois jurista.

Por fim, numa passagem crucial, síntese de toda a ação de Gama, ao defender no tribunal um homem negro acusado de haver matado o patrão. Três atores interpre-

tam o personagem nessas fases: Pedro Guilherme (infância), Angelo Fernandes (juventude) e César Mello (maturidade). Gama nasceu em 1830, em Salvador, e morreu em São Paulo, em 1882, provavelmente por complicações de diabetes. Não viveu, portanto, para assistir ao ato final da escravidão, em 1888. Mas contribuiu decisivamente para que ele acontecesse.

Esse talvez seja o cerne do recorte proposto por Jeferson De – a Abolição não seria fruto de um ato isolado de generosidade vindo de uma princesa branca, mas resultado da luta prolongada de muita gente, Luiz Gama entre elas.

Desse modo, *Doutor Gama* não ignora os sofrimentos e a ignomínia da escravidão, mas não dá a esses aspectos o mesmo relevo que outros filmes. A luta se sobrepõe à dor. Não a nega, mas desloca o ponto de vista e coloca a ação em primeiro plano. É uma obra propositiva, exemplar nesse sentido. Ajuda a divulgar um personagem fundamental para pessoas que talvez o conheçam de maneira apenas aproximativa. E

que talvez se inspirem em seu exemplo.

Aliás, o momento atual tornou-se ideal para o resgate de uma figura como Luiz Gama. Com a onda antirracista do *Black Lives Matter* (“Vidas negras importam”), o legado de Gama começa a vir à tona. Ele, que em sua época foi impedido de formar-se, agora é Doutor Honoris Causa pela Universidade de São Paulo. Suas obras completas, em dez volumes, serão publicadas pela Editora Hedra. Não se trata apenas de escritos jurídicos, mas artigos em jornais, poemas, sátiras, correspondência, num total de mais de cinco mil páginas, que testemunham um intelectual ativo e influente em sua época. É de se supor que essa publicação seja acompanhada de muito debate e repercussão pública, o bastante para fazer de Luiz Gama um personagem mais complexo, abrangente e com posição de destaque na história brasileira.

Nesse sentido, o trabalho de Jeferson De cumpre importante missão ao optar por um registro simples, que torna a figura do abolicionista bastante fácil de ser assimilada,

inclusive por públicos desacomodados a malabarismos cinematográficos. É um filme “papo reto”, que vai direto ao ponto, sem enrolações.

Por outro lado, em sua simplicidade, é bastante consistente como obra de época. Não cedendo à facilidade da mitologia em torno de Gama, trabalhou com consultoria histórica e procura fazer dele uma pessoa humana, com dúvidas e dificuldades a vencer pela frente. Enfrenta, também, os desafios de ser uma obra de época, ambientada em parte numa São Paulo do século 19, da qual restam poucos vestí-

gios. A solução foi filmar essas partes em Paraty, a cidade colonial do litoral fluminense, bastante preservada, ao contrário da capital paulista.

Por fim, a direção segura e sem afetação mostra um cineasta em plena maturidade, sabendo o que deseja, como dar seu recado e a quem se dirige. É um filme voltado ao público, sem manobras para encantar a críticos ou a curadores de festivais de cinema. Jeferson De é autor de ótimos títulos, como *Bróder* (2010) e *M8: Quando a Morte Socorre a Vida* (2019). Ao retratar a figura grandiosa de Luiz Gama,

nos relembra que a luta antirracista pertence a todos os que ainda sonham, apesar de tudo, em fazer do Brasil um país decente.

‘Doutor Gama’ não ignora os sofrimentos e a ignomínia da escravidão, mas não dá a esses aspectos o mesmo relevo que outros filmes

Foto: Pedro Amara/Divulgação



Diretor Jeferson De (E) durante as filmagens orientando César Mello (D), que interpreta o protagonista na fase adulta

Essas coisas

Carlos Aranha
c.aranha@yahoo.com | Colaborador

Ainda discutindo temas relativos à “geração perdida”

A partir da chamada *lost generation* (“geração perdida”), a literatura americana colocou-se ácida em relação ao país que antes queria ser a bússola do mundo, com o aceno simbólico da Estátua da Liberdade na porta de Nova York.

Foram escritores como Ernest Hemingway e John Steinbeck que demonstraram que a América não era bem aquela dos filmes de Frank Capra (autor de *A felicidade não se compra, Aconteceu naquela noite, Do mundo nada se leva*, entre muitos outros).

A América verdadeira encontraria depois uma excelente e rebelde geração a fazer o que aqueles escritores não conseguiram porque a imensa maioria do povo ainda achava que seus valores seriam inquestionáveis.

James Baldwin, Norman Mailer e outros abririam em definitivo, na literatura, as veias da nação.



Vale a pena fazer uma revisão de obras como *Por quem os sinos dobram*, *Adeus às armas* e *O velho e o mar*.

Principalmente *Adeus às armas*, de Hemingway, um livro em que o crítico e professor de literatura Robert Lane terminou por encontrar, em algumas passagens, marcantes similitudes com *O estrangeiro*, novela de 1942 de Albert Camus, chegando mesmo à observação em diversas entrelinhas dos dois autores uma indução à chegada da chamada besta do Apocalipse.

São esses *approachs*, essas coisas, que merecem uma revisão, uma discussão, por professores, alunos, leitores que compreendem isso como algo universal onde as pátrias de autores e personagens ficam fora das prioridades.

Daí nasceu a minha atitude em considerar que a *lost generation* não foi uma geração perdida. Sem ela, não teríamos tempos depois os *best-sellers* de Norman Mailer e os de Elmore Leonard, continu-

Como vamos esquecer Tennessee Williams, criando personagens como os de ‘Um bonde chamado desejo’?

ando a refletir sua influência.

E como esquecer um Tennessee Williams, com personagens como os de *Um bonde chamado desejo* e *De repente, no último verão*?

Fui um apaixonado pela contracultura durante muitos anos (continuando a sê-lo), usando a mística do *underground* e vindo a caminhar por diversificadas rotas alternativas.

Assim estou plenamente à vontade – sem omissões – para continuar discutindo os temas relativos à “geração perdida” e de outras a ela semelhantes.

Temos os exemplos dos antigos, novos e rebeldes escritores do Brasil (a exemplo de Jorge Mautner) que terminaram encontrando nos *sites* da internet as tábuas da salvação. Em tempo: *Um bonde chamado desejo* (*cena ao lado*), de Tennessee Williams, não é um

romance, mas uma peça de teatro que estreou em 1947, com direção de Elia Kazan.

Levou-a para o cinema em 1951, com roteiro de Williams; utilizou Marlon Brando, o mesmo ator da peça.

Ele foi dirigido por Kazan também no filme *Sindicato de ladrões*, ganhando o Oscar de Melhor Ator.

Foto: Divulgação



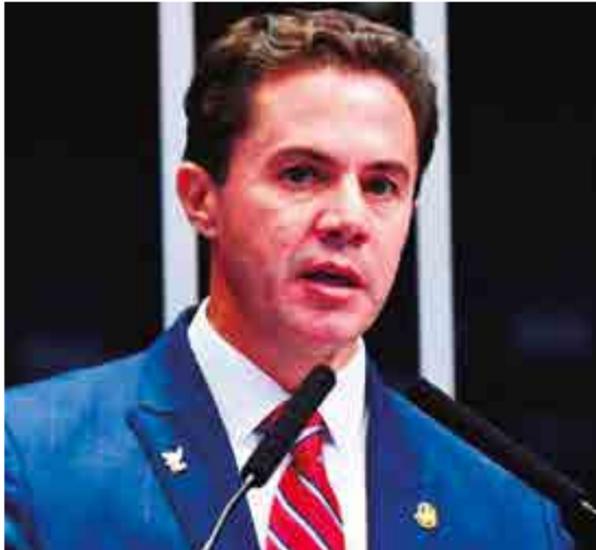


Foto: Fotos Públicas

Fotos: Arquivo/A União



Efraim Filho (DEM) é favorável à volta das coligações proporcionais



Veneziano (MDB) aguarda envio do texto da reforma ao Senado Federal



Para Ruy Carneiro (PSDB), "distritão e coligações têm defeitos graves"

Reforma eleitoral "agita" partidos e políticos na PB

Sendo confirmadas, novas regras vão alterar cenário político-partidário e reconfigurar disputas no Estado

Ademilson José
ademilson2019jose@gmail.com

Apesar dos disparates e dos arroubos que sempre emergem do Palácio do Planalto, o que agitou a política brasileira e, muito particularmente, a bancada federal da Paraíba no decorrer desta semana foi mesmo o início da votação, na Câmara dos Deputados, da Reforma Política, que vai estabelecer as novas regras para a disputa das eleições de 2022.

Termos antigos (coligações proporcionais) e palavras novas (distritão, federação) inundaram o noticiário da imprensa e já colocaram parte dos políticos e dos parti-

dos em alerta sobre esse quadro de redefinições.

Vice-presidente do Senado Federal, o presidente do MDB da Paraíba, Veneziano Vital do Rêgo, disse que, como a maior parte dessas matérias só chegará à Casa Alta depois de aprovadas em segundo turno na Câmara Federal, prefere aguardar o desfecho e começar tratando somente da federação.

Também aprovada em primeiro turno esta semana na Câmara, a federação, explicou o senador, permitirá que siglas com afinidade ideológica e programática se juntem em eleições, sem que seja necessário fundir os diretórios. Essa união, no entanto, preci-

sa ser nacional - não pode ser localizada para não pulverizar -, e tem como objetivo habilitar os partidos muito pequenos a não se acabarem.

Na federação, acrescentou o senador, os partidos constituem programa, estatuto e direção comuns e, ao contrário das coligações, não encerram o seu funcionamento depois do pleito. "Na prática, a federação ajudará muitos partidos a alcançarem a cláusula de barreira", disse. Cláusula de barreira é um instrumento criado para reduzir o número de partidos com pouca representação na Câmara dos Deputados.

Conforme foi aprovada no Senado, acrescentou Vene-

ziano, foram mantidas, para a federação, todas as normas que regem as atividades das agremiações partidárias no que diz respeito às eleições, inclusive, no que se refere à escolha e ao registro de candidatos para as eleições majoritárias e proporcionais, arrecadação e aplicação de recursos em campanhas e propagandas eleitorais. E o mesmo no que diz respeito à contagem de votos, obtenção de cadeiras, prestação de contas e convocação de suplentes e fidelidade partidária.

Ele disse ainda que as siglas reunidas em federação partidária precisarão permanecer juntas por, no mínimo, quatro anos e mais: em caso

de descumprimento desse prazo, os partidos serão punidos com a perda do programa e das inserções de rádio e televisão e terão ingresso em nova federação vedado por um semestre.

Como a aprovação da federação, assim como do distritão e da volta das coligações proporcionais, ainda depende de uma votação em segundo turno na Câmara e também da sanção presidencial, o senador Veneziano Vital do Rêgo justificou que, somente depois da conclusão das votações na Câmara, é que prefere emitir opinião e comentários mais detalhados sobre os temas.

O resultado da votação

da matéria que trata da criação da federação partidária, ocorrida em 2015, não consta mais no link de consulta pública do Senado Federal, mas a matéria causou polêmica e na bancada paraibana houve posicionamentos contrários. O então senador Cássio Cunha Lima (PSDB), por exemplo, posicionou-se contrário à proposta.

Em sua opinião, emitida à época através da Agência Senado, a esfera partidária municipal terá grandes dificuldades de seguir a federação nacional. "Os partidos perderão força nos estados e municípios. Vai acabar com a política municipal", afirmou Cássio.

Para Efraim, coligações ajudam partidos nos estados pequenos

Outra "badalação" da semana foi a volta das coligações proporcionais, que aguarda votação em segundo turno na Câmara e, depois disso, mais dois turnos no Senado Federal. Sobre elas, ninguém melhor do que o líder do Democrata,

o deputado federal paraibano Efraim Filho, para algumas explicações.

Para o parlamentar, a volta das coligações proporcionais (que sempre existiram e foram proibidas somente nas eleições municipais do ano passado)

será muito importante para estados de menor porte, onde a ausência delas e um número sempre reduzido de candidaturas geram mais dificuldades para formação de chapas. "Eu acredito que foi esse argumento que levou a Câmara a aprovar

a matéria em primeiro turno", pontuou o deputado. Ele defende que as coligações constituem um modelo melhor que o distritão e permitem que as legendas possam sobreviver melhor se unindo umas às outras na composição de chapas", avaliou.

Na prática, a grande diferença proporcionada pela coligação é que, para efeito de eleição e sequência de suplências, os candidatos mais votados e filiados aos mais diferentes partidos vão formar uma lista única da coligação e não partidária.

Apenas um paraibano votou contra coligações

Na votação em primeiro turno ocorrida na última quinta-feira, na Câmara dos Deputados, todos os 12 deputados da bancada da Paraíba votaram pela derrubada do distritão e a mesma história quase que se repetia na aprovação da volta das coligações proporcionais, que se deu poucas horas depois. Nesta, somente o deputado Damiano Feliciano (PDT) votou discrepante, ou seja, contra a volta das coligações.

Na noite da mesma quinta-feira e também em primeiro turno, a Câmara também aprovou a "federação partidária" para as eleições de 2022, e novamente contando com os votos favoráveis dos parlamentares da Paraíba.

O plenário da Câmara Federal conta com 513 deputados, e a votação

com resultado mais amplo foi mesmo da Proposta de Emenda à Constituição (PEC) do distritão. Ela foi rejeitada por 423 contra apenas 35 votos.

Na Paraíba, os ecos das decisões da Câmara Federal ainda têm provocado reações entre partidos e parlamentares, algumas delas bem parecidas e outras bem adversas. Para o presidente estadual do PSOL, Tarcio Teixeira, a derrubada do distritão vem sendo comemorada como uma grande vitória para democracia e até mo-

tivo de orgulho em particular. "Vale destacar que foi um destaque apresentado por um deputado do nosso partido que derrubou o distritão", lembra Tarcio.

A exemplo da posição assumida pelo senador Veneziano Vital do Rêgo, a deputada estadual Cida Ramos (PSB) acha que os temas merecem discussão, mas que é melhor esperar o andamento das votações. "Essas matérias ainda não foram concluídas na Câmara e parte delas ainda vai para o Senado. Acho melhor aguardarmos essas

definições que ainda serão seguidas de sanção presidencial", disse ela.

Mas também tem havido repercussão morna e até mesmo de indiferença. "Eu sou totalmente contra o distritão e também contra a volta das coligações. Defendo que as regras continuem como estão hoje", entende o líder da oposição na Assembleia Legislativa do Estado, Cabo Gilberto (PSL).

"Estou acompanhando, mas não estou torcendo por resultado nenhum", observa o deputado e delegado Wallber Virgolino (Patriotas), para quem qualquer decisão vai dar no mesmo. "Com distritão ou sem distritão, a estratégia que a gente tem de adotar é de procurar corresponder e manter nossos eleitores", disse.

“Eu sou totalmente contra o distritão e também contra a volta das coligações. Defendo que as regras continuem como estão hoje”

Cabo Gilberto (PSL)

Líder da oposição na Assembleia Legislativa do Estado

Ruy Carneiro vê defeitos

O deputado federal Ruy Carneiro (PSDB), que nos embates de primeiro turno desta semana votou contra o distritão e favorável à volta das coligações proporcionais, acha que os dois sistemas têm defeitos que considera "graves" e que ele mesmo faz questão de apresentar as explicações.

"O distritão porque faz com que apenas o personagem seja votado, desvalorizando o partido, todo um trabalho que os partidos sempre desenvolvem com estatuto e tudo mais, e as coligações porque elas sempre caem naquele problema do partido de aluguel", resumiu o parlamentar, ao observar que esse negócio de desvalorizar os partidos está muito em voga no Brasil, "mas é preciso reconhecer que eles têm sua importância no jogo democrático".

No que se refere ao partido de aluguel, ele lamentou

que, por causa de soma de tempo para a televisão, por exemplo, muitos deles sempre terminem se coligando e contribuinto para ampliação de esboço de mídia em favor de determinados candidatos ou outros partidos maiores. "São aquelas coisas que todo mundo já conhece e que realmente acabam sendo o defeito mais grave do sistema de coligações", disse.

Na bancada da Paraíba, o parlamentar que mais tem comemorado a derrubada do distritão e a volta das coligações proporcionais é, sem sombra de dúvidas, o petista Frei Anastácio. Ele justifica que o motivo de sua comemoração se dá porque "o distritão seria um desastre para a democracia. Iria acabar com os partidos pequenos e com as representações dos movimentos populares e sociais nos parlamentos".

Centrão ajudou na derrota de Bolsonaro no voto impresso

46 votos contrários à PEC foram dados por deputados de Progressistas, PL, PTB, Republicanos, Avante e PROS

Vinicius Valfré,
Lauriberto Pompeu e
Pedro Venceslau
Especial para A União

voto impresso não pode ser considerado uma pauta do governo.

“A gente procurou escutar a bancada e a banca da estava dividida. Pode até ver que houve essa divisão, um equilíbrio muito grande entre o ‘sim’ e o ‘não’. Por isso a gente resolveu liberar”, afirmou.

No PL - que detém o comando da Secretaria de Governo, com a deputada licenciada Flávia Arruda -, 23 deputados foram contrários à PEC do voto impresso, 11 favoráveis e sete ausências. O deputado Marcelo Ramos (PL-AM), vice-presidente da Câmara, afirmou que o PL, mesmo tendo orientado contra o texto defendido pelo governo, não vai punir nenhum parlamentar. “Bola para frente, vira a página, tem coisa mais importante para discutir do que essa besteira”, afirmou Ramos.

No PTB, quatro deputados não acompanharam o governo Bolsonaro, com dois contrários à proposta e dois ausentes. Outros seis foram favoráveis. No Republicanos, 26 votaram pela aprovação da PEC e três pela rejeição. O líder do partido na Câmara, Hugo Motta (PB), foi um dos três deputados que não votaram anteriormente.

No Avante, quatro disseram não ao voto impresso, dois não votaram e dois foram favoráveis. Na bancada do PROS, oito apoiaram a PEC. Somente Gastão Vieira (MA) votou contra, mas outros dois não registraram voto. No total, foram menos três apoios ao projeto defendido por Bolsonaro.

O PSDB fechou questão contra a PEC, mas houve 14 votos favoráveis à proposta de um total de 32 deputados da bancada. Doze tucanos foram contrários ao voto impresso. O deputado Aécio Neves (MG) se absteve. O partido afirmou que pretende punir os dissidentes.

Aliado de Jair Bolsonaro, o Centrão não aderiu por completo à Proposta de Emenda à Constituição (PEC) do voto impresso na Câmara dos Deputados e ajudou a impor, na terça, 10, a maior derrota política do presidente desde o início do mandato, em 2019.

Seis partidos mais identificados como componentes do bloco deram 69 votos a favor do texto, mas deixaram de dar outros 73 apoios à votação da matéria, na terça-feira (10). A conta leva em consideração 46 votos contrários à PEC dados por deputados de Progressistas, PL, PTB, Republicanos, Avante e PROS e 27 ausências.

Para que o texto fosse aprovado, o governo precisava do apoio de, no mínimo, 308 deputados, mas só obteve 229 votos favoráveis. O placar registrou, ainda, 218 votos contrários à proposta e uma abstenção.

O comportamento do Progressistas foi emblemático na votação. Controlado pelo novo ministro da Casa Civil, Ciro Nogueira, o partido ainda tem entre seus filiados o presidente da Câmara, Arthur Lira (AL), que chegou ao cargo com apoio do Palácio do Planalto, e o deputado Ricardo Barros (PR), líder do governo na Casa.

O líder do Progressistas na Câmara, Cacá Leão (BA), liberou a bancada para votar como quisesse. Ao todo, 16 deputados foram a favor da proposta, 13 contrários e outros 11 não votaram. Entre os ausentes estão conhecidos aliados de Bolsonaro, como Aguiinaldo Ribeiro (PB) e André Fufuca (MA).

Fufuca, que assumiu o comando do Progressistas interinamente, depois que Nogueira foi nomeado para a Casa Civil, disse que o



Com a decisão da Câmara Deputados de derrubar a PEC do voto impresso, Bolsonaro viu cair por terra possibilidade de mudança nas urnas eletrônicas em 2022

+ Lira trabalhou pessoalmente para derrubar a PEC

Lira trabalhou pessoalmente para que a proposta fosse sepultada. Ele dizia a pessoas próximas que era necessário tirar esse assunto de cena para que temas importantes pudessem ser apreciados. “A democracia do plenário desta Casa deu uma resposta a esse assunto e, na Câmara, espero que esse assunto esteja definitivamente enterrado”, afirmou o presidente da Câmara, ao fim da votação.

Um dia após sofrer a derrota na Câmara, Bolsonaro voltou a colocar em xeque a segurança das eleições de 2022. “Hoje em dia sinalizamos para uma eleição, não que está dividida, mas que não vai se confiar nos resultados da apuração”, disse o presidente a apoiadores, ontem, na saída do Palácio da Alvorada.

“Metade do parlamento que votou sim quer eleições limpas. A outra metade, não é que não queira, ficou preocupada em ser retaliada”, afirmou Bolsonaro. Para o presidente, apesar da derrota, o placar na Câmara “deu um grande recado ao Brasil” em apoio à implementação do voto impresso no futuro, já que, segundo ele, “metade do Legislativo, não acredita 100% na lisura dos trabalhos do TSE”.

PSDB vai retaliar

O PSDB encontrou uma solução para retaliar os 14 deputados da bancada que descumpriram a orientação partidária e votaram a favor da PEC do voto impresso, ontem, sem puni-los internamente. O partido dará um “bônus” do fundo

eleitoral aos 17 parlamentares que seguiram a decisão da Executiva.

A direção da legenda decidiu fechar questão contra a proposta da deputada Bia Kicis (PSL-DF), e defendida pelo presidente Jair Bolsonaro. Com isso, os deputados que descumprissem a orientação poderiam ser até expulsos do partido por “justa causa” - e o PSDB continuaria sendo o “dono” do mandato.

“Se a Executiva não tomar providências, o partido vai ser desmoralizado. Esses deputados descumpriram uma cláusula estatutária. O PSDB deve expulsá-los imediatamente e pedir o mandato”, disse o presidente do PSDB paulistano, Fernando Alfredo. As informações são do jornal O Estado de S. Paulo

Toca do leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Filosofia blasfema de botequim

— Já blasfemou antes?
— Nunca, é a primeira vez. E devo isso a vocês e a essas duas

garrafas desse delicioso uísque nacional envelhecido em tonéis de bálsamo, a cachaça mais antiga do Brasil. É realmente um bálsamo esse líquido precioso, alívio e consolação para nossa vidinha medíocre. Aqui eu posso tudo, sei de tudo e não devo nada a ninguém!

Melquisedeque espremeu o limão no copo, engoliu a dose, fitou os dois camaradas e limpou os beiços com o lenço, gesto antigo, demonstrativo de sua civilidade e preparo, formado que foi pela Faculdade de Tecnologia Superficial Aplicada do Vale da Titica. Suas gordas mãos, sujas de sebo da salsicha do tira-gosto, dilaceravam os bolinhos de frango e desenhavam trajetórias no ar pestilento do boteco, enquanto esclarecia os grandes segredos do universo.

— Sabe pra que serve a gordura? Ela cria um bloqueio as paredes do intestino e isso faz com que o álcool demore a encharcar o bebedor.

Antes de encher a cara, tome uma colher de azeite de oliva e beba como o rei Belzabar. Ele dava banquete onde passava três dias bebendo vinho com os amigos e as concubinas. Num desses banquetes, o rei teve uma crise de delirium

tremens. Sabe o que é delirium tremens? Claro que não! Ai o rei Belzabar viu uma mão misteriosa escrevendo na parede do palácio. Ordenou o rei que trouxessem os astrólogos, os adivinhadores e os maiores macumbeiros do reino para decifrar a escrita da mãozinha.

Mas todos eles eram analfabetos e não foi traduzido o código secreto.

Essa história termina com uma grande ressaca moral. Tá na Bíblia, no livro de Daniel. E você, já blasfemou alguma vez?

— Eu? Se for uma ofensa, eu sou um cara inofensivo. Se for caso de impotência de alcoolista, positivo.

A erudição de Melquisedeque fazia estragos nas mentes embotadas dos parceiros. Segundo a opinião de alguns poucos amigos, tirando as baleias azuis, o velho Melquisedeque é proprietário da maior massa cinzenta do reino animal.

— Melque, e o bem e o mal? Já foram tentadas fórmulas secretas, químicas, científicas e as preces mais fortes, os maiores pensadores nunca apresentaram a solução desse enigma: existe o bem e o mal, o certo e o errado? Por exemplo, nessa humilde vida que algum deus me destinou, vida pequena e inútil nos fundos de um bar imundo e fazendo

• uso diariamente de suco da bagaceira, “existirmos, a que será que se destina?”

— Evidente: tem o monoteísmo e o dualismo. O dualismo te diz que o mal não foi criado por nenhum deus, é independente. O monoteísmo garante que um Deus todo-poderoso permite o sofrimento no mundo. O Bem e o Mal lutam pelo controle da bagaça toda.

— E depois de tuas muitas leituras, Melque, a que conclusão tu chegas?

— Mané, quebra o galho aqui, traz mais uma cerveja pra lavar! Meus amigos, eu cheguei a um assombroso e terrífico conclusão: realmente, há um Deus todo-poderoso que determina geral os procedimentos deste mundo velho. E Ele é um Deus muito maléfico e pernicioso. Eu diria, maligno mesmo! Os dois parceiros não tiveram estômago para a blasfêmia metafísica do ilustrado Melquisedeque. Passaram o resto da tarde falando em futebol e fugindo do assunto. E fazendo o sinal da cruz. Ao cair da tarde avinhada, Melquisedeque fez um ligeiro aceno de Grão-

Mestre daquela Ordem de pinguços e enunciou: “o Altíssimo Javé é Maligno, é perverso, mas ninguém em toda a história das deidades teve coragem para afirmar isso. Só o sábio Melquisedeque tem estômago para essa crença. Já blasfemaram antes?”



A população totalmente imunizada na Paraíba chegou a 26% - índice maior que o nacional, que está em 23%

Vacinação “derrubou” a curva de mortes por covid no Estado

Dados cruzados pelo Labimec, da UFPB, mostram que mulheres estão mais imunizadas e que CoronaVac é a mais aplicada

Renato Félix
Especial para A União

A pandemia ainda não acabou, os números ainda estão altos, mas já não estão tão terríveis quanto há alguns meses. E hoje o Brasil ultrapassou a marca de mais da metade da população vacinada com a primeira dose de vacina contra a covid-19 e mais de 20% vacinada com as duas doses ou com a vacina de dose única. Mera coincidência? O trabalho de levantamento de dados do Laboratório de Inteligência Artificial e Macroeconomia Computacional (Labimec), da Universidade Federal da Paraíba, mostra que não. O laboratório vem divulgando dados que revelam o comportamento da pandemia desde seu início, no ano passado, e, recentemente, se voltou também para esses novos dados: o efeito da vacinação na Paraíba.

A pesquisa é financiada pelo Governo do Estado, através da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (FapesqPB) e seu edital covid-19, e coordenada por Cássio da Nóbrega Bessaria e Maria Daniella de Oliveira, e tem como pesquisador responsável Flávio Macaúbas Torres Filho, usando dados do Open Data SUS e do IBGE. Daniel Campesi, Pierre Nascimento Silva, Rodrigo Ruiz e Wellington Nóbrega também integram a equipe. Os dados são divulgados pelo Instagram do Labimec (@labimec).

O principal gráfico mostra que o índice de mortes diárias por covid-19 na Pa-

raíba tem uma queda consistente a partir de junho, à medida que a vacinação ganha corpo no país. “Quanto mais pessoas vacinadas, menor a quantidade de pessoas contagiosas e consequentemente menor a quantidade de novos casos da doença, implicando em uma menor quantidade de óbitos”, explica Bessaria. “O que tentamos captar com esses gráficos foi a relação com a quantidade de pessoas imunizadas e facilidade com a qual a vacina

///Quanto mais pessoas vacinadas, menor a quantidade de pessoas contagiosas e consequentemente menor a quantidade de novos casos da doença, implicando em uma menor quantidade de óbitos ///

se prolifera na sociedade”.

Não se trata só de um cruzamento de dados cuja resposta era a esperada por qualquer um que não seja negacionista (maior vacinação igual a menos mortes), mas o pesquisador aponta que esse acompanhamento pode ajudar a compreender o avanço e efeitos da variante delta. “Entender esse mecanismo ajuda a entender também a preocupação com a nova variante delta, pois, mesmo entre os vacinados, a

variante revela-se extremamente contagiosa”, alerta. “O que pode mitigar o que define-se como ‘imunidade de rebanho’, que é uma espécie de bolha de proteção que os indivíduos vacinados criam para aqueles não vacinados”.

Ele também pede cautela quanto ao otimismo dos dados referentes à queda de mortes. “Evidências do Projeto S do Butantan, que é um estudo da eficiência da vacina realizado na cidade de Serra, demonstra que quando as segundas doses da CoronaVac são aplicadas em toda população adulta do município, os casos sintomáticos reduziram 80%, internações 86% e mortes 95%”, diz o pesquisador. “Juntamente com este resultado, o estudo revelou que a imunização indicou uma considerável redução na circulação do vírus, revelando que a vacina é uma medida de saúde pública e não apenas individual”.

A cautela se faz necessária porque o índice de vacinados está crescendo, mas ainda está baixo. “Os dados da Paraíba indicam que apenas 26% da população está globalmente imunizada – que são aquelas pessoas que tomaram a segunda dose ou dose única”, explica Bessaria. “Alia-se este fato à presença da nova variante delta e é perceptível que ainda não estamos no patamar de total segurança em relação a disseminação do coronavírus. Dessa forma, mesmo com o otimismo da redução da doença no Estado, devemos continuar com as medidas de proteção”.

Então há a necessidade de cuidado, sem deixar de lado uma boa perspectiva para o futuro. “O que pretendemos com nossa publicação

é mostrar que mesmo sem atingir todos os pré-requisitos para controlar a doença, já conseguimos perceber ótimos resultados. O que nos

deixa extremamente entusiasmados, dado que podemos, no futuro próximo, ter resultados ainda mais animadores”.

Foto: Divulgação



Foto: Divulgação



O estudo é financiada pelo Governo do Estado, através da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (FapesqPB) e do edital covid-19, e coordenado por Cássio da Nóbrega Bessaria (foto à esquerda) tendo como pesquisador responsável Flávio Macaúbas Torres Filho (foto acima), usando dados do Open Data SUS e do IBGE

Mais próximo da segunda dose

Há também gráficos que mostram quais faixas etárias estão mais próximas da segunda dose – e, portanto, da imunização completa. A ilustração que mostra a diferença de aplicação entre a primeira e a segunda doses deixa claro que a faixa de população a partir dos 65 anos está quase completamente vacinada e a população entre 60 e 65 também se encaminha para isso. Mas aqueles entre 25 e 59 anos ainda estão um pouco longe.

“O resultado ótimo seria se todas as barrinhas estivessem em zero, ou seja, todas as pessoas tomaram as duas doses da vacina. Logo, quanto mais próximo de zero a barrinha está, melhor está nossa situação”, confirma Bessaria. “Quanto mais próximo de zero o gráfico de diferença entre a primeira e segunda doses estiver, mais próximo aquela faixa-etária está da imunização global”. A maior diferença, na faixa entre 40 e 44 anos, chega a um déficit de 200 mil doses.

No entanto, é preciso ler o gráfico com cuidado. As barras correspondentes à população com menos de 25 também estão próximas de zero, mas isso não significa imunização completa – pelo contrário. “Existe uma parcela da população que sequer tomou a primeira dose e isto pode fazer com que a barra dessa faixas-etárias se aproximem de zero e isto não significa que ela está próxima da imunização global”, conta o pesquisador.

A totalização da população paraibana para a pesquisa é uma projeção do IBGE para 2021, já que não houve o Censo que deveria ter sido realizado no ano passado. “Além disso, por razões diversas pode ocorrer de um indivíduo tomar a primeira dose e não a segunda, e, principalmente, cerca de 1,87% da população tomou dose única – e no caso deste gráfico, consideramos apenas aqueles que tomaram ou vão tomar 2 doses (98,13% da população)”, informa ele.

Quase 3 milhões de doses aplicadas

A publicação também mostra dados sobre quais vacinas são mais atuantes no Estado. A publicação de quarta passada contava 2.981.502 doses recebidas de vacinas. 1.957.381 foram usadas como primeira dose; 720.948, como segunda; e 60.586 foram doses da vacina de dose única. A população totalmente imunizada na Paraíba chegou a 26% - índice maior que o nacional, que está em 23%. As mulheres estão mais imunizadas que os homens: 56,1% contra 43,9%.

A CoronaVac é a mais presente na Paraíba, com 68,1% das vacinas aplicadas no Estado. Em seguida, a AstraZeneca, com 37,86%. A Pfizer vem em terceiro, com 15,52%. E finalmente, a Janssen, que é a de dose única, com apenas 1,87% das aplicações em paraibanos. A vacinação começou tarde no Brasil e foi preciso uma iniciativa de pesquisa brasileira para que a imunização começasse por aqui, mas a perspectiva é de que os números melhorem à medida que ela continue avançando.



1



2



3



4

1 A data de ontem marcou o aniversário do governador paraibano, João Azevêdo. Homem íntegro, o nosso gestor estadual tem marcado a sua administração de maneira ética, profissional e pautada no bem-estar dos paraibano.

2 Nonato Bandeira, Dalva Rocha, Sandra Oliveira, Antônio Medeiros, Ruy Carneiro, Leandro Ramalho, Mário Tourinho, Tereza Neuman Vaz, Ricardo Bezerra, Nancy Trombetta e Elba Ramalho são os aniversariantes da semana

3 O arquiteto e artista plástico Rabi Araújo (foto) terá algumas de suas obras exibidas durante a edição 2021 da exposição "Novos Talentos Brasileiros - Design e Arte", evento que será realizado entre os dias 10 e 26 de setembro, no CasaShopping, no Rio de Janeiro.

4 Durante almoço no Gulliver Mar, a professora e ex-reitora do Unipê, Ana Flávia Pereira Medeiros da Fonseca (na foto, com Pablo Bandeira, Daniella Barbosa, Hernani Maia e Sales Gaudêncio, todos integrantes de projeto voltado para a vida e obra do seu pai, o saudoso Afonso Pereira), informando que, em breve, segue para os EUA, para rever filhos e netos.

5 O empresário e patriarca José Gomes, que há muitos anos administra a loja A Primavera, recebeu, por conta do Dia dos Pais, o carinho dos queridos familiares e, claro, da querida filha Leninha Gomes (foto).

6 A atual diretoria da API, liderada pelo presidente João Pinto (na foto com Marcos Weric, o presidente eleito), vai inaugurar o Arquivo e Museu da Imprensa Wills Leal, localizado no primeiro andar da sede da API. Estamos solicitando a colaboração de jornalistas e órgãos de imprensa no sentido de que nos ajudem, doando para esse espaço documentos, fotos, máquina fotográfica, celular, máquina de escrever etc.

7 A TV Tambaú, afiliada do Sistema SBT, está comemorando 30 anos de fundação em nosso Estado. Jornalista de peso, a exemplo de Aldo Schuler, Lisiane Loureiro, Rosa Aguiar, José Vieira Neto, Gerardo Rabello, Rommie Schneider e Nelma Figueiredo (em memória) fazem parte da empresa que tem em seu DNA a marca Marquise.

8 Durante chá da tarde, no espaço Bauducco do Manaíra Shopping, registrei a presença dos amigos Luís Bronzeado, Roberta Aquino e Roselma Virgulino.

9 O artista plástico paraibano Paulo Vieira nos encanta com a retomada da sua arte naif estilizada. O pintor, que é primo segundo do escritor José Lins do Rego, guarda boas lembranças da sua avó, a famosa tia Maria, que, durante um tempo, criou o autor de Menino de Engenho, Fogo Morto, Água Mãe e Histórias da Velha Totônia, dentre outras obras do romancista de Pilar.

10 Lúcio Vilar (foto), o fundador e produtor-executivo do Fest Aruanda, informando que as inscrições para esta 16ª edição estão abertas, para longas e curtas-metragens, até o dia 20 de agosto. O evento vai acontecer de 9 a 15 de dezembro, por meio da plataforma Aruanda Play e na rede Cinépolis, em João Pessoa.



5



7



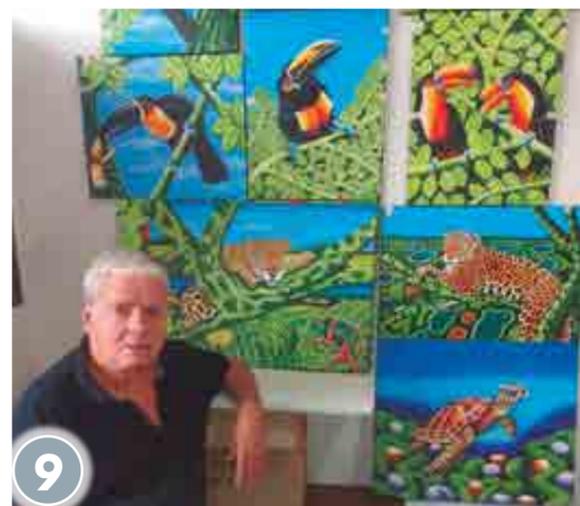
6



8



10



9





Sistema de cashback conquista consumidor

Modelo de recompensas que devolve parte do valor investido em uma compra tem atraído cada vez mais os paraibanos na hora de escolher um produto ou loja

Carol Cassoli
Especial para A União

À procura de adaptação ao cada vez mais competitivo mercado digital, as empresas brasileiras têm se rendido a diferentes mecanismos de fidelização da clientela. É o caso dos sistemas de *cashback*, programas de fidelidade e ferramentas de acúmulo de milhas ou pontos bonificados. Visto como estratégia eficaz para atrair novos clientes, o *cashback* vem se popularizando entre os brasileiros nos últimos anos e, de acordo com o levantamento Panorama M-Commerce, grande parte das pessoas que consomem no universo digital preferem comprar em lojas que oferecem este recurso.

Na prática, o *cashback* nada mais é que um sistema

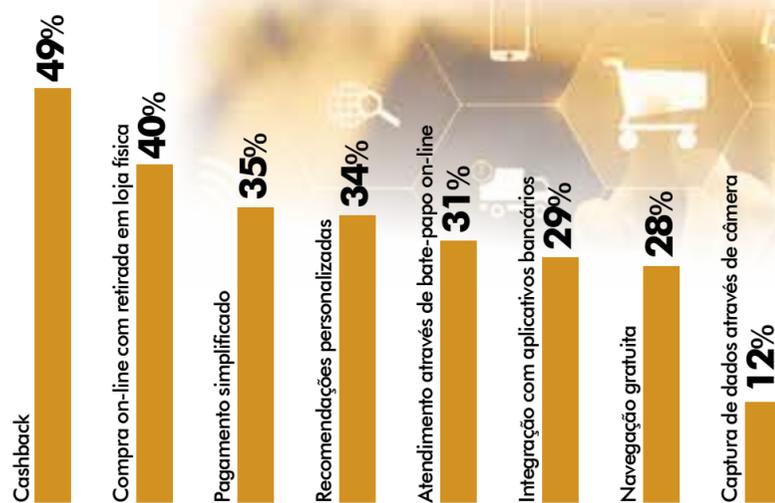
de recompensas em que o cliente recebe de volta uma porcentagem do dinheiro gasto em suas compras. De acordo com a pesquisa Panorama M-Commerce, realizada bimestralmente pela empresa de tecnologia Dynatrace, 49% dos consumidores móveis brasileiros (aqueles que realizam compras por meio do celular) valorizam o *cashback* como uma ferramenta útil na hora de realizar uma compra.

Responsável por contribuir para a geração de um bilhão de reais em vendas de *e-commerce* no ano passado, a plataforma de descontos Cuponomia levantou que, no último ano, o sistema de *cashback* foi responsável por movimentar mais de sete bilhões de reais em todo o Brasil. Além disso, a plataforma também colaborou

para que R\$ 50 milhões fossem economizados neste mesmo período, que compreende parte da pandemia de covid-19 e o consequente aumento expressivo do consumo digital.

O especialista em educação financeira, Cássio dos Anjos explica que os benefícios do *cashback* também podem ser aproveitados em algumas lojas físicas e, com o aumento da demanda por este serviço, a tendência é que cada dia mais lojas adotem a estratégia. Para Cássio, recorrer a programas como estes, que devolvem parte do dinheiro de uma compra, pode ser muito vantajoso para o consumidor. Isto porque, ao aderir às ferramentas de fidelização, as pessoas podem economizar em suas compras, sejam elas atuais ou planos futuros.

PREFERÊNCIA DO CONSUMIDOR NA HORA DA COMPRA - ABR/21



Fonte: Dynatrace

Especialista adverte sobre efeito impulsivo nas compras

Para o educador financeiro Cássio dos Anjos, as lojas podem aproveitar o sistema de *cashback* para atrair clientes e estes podem economizar

Foto: Marcus Antonius

Dos quinze aplicativos ou sites de comércio móvel mais populares no Brasil, apenas três deles não oferecem *cashback*, o que destaca a preferência do consumidor por este e outros recursos que contribuem para a economia ao finalizar o carrinho das lojas virtuais. O relatório Panorama M-Commerce aponta, ainda, que o uso de recursos de fidelização dos clientes é uma tendência irre-

versível, porque, hoje, tanto a sociedade quanto os comerciantes estão se digitalizando de modo permanente.

Apesar disso, o educador financeiro destaca que o *cashback* pode despertar atitudes impulsivas nos consumidores e, por isso, recorrer ao mecanismo de compras nem sempre é saudável para o cliente. "A partir do momento em que um usuário simplesmente faz uma compra para obter uma devolução do *cashback*, o sistema terá um efeito adverso", observa.

Cássio explica que é necessário que o usuário avalie se a compra foi feita por necessidade ou apenas para se ter acesso ao benefício que, na verdade, é um incentivo às compras: "Algumas pessoas podem acabar sendo forçadas a comprar apenas para receber um possível dinheiro de volta."

O levantamento Panorama M-commerce demonstra que, de fato, a população vê vantagens nos sistemas de fidelização atuais e, segundo Cássio dos Anjos, é por isso que está

cada dia mais fácil se iludir e perder a noção de quando o remédio se torna veneno. "Avalie se os bens que deseja comprar são realmente necessários. Não compre nada para receber dinheiro de volta; verifique as regras do plano de reembolso. Cada plano tem regras específicas, evite acreditar em promessas milagrosas ou altas porcentagens de dinheiro de volta."

Continua na página 18

Opinião

Norma Fortes
Gerente de Gente e Cultura na Printi | Colaboradora

Colaboradores no centro da gestão estratégica de pessoas

É comum pensarmos em empresas como grandes corporações e esquecermos que, na verdade, elas são a soma dos esforços das pessoas que lá trabalham. A força de trabalho humana é um dos bens mais valiosos de um negócio e, quando ela é bem cuidada e desenvolvida, tem suas necessidades atendidas e suas opiniões ouvidas, a empresa só tem a ganhar. Para que este cenário se torne realidade, a elaboração e desenvolvimento de uma política de gestão de pessoas é fundamental.

Muito tem se falado nos últimos tempos sobre a importância da qualidade de vida dentro do ambiente profissional. Uma pesquisa da ManpowerGroup (2020) empresa de soluções de força de trabalho, mostra que os colaboradores esperam mais das empresas onde trabalham. Eles buscam oportunidade de crescimento, reconhecimento, compromisso social, ambiente de trabalho prazeroso, remuneração e benefícios diferenciados e competitivos. Sendo assim, o ideal é que todos estes fatores sejam

considerados em um projeto de implantação de política de gestão de pessoas, o que o torna uma ação estratégica dentro de qualquer negócio, destacando-o e diferenciando-o de outras empresas que ainda atuam sem pensar na experiência de seus colaboradores.

Do ponto de vista da empresa, o objetivo da política é estabelecer direcionamentos claros para a gestão estratégica de pessoas, por meio de subsistemas interdependentes entre si, que proporcionem condições adequadas ao desenvolvimento, à valorização e à retenção de pessoas. A política precisa ser clara o suficiente para conseguir orientar os colaboradores quanto aos critérios e possibilidades de desenvolvimento, por exemplo, estimulando o comportamento positivo, baseado nos valores organizacionais, e reforçando as ações em conformidade com a estratégia organizacional na busca pela maximização dos resultados.

Já do ponto de vista do colaborador, a política traz maior segurança, pois ele sabe que a empresa possui ações que apoiam e

sustentam o seu desenvolvimento. Sendo ele, o colaborador, com apoio do seu líder, o principal protagonista de sua carreira, gerindo oportunidades e seu próprio desenvolvimento, e ciente das possibilidades e desafios organizacionais.

É importante ressaltar que uma política de gestão de pessoas, quando bem estruturada e realizada, agrega valor às pessoas, pois comunica o que é esperado de cada colaborador, além de fortalecer uma cultura organizacional psicologicamente segura.

O processo de construção dessa confiança entre empresa e colaboradores é longo, exige atenção genuína e cautela, e espera-se que a área de gente esteja presente ativamente trabalhando em todos os aspectos do desenvolvimento e bem-estar humano no dia de trabalho do colaborador, incluindo a sua saúde física e mental. A área de gente precisa fornecer ferramentas e visibilidade para as políticas e processos de pessoas, no intuito de apoiar a cultura de agentes multiplicadores

e educadores, destacando-se o papel das lideranças como parceiros fundamentais ao desenvolvimento. É necessário manter sempre aberto o canal de comunicação e cuidado com as pessoas, e consequentemente, o negócio recebe de volta o engajamento, criatividade e a melhor performance.

Neste contexto, a área de gente e cultura tem um papel fundamental e que vai muito além de processos operacionais. Da mesma forma que uma empresa coloca seus consumidores no centro de sua estratégia, a área de gente precisa estar focada na experiência de seus colaboradores, ao mesmo tempo em que acompanha de perto os movimentos do mercado de trabalho e os objetivos da empresa para propor novas políticas ou modificar as existentes, ou seja, ser de fato um parceiro do negócio. Equilibrar as expectativas dos colaboradores e as necessidades da empresa é um trabalho árduo, mas ao cuidarmos das pessoas - as colocando no centro das estratégias - estamos cuidando também da longevidade do negócio.

Pontos no cartão de crédito viram produtos ou serviços

Bonificação de clientes a partir do volume negociado na aquisição de bens é uma prática comum no mercado

Carol Cassoli
Especial para A União

Outra alternativa para quem deseja economizar ao comprar no *e-commerce* é aderir às estratégias de acúmulo de pontos no cartão de crédito. Por meio deste recurso, é possível que o cliente bonifique os pontos acumulados e troque por mercadorias ou ainda reverta os pontos em milhas aéreas e utilize como passagens para viajar de avião. Este é o caso do analista de sistemas e usuário assíduo de programas de vantagens, Daniel Medeiros, que já acumulou mais de um milhão de milhas em suas compras e, com elas, viajou para cinquenta e seis países em todo o mundo.

Daniel conta que, há muitos anos, trabalhou em um banco e lá descobriu que é possível somar pontos à medida que realiza compras com o cartão de crédito. “Eu já sabia que tinha alguns

pontos acumulados no meu cartão, mas comecei a juntar e converter em milhas há exatos dez anos”, diz o analista de sistemas ao relatar que, com os pontos acumulados, fez sua primeira viagem com passagens aéreas totalmente gratuitas.

Com uma lógica diferente da adotada pelo *cashback*, mas funcionamento semelhante, os programas de bonificação de cartões de crédito seguem fortes no mercado há anos. Para acumular milhas, por exemplo, é possível que os clientes se cadastrem nos clubes de vantagens das próprias companhias aéreas e revertam os pontos de cada viagem em novas milhas para realizarem outros deslocamentos. É possível, ainda, que os clientes façam assim como Daniel e, ao utilizarem o cartão de crédito, deixem de bonificar seus pontos com produtos físicos - como aparelhos eletrônicos - e transformem em milhas.

“São sistemas atraentes especialmente aos clientes que compram na rede, porque os preços das lojas on-line são mais interessantes do que nas lojas físicas”

O especialista Cássio dos Anjos comenta que tanto o sistema de reembolso quanto o programa de bonificação para passageiros frequentes são muito atrativos para os clientes e, assim, funcionam como uma estratégia de fidelização eficaz. “São sistemas atraentes especialmente aos clientes que compram na rede, porque os preços de venda das lojas on-line são geralmente mais interessantes do que nas lojas físicas”, observa.

Lojas buscam parcerias e fidelizações

Considerando a procura crescente por estes sistemas de fidelização, algumas empresas se especializaram em oferecer o serviço através de parcerias com lojas que disponibilizam *cashback* ou pontuações, por exemplo. Estes sites funcionam como uma ponte entre os lojistas e o

consumidor. Em alguns deles, por exemplo, é possível combinar *cashbacks* de diferentes lojas para uma única compra ou até mesmo juntar milhas de diferentes empresas para um novo voo. Este mecanismo é conhecido como *stacking* e faz parte da rotina de pessoas como o analista Daniel Medeiros, que costumam manipular programas de fidelidade de maneira recorrente.

“Eu utilizo, por exemplo, o Méliuz (um site especializado em *cashback*) que eu consigo utilizar em paralelo com o cartão, ganhando pontos no cartão e ainda recebendo o reembolso”, a lógica adotada por Daniel faz com que, ao aderir às compras pelo site facilitador, o analista consiga pontos no cartão de crédito (que,

futuramente, se tornarão milhas) e ainda faça uso do serviço oferecido pelo site: o reembolso em si.

Daniel comenta que, além de acumular e manusear suas milhas, também é possível negociá-las. E, para isso, também existem sites especializados em facilitar a movimentação entre pessoas interessadas em vender e comprar milhas. “Tenho muitas milhas e nunca precisei comprar; mas eu mesmo já vendi algumas vezes. Como eu gosto de aproveitar elas em viagens, não costumo vender, mas acho importante que as pessoas enxerguem milhas, *cashback* e outros recursos como dinheiro, porque é isso que estes recursos são: dinheiro”, enfatiza o analista de sistemas.

“Como eu gosto de aproveitar em viagens, não costumo vender, mas acho importante que as pessoas vejam milhas, *cashback* e outros recursos como dinheiro”



Daniel Medeiros já viajou para 56 países apenas usando as milhas que acumulou em compras realizadas no cartão

O especialista em educação financeira explica que, em algumas situações, a venda de milhas é uma possibilidade rentável. “A venda de milhas acumuladas costuma ser a melhor opção se a pessoa não anda muito de avião”, diz Cássio dos Anjos. Ele analisa tam-

bém que, nestes casos, não é aconselhável que as pessoas troquem milhas por produtos, porque, assim como o consumidor ouvido pela reportagem observou, milhas são dinheiro, na verdade.

Cássio aconselha que os usuários não deixem a validade de suas milhas expira-

rem: “Para as pessoas que já possuem um cartão compatível com o programa de passageiro frequente, as milhas podem ser uma fonte de renda adicional. Além disso, pontos de cartões de crédito são melhor utilizados quando trocados por milhas das companhias aéreas.”

+ Pandemia influenciou consumidores a buscar mais reembolso em compras

Além de destacar a adesão ao benefício de devolução de dinheiro pelos consumidores brasileiros, um levantamento feito pela Dynatrace (empresa de tecnologia global especializada em gerenciamento de performance digital) também destaca que os resultados das pesquisas feitas em 2021 foram amplamente impactados pela pandemia do novo coronavírus, já que o isolamento social influenciou muitas pessoas a terem sua primeira experiência com compras on-line. Como consequência deste cenário, a procura por *cashback* foi alavancada e, nos primeiros seis meses deste ano, as ações de *cashback* da Visa triplicaram.

A diretora de soluções de loyalty da Visa do Brasil, Lucia Chaves considera que o momento é promissor e que a inovação dos *cashbacks* tem tudo para evoluir com o tempo,

pois o formato das recompensas é simples e eficiente. “Além de oferecer facilidade e liquidez, o formato adaptou-se bem ao momento em que vivemos, atendendo rapidamente às necessidades das empresas e dos consumidores finais, que se sentem mais livres para escolher como usar seu crédito de volta”, destaca Lucia.

E, mesmo tendo sua ascensão diretamente ligada ao isolamento social, o reembolso de parte das compras tem despertado o interesse de lojistas e clientes há mais tempo. Em 2019, por exemplo, o *cashback* passou a chamar a atenção de instituições financeiras e os bancos passaram a se especializar em serviços setorializados voltados às mudanças no perfil do consumidor e em sua presença digital. As informações são do relatório de estatísticas globais de *fintechs* (empresas de

inovação e otimização de recursos tecnológicos e financeiros) elaborado pela plataforma de análise de negócios CB Insights.

De acordo com o levantamento, algumas características têm aquecido o mercado financeiro, principalmente, no universo digital. São elas: o aumento da procura por compras de criptomoedas; o domínio de mercado da geração millennial e a chegada da geração Z nas movimentações financeiras; a busca por pessoas que realizem trabalho sob demanda (conhecidos como *freelancers*) e também a adesão a programas de fidelização por meio de *cashback*.

O educador financeiro, Cássio dos Anjos, nota, no entanto, que apesar da influência da pandemia no aumento dos gastos on-line, não é possível traçar um perfil fixo para os consumidores móveis. “Tudo

depende do programa e da recorrência de gastos do consumidor. Alguns programas oferecem *cashback* aleatório como se fossem promoções, outros possuem um sistema de retorno variável com o quanto é gasto no cartão de crédito. Esse *cashback* cresce e vai aumentando em faixas de valores da fatura e alguns possuem custo. É interessante analisar se esse retorno é maior que o custo do programa”, explica.

Para Cássio, o principal movimento que os clientes devem executar antes de finalizar uma compra é estudar e prestar atenção ao plano de reembolso e às regras de acúmulo de milhas ou pontos, por exemplo. “Procure um programa condizente com a sua realidade financeira, pois dependendo da instituição financeira e do cartão utilizado, algumas opções são mais interessantes do que outras”, instrui.

SAIBA MAIS

■ Em apenas seis meses o mecanismo de *cashback* cresceu seis pontos percentuais nas pesquisas de preferência de consumo. Desde sua consolidação no Brasil, a funcionalidade passou a liderar a lista de prioridades na hora da compra, ficando à frente de benefícios como “compra on-line e retirada na loja” e “pagamento simplificado”. Além disso, segundo a Dynatrace, a ferramenta de retorno de dinheiro é mais apreciada pelos consumidores móveis das classes A e B, que representam 61% dos usuários; enquanto pessoas das classes C, D e E somam 46%

Foto: Arquivo pessoal

A corrida da vacina na AL e a luta contra o coronavírus

Cuba foi o primeiro país da região a produzir seu próprio imunizante; Brasil deve chegar em terceiro lugar

Diego Junqueira
Repórter Brasil

O presidente cubano Fidel Castro visitou, em março de 1990, a Fiocruz (Fundação Oswaldo Cruz), no Rio de Janeiro, para conhecer os laboratórios brasileiros de vacinas. Foi recebido com aplausos pelos servidores e posou para fotografias, antes de discursar sobre os efeitos do embargo americano ao sistema de saúde cubano. “Se surge um medicamento novo, nosso país não pode adquirir”, protestou.

Na visita às instalações, ele queria saber se os laboratórios da Fiocruz eram mais avançados que os de Cuba, conta o anfitrião do encontro, o cientista Akira Homma, então presidente da fundação. Fidel elogiou a fábrica brasileira e reforçou o interesse em transferir a tecnologia de vacinas cubanas ao Brasil.

A visita de Fidel Castro (morto em 2016) reflete a importância da saúde pública em Cuba e sua tradição na área de vacinas, e ajuda a entender por que a ilha de 11 milhões de habitantes – e tamanho pouco maior que Pernambuco – venceu a etapa latino-americana da corrida global por vacinas da covid-19.

Cuba não trocou e-mails com a Pfizer, não encomendou imunizantes russos ou chineses nem do mecanismo Covax (aliança liderada pela OMS para distribuir vacinas). O país dependeu exclusivamente da sua indústria de biotecnologia e, em maio, iniciou uma campanha de vacinação com duas vacinas experimentais, a Soberana 02 e a Abdala: tornou-se o primeiro país da região a colocar um produto caseiro no mercado. Mas não é só isso: Cuba é hoje o único país latino-americano que fabrica as vacinas da covid de forma independente, do início ao fim, em escala – ainda que seus imunizantes estejam na última etapa dos testes em humanos.

Isso significa que as fábricas da estatal BioCubaFarma não apenas formulam e envasam as vacinas da covid – como Fiocruz e Butantan atualmente – mas também o princípio ativo, ou IFA (Insumo Farmacêutico Ativo), solução contendo o antígeno que, ao ser inoculado, ativa o sistema imunológico.

“A história da biotecnologia em Cuba não é um evento, é uma política pública, tem começo, meio e fim”, diz o médico sanitário Gonzalo Vecina Neto, ex-presidente da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). Ele diz que o embargo econômico

dos Estados Unidos, estabelecido há 60 anos, obrigou Cuba a investir nessa indústria.

Ao se tornar o primeiro país a aplicar vacinas “made in” América Latina, Cuba deixou para trás o homem mais rico do subcontinente, o magnata mexicano Carlos Slim, que financia a parceria entre México e Argentina para fabricar vacinas da AstraZeneca para toda região (com exceção do Brasil).

O Brasil deve chegar em terceiro na corrida regional, quando a Fiocruz começar a entregar, em outubro, os primeiros lotes de AstraZeneca com IFA nacional. O laboratório público ligado ao Ministério da Saúde já entregou 70 milhões de doses até agora, mas todas com matéria-prima chinesa. Já o Butantan vai entregar só em 2022 as doses da CoronaVac com insumo feito em São Paulo.

Poucas fábricas

A lenta vacinação na América Latina é diretamente proporcional à sua baixa produção.

Cerca de 3,3 bilhões de doses foram produzidas globalmente até 30 de junho, segundo levantamento da empresa de análises científicas Airfinity. A Ásia é quem mais fabricou, com 2,1 bilhões de unidades (63%), seguida por Europa, 794 milhões (23%) e Estados Unidos, 409 milhões (12%).

A América Latina e o Caribe vêm na sequência, com 37 milhões de doses (1,1%). São 22,5 milhões de doses cubanas e outras 14,6 milhões da Argentina. O levantamento considera como produção apenas o local de fabricação do IFA. Assim, as doses de AstraZeneca envasadas pela Fiocruz, e de CoronaVac, pelo Butantan, entram no balanço como produção da China, país de origem do insumo. Mesmo se fossem consideradas as outras 110 milhões de doses envasadas no subcontinente (por Fiocruz, Butantan, União Química, Richmond e Drugmex), a região toda chegaria a apenas 4,3% da fabricação global no primeiro semestre (147 milhões de doses).

A tímida produção reflete a histórica dependência latino-americana. São poucas fábricas e que não produzem sequer o suficiente para suas populações, explica a cientista hondurenha Maria Elena Bottazzi, que dirige a Escola Nacional de Medicina Tropical da Faculdade de Medicina de Baylor e o Centro de Desenvolvimento de Vacinas do Hospital Infantil do Texas, nos Estados Unidos.

“Butantan e Bio-Manguinhos têm muita experiência e boa capacidade em diferentes plataformas tecnológicas, mas estão preparados para abas-

América Latina e Caribe só vacinaram mais que os continentes da África e Oceania, segundo dados levantados em julho passado. Ao lado, registro da visita que o presidente cubano Fidel Castro fez à Fiocruz, em 1990, quando veio conhecer a tecnologia usada nos laboratórios brasileiros



Fotos: Divulgação/Repórter Brasil

Foto: Arquivo Fiocruz



Brasil: entre a inovação e a tradição

Na avaliação de Elena Bottazzi, é “decepcionante” o Brasil ainda não ter lançado uma vacina verde-amarela contra a covid. “Considerando toda experiência do Butantan e Bio-Manguinhos, é um pouco decepcionante que ainda não tenham seu próprio programa de vacinas caseiras”.

Os projetos existem – são 18 no país, segundo Homma –, mas todos praticamente estão em fase pré-clínica. A exceção é a Butanvac, do Instituto Butantan, em parceria com instituições estrangeiras, que iniciou os testes em humanos em 9 de julho. A vacina usa a mesma tecnologia do imunizante da gripe já produzida pelo laboratório de São Paulo, e também irá utilizar a mesma planta na fabricação, o que encurtará prazos e economizará recursos. A confiança é tanta que o laboratório paulista já tem 8 milhões de doses estocadas, segundo o Valor Econômico. A promessa é atingir 40 milhões até o final do ano.

O laboratório de vacinas dirigido pela cientista hondure-

nha nos EUA desenvolveu nos primeiros meses da pandemia uma vacina de baixo custo para a covid e a ofereceu, sem custos, para Butantan e Fiocruz. Mas, segundo Bottazzi, os laboratórios brasileiros não entraram no projeto.

Duelo de modelos

Os casos de Cuba e Brasil mostram como a produção de vacinas na América Latina depende sobretudo de instituições públicas, como Fiocruz, Butantan e BioCubaFarma, entre outras. Contudo, a urgência pelas vacinas da covid deixará como legado o interesse privado em fabricar ampolas, opina Bottazzi. A parceria entre México e Argentina, por exemplo, envolve duas fabricantes privadas. “Está deixando um bom modelo, nesse caso público-privado”, afirma a cientista.

O outro pé de sustentação é o envolvimento governamental, até mesmo porque são os governos que compram as vacinas. O interesse de Fidel Castro no assunto reflete a importância da imunização na

saúde pública de Cuba, mas ele não é o único. A gravidade da pandemia do coronavírus e a urgência pela descoberta de uma vacina colocou o tema no topo da agenda política e mobilizou lideranças mundo afora, incluindo o ex-presidente americano e negacionista da pandemia Donald Trump.

Na América Latina, Jair Bolsonaro talvez tenha sido o único presidente que não aproveitou (até agora) os projetos internos de produção. Enquanto o argentino Alberto Fernández e o mexicano Andrés Manuel López Obrador se reuniram sorridentes para celebrar o acordo da AstraZeneca patrocinado por Carlos Slim, o presidente brasileiro sequer visitou a sede da Fiocruz no Rio de Janeiro. (Mais informações em <https://reporterbrasil.org.br/2021/07/bolsonaro-fidel-e-covid-19-como-cuba-su-perou-o-brasil-na-corrida-das-vacinas/>).

Oportunidade de Emprego

A TESS INDÚSTRIA, seleciona pessoas com deficiência (PCD) os interessados deverão deixar currículo na portaria da empresa na Av. João Wallig, 1187 Catolés. Campina Grande.

EDITAL DE CITAÇÃO, com prazo de 20 (vinte) dias. A Exma. Sra. Dra. Audrey Kramy Araruna Gonçalves, Juíza de Direito desta 2ª Vara Cível da Comarca de Campina Grande, Estado da Paraíba, em virtude da Lei, etc., FAZ SABER a todos quantos o presente edital vierem ou deste conhecimento tiverem, que por este CITA, o Sr. CLÁUDIO HENRIQUE FARIAS DA SILVA e sua esposa ANA CARLA DA SILVA FARIAS, atualmente em lugar incerto e não sabido, para todos os termos da Ação REINTEGRAÇÃO DE POSSE C/C DEMOLITÓRIA E PERDAS E DANOS, processo nº 0802384-62.2014.816.0001, requerida por JOSÉ WASHINGTON MACHADO DE OLIVEIRA CASTRO, residente e domiciliado na rua Antenor Navarro, nº 957, Prata, Campina Grande/PB contra CLÁUDIO HENRIQUE FARIAS DA SILVA E ANA CARLA DA SILVA FARIAS, para no prazo de 15 (quinze) dias, contestar os termos da exordial, identificando-a de que não contestando a ação no prazo legal, presumir-se-ão aceitos como verdadeiros os fatos articulados pelo autor. Em observância dos artigos 250 e 257, inciso IV, todos do NCPC. CUMPRADA-SE. Dado e passado neste cartório do 4º Ofício Cível de Campina Grande – PB, aos 02 dias do mês de fevereiro do ano de 2018. Eu, _____ Jailton Guedes de Almeida, Monico judiciário digital e assinou: Audrey Kramy Araruna Gonçalves, Juíza de Direito.

Há 5 milhões de anos, surgia o Pico do Jabre

Pesquisa da UFPB traça cronologia sobre a formação do solo e da paisagem do ponto mais alto da Paraíba

André Resende
 andreresendejornalismo@gmail.com

Um estudo inédito feito a partir de uma tese de doutorado em Geografia na UFPB indicou que o Pico do Jabre, ponto mais alto da Paraíba e o segundo mais alto do Nordeste, no município de Maturéia, a cerca de 327 km de João Pessoa, foi formado na era Cenozoica, entre 5,3 milhões a 2,6 milhões de anos atrás. O diagnóstico cronológico da paisagem foi feito pelo pesquisador Ailson de Lima Marques, doutorando em Geografia na UFPB, a partir de uma série projetos continuados ao longo de três anos apoiados por outros pesquisadores da UFCG, UFPB, UFMG e do Instituto Nacional do Semiárido.

O pesquisador explica que o estudo geomorfológico, trabalho feito no Pico do Jabre, é a parte da Geografia que permite analisar o relevo versando sobre taxonomia e processos geomorfológicos da área. A partir dos resultados encontrados na pesquisa, foi possível entender melhor como a vegetação e o solo se relacionam, além de descobrir como foi a evolução da região ao longo de milhões de anos após sua formação.

“Ao estudar processos geomorfológicos no Pico do Jabre, adentramos as conexões naturais daquela paisa-

gem e vislumbramos como o relevo está intimamente relacionado ao clima e rochas, e como estes favorecem a gênese dos solos identificados e a vegetação. Assim, esse simples trabalho mostra algumas das conexões que aquela paisagem fez, principalmente, ao longo do período Quaternário, para se preservar em meio às mudanças climáticas e evoluir”, explica.

O caráter pioneiro do estudo se dá pelos resultados apresentados. A pesquisa permitiu concluir que o Pico do Jabre influenciou uma sequência de solos ao longo dos anos, todos conectados pelo mesmo material de origem, o granito, mas de variadas cores, a depender do nível da ação erosiva da água. “Podemos também inferir que o Pico do Jabre é um paleoambiente, uma vez que os afloramentos rochosos em forma de boulder exposto por erosão são produtos de fases de intemperismo elevado, que faziam parte de espessas camadas de saprólito, que não condizem com o clima semiárido”, detalha.

Traduzindo o que Ailson de Lima Marques concluiu em sua pesquisa é que o ambiente do Pico do Jabre remete à sua formação numa época em que as rochas foram formadas por erosão ao longo de milhões de anos. Os boulders são as grandes

pedras rochosas que ficam isoladas, como as vistas no Lajedo de Pai Mateus, em Cabaceiras. O pesquisador acrescenta que a morfologia dos solos mais evoluídos apresenta coloração advinda de óxidos de ferro.

Manejo hídrico

“Por fim, a vegetação do Pico do Jabre obedece às características dos solos, como profundidade e posição na Catena, e é um conjunto de fitofisionomias (ecótono) dos biomas Caatinga, Mata Atlântica e Cerrado e este ecótono devido ao orografismo forma um Brejo de Altitude”, completa o pesquisador. A orientadora do trabalho, a professora Débora Coelho Moura, comenta que as conclusões do trabalho ajudam a planejar o ecoturismo, mas também a entender a forma como o Pico do Jabre colabora com o manejo hídrico da região.

“Os serviços ecossistêmicos que a área possibilita é a recarga de água para o reservatório Mãe D’água, no qual o complexo Pico do Jabre apresenta um padrão de drenagem dendrítico, cuja recarga hídrica ocorre apenas nos meses chuvosos de verão e outono para quatro sub-bacias (Rio do Peixe, Rio Piancó, Rio Espinharas e Rio Seridó)”, acrescenta.

A professora explica que a região não permite a exploração da atividade agropecuária, por se tratar de uma Unidade de Conservação, porém, o estudo do solo do entorno são derivados do complexo granitoide, que são carreados dos pontos mais altos para os

mais baixos, favorecendo os agricultores do entorno solos férteis e concentração de água nos pequenos reservatórios circunvizinhos.

“O parque por apresentar um microclima mais úmido e em decorrente a altitude apresenta chuvas constantes

ao longo do ano e alta umidade a noite e madrugada, isso favorece aos agricultores do entorno, o qual podem plantar em pequenas áreas e ter um ciclo de colheita ao longo do ano, principalmente de frutíferas”, comenta Débora Coelho Moura.

BAIXE NOSSO APLICATIVO



Siga, curta e compartilhe: [f](#) [t](#) [@](#) Rádio Tabajara
 Escute em qualquer lugar: www.radiotabajara.pb.gov.br

+ Divisor de águas de dois rios

O Pico do Jabre tornou-se um Parque Estadual a partir de uma lei estadual de 1992, representa uma Unidade de Conservação e atualmente ocupa uma área de 852 hectares. Trata-se de um maciço residual inserido na zona geotectônica de Teixeira ou Pluton Teixeira, no qual situa-se um dos mais importantes Brejos de Altitude pertencente ao pré-cambriano superior. Corresponde ao ponto culminante do estado da Paraíba, situado nos limites entre os municípios de Maturéia e Mãe D’água, ambas inseridas na região geográfica imediata de Patos.

Os municípios de Maturéia e Mãe D’água correspondem à bacia de drenagem das Serras das Águas, da bacia hidrográfica do Rio Piranhas. Por conseguinte, o Parque Estadual Pico do Jabre corresponde a um interflúvio, que se apresenta como um divisor de águas entre as bacias do Rio Piranhas e do Rio Paraíba, onde os platôs interceptam água pluvial e a distribui, sendo assim, responsável pela manutenção hídrica, tanto para o estado da Paraíba como o Rio Grande do Norte, com também destaque na manutenção e preservação dos recursos vegetativos e pedológicos.



FUTEBOL DE 5 EM TÓQUIO

Foto: Divulgação/CPB



O goleiro Luan Lacerda exibe a bandeira da Paraíba, sempre tremulando em Jogos Paralímpicos e no lugar mais alto do pódio

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com

Brasil, Paraíba, Seleção de Futebol de 5 e Paralimpíadas é uma soma que, desde 2004, só implica em um único resultado: medalhas de ouro, no plural, pois já são quatro obtidas nos Jogos de Atenas (2004), Pequim (2008), Londres (2012) e Rio de Janeiro (2016), em todos os anos com paraibanos na equipe nacional, sendo que, desde

a última conquista, a comissão técnica também é inteiramente paraibana, sob o comando de Fábio Vasconcelos que, como atleta, também esteve nas outras três medalhas douradas brasileiras.

Agora, com mais uma Paralimpíada prestes a começar, dessa vez em Tóquio, no próximo dia 24, a expectativa é mais uma vez por uma vitória paraibana, com destaque do lado de fora e dentro do gramado, já que o Estado além de cinco membros

na comissão técnica - Josinaldo Costa Sousa (auxiliar técnico e preparador de goleiros), Halekson Barbosa (fisioterapeuta), Edson Júnior (preparador físico e chamador) e Alexandre Sérgio (fisiologista) -, ainda conta com os goleiros Luan Lacerda, Matheus Costa e Damião Robson, zagueiro fixo que aos 47 anos, irá para a sua quarta Paralimpíada em busca do tetra pessoal. A equipe nacional ainda conta com Jardiel Vieira que é baiano, mas reside em João Pessoa.

Tradição paraibana é sinônimo de ouro para o Brasil

País domina a modalidade nas Paralimpíadas desde 2004, com vários atletas do Estado, além de integrantes da comissão técnica

Nesse ambiente de tradição, uma posição, em especial, pertence, quase exclusivamente à escola paraibana de futebol de 5: O gol, começando com o próprio Fábio Vasconcelos, que foi o goleiro do tricampeonato olímpico (2004-2012), antes de assumir o comando técnico da equipe. Depois do treinador, quem assumiu a função foi outro paraibano, Luan Lacerda que volta a disputar a competição depois do ouro nos Jogos do Rio de Janeiro.

Agora, aos 27 anos, Luan vai em busca, ao lado de seus companheiros de seleção, da continuidade da dinastia brasileira e paraibana, no Futebol de 5 e no gol, em solo japonês. Já treinando em Tóquio, realizando a aclimação, junto com todo o grupo da Seleção Brasileira, o goleiro, natural de João Pessoa, falou com exclusividade para o *Jornal A União*, na entrevista que você confere a seguir:

A ENTREVISTA

Além de defender e buscar impedir os gols, quais os outros papéis exercidos pelo goleiro dentro do futebol de 5?

Nossa principal função é estar bem embaixo das traves, mas outra questão que é essencial e de muita importância, dentro da modalidade é a orientação dentro de quadra. O sincronismo nesse fundamento decide muitos jogos. E com a qualidade da nossa equipe, isso ajuda muito.

Você fez a migração do futsal para o futebol de 5, algo comum no esporte, quais as similaridades entre as modalidades e as diferenças delas para o goleiro?

A maioria dos goleiros fez essa transição do futsal para o Futebol de 5 e isso ajuda muito na adaptação. Principalmente a questão da agilidade e rapidez para fazer os movimentos específicos, que no Futsal é essencial, também. A maior diferença é a nossa área, que é muito limitada. Além da dimensão das traves, que em 2017 aumentaram para 2,14 metros de altura por 3,66 metros de largura - no futsal, as traves medem 2 metros de altura por 3 metros de largura.

Falar em futebol de 5 e Paraíba é falar de tradição, especialmente na sua função que é a mesma, por exemplo, do seu treinador, Fábio Vasconcelos. Como você enxerga essa situação é uma pressão a mais?

Muito pelo contrário, o Fábio fez sua história na Seleção Brasileira como goleiro e treinador e isso me ajudou demais como goleiro, principalmente, no início da minha carreira no Futebol 5. Desde cedo, ele me ajudou muito, me passou muitas dicas de orientação, de como ele costumava fazer e fui levando pra dentro de quadra. Ele tem uma



Matheus Costa, o técnico Fábio Vasconcelos e Luan Lacerda, destaques no futebol de 5

leitura de jogo muito boa, e sempre conversamos sobre isso e como devemos organizar nossa equipe em cada jogo.

Ainda falando sobre essa tradição da Paraíba no futebol de 5, a que você atribui esse longo histórico de paraibanos representando o Brasil nessa modalidade?

Realmente a Paraíba é um celeiro de jogadores no futebol de 5. Em todas as edições de Paralimpíadas tivemos algum paraibano presente. E isso vem desde cedo, a partir da preparação nos institutos e toda a caminhada do atleta. Então é importante a base está bem feita e acredito que na Paraíba e no Nordeste, em geral, buscamos trabalhar e visar a busca dos novos talentos para o futebol.

Falando agora mais sobre os Jogos, o Brasil chega para buscar sua quinta medalha de ouro e manter essa força que vem desde os Jogos de Atenas, em 2004. Como o grupo está lidando com

essa pressão, isso é algo que atrapalha ou motiva mais?

A pressão existe, pois somos o único país medalhista de ouro na modalidade, então todas as seleções querem nos derrubar, isso é normal. Então, a expectativa de todos é que consigamos mais essa medalha, mas sabemos da dificuldade que é uma competição como essa. Nosso grupo é bastante experiente e conseguimos lidar muito bem com esse tipo de situação. Então, não acho que esse tipo de pressão atrapalhe, na realidade, será mais um fator que vai nos motivar para alcançar a medalha de ouro.

A cada ano, a tendência é que a competição fique mais forte, qual a expectativa que podemos ter nas Paralimpíadas em relação aos adversários, quais são os principais rivais, por exemplo?

Com certeza, hoje o nível está muito alto. As seleções vêm melhorando suas marcações e ataques, além de estudarem, principalmente, nossa seleção. Então, cada jogo é

muito complicado. São oito equipes que chegam fortes, mas tradicionalmente além do Brasil, a Argentina e a China sempre chegam nas finais e fazem jogos muito duros com a gente.

No chaveamento em que o Brasil ficou, um dos fatores complicadores é que vocês jogaram todas as partidas no pico da temperatura, sempre às 11h, como isso pode afetar o desempenho de vocês nos Jogos? Vocês já estão no Japão, em Hamamatsu - cerca de 250 km de Tóquio -, realizando a aclimação, com isso, os treinos, por exemplo, estão sendo realizados nesse horário?

Pegamos uma sequência de horários complicados. O calor aqui no Japão está muito forte e acaba desgastando demais. Estamos treinando em dois períodos aqui em Hamamatsu. E pegamos um pouco desse horário, mas não chegamos a treinar na hora exata do jogo, pois tem toda uma logística com a equipe, de transporte, alimentação, por exemplo, mas sim, treinamos mais

ou menos nos mesmos horários dos jogos da primeira fase.

O esporte é um lugar de superação, especialmente quando a gente fala em paradesporto. Você, pela sua função no esporte, pode conviver nesse ambiente, mesmo não possuindo nenhuma deficiência, tendo também uma experiência no ambiente de disputa do Futsal e das modalidades não paralímpicas, o que essa oportunidade de estar na seleção lhe rendeu como ensinamentos, tanto do ponto de vista esportivo, mas especialmente na sua rotina e vida pessoal?

O ponto maior nessa experiência toda, é que não devemos focar nas deficiências, mas na eficiência dos atletas. E começando a ver por esse lado, conseguimos tirar ensinamentos mais profundos nesse convívio diário. Fazer parte dessa história é uma alegria muito grande e agradeço a Deus pela oportunidade de realizar sonhos fazendo o que mais gosto.

Foto: Alê Cabral/CPB



O goleiro Luan Lacerda diz que não foca nas deficiências, mas sim na eficiência dos atletas

Santa Rita e João Pessoa vão realizar festivais de capoeira

Eventos irão reunir capoeiristas da Paraíba, Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro este mês e em setembro

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com

A arte ancestral da capoeira terá dois eventos importantes e de repercussão nacional ocorrendo na Paraíba entre o dia 21 deste mês e o dia 18 de setembro de 2021. O primeiro desses eventos será o 9º Festival de Capoeira em Santa Rita, que ocorrerá no próximo dia 21, na Região Metropolitana da capital, reunindo mais de 50 capoeiristas da Paraíba, Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro. Já entre os dias 17 e 18 do próximo mês, ocorrerá, em João Pessoa, o 6º Encontro Nacional Gospel de Capoeira reunindo, de forma híbrida, capoeiristas de todo o Brasil.

A cidade de Santa Rita, na Região Metropolitana de João Pessoa, receberá a 9ª edição do Festival Cultural de Capoeira. O evento é promovido a partir do grupo de capoeira do Centro Social Urbano (CSU) - equipamento público vinculado à Secretaria de Estado do Desenvolvimento Humano (SEDH) - e reunirá mestres de capoeira da Paraíba, além dos estados de Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro. O encontro prevê a participação de 50 capoeiristas que se reunirão na Praça Diógenes da Chianca entre às 13h e 17h do próximo dia 21.

Por conta das restrições ocasionadas pela pandemia da covid-19, a edição do Festival Cultural de 2021, terá uma redução no número de participantes e só poderão se fazer presentes os membros do grupo de capoeira do CSU de Santa Rita e os convidados da organização. Em edições anteriores, o encontro reunia uma média superior a 300 capoeiristas, número seis vezes maior que o limite imposto para essa edição, que será restrita a 50 componentes.

Fruto do projeto social vinculado ao CSU - localizado no bairro do Alto das Po-



Foto: Reprodução/Rádio Tabajara

A capoeira é um tipo de luta que teve origem no Brasil a partir do século XVI, possui grande expressividade para a cultura nacional e tem, como principal característica, a defesa pessoal

pulares -, o Festival Cultural de Capoeira de Santa Rita, além de celebrar a capoeira, sua história e manifestações, também foca na valorização da prática como mecanismo de combate à violência e fortalecimento de vínculo das crianças e adolescentes atendidos pelo projeto que, entre outras ações, monitora também a frequência escolar e notas dos seus membros.

Em uma cidade que se encontra entre as 30 mais violentas do país, de acordo com dados do Mapa da Violência de 2018, a ação protagonizada pelo projeto de capoeira do CSU do Alto das Populares é um instrumento social importante para a mudança dessa realidade. É justamente nesse sentido que o Mestre Touquinho, um dos organizadores do Festival Cultural, defende a realização do evento que, segundo ele, contará com um

protocolo rígido para a proteção de seus participantes contra a covid-19, de modo que se possa permitir, em segurança, um intercâmbio importante com capoeiristas de outros estados e a celebração da arte ancestral.

"Nós teremos uma limitação importante em relação ao número de participantes e vamos focar no cumprimento de todos os protocolos sanitários previstos para que possamos, apesar das dificuldades, realizar esse grande festival em prol da capoeira. Teremos grandes nomes da capoeira participando do festival, vindo dos estados de Pernambuco, da Bahia e do Rio de Janeiro e nossa expectativa é que tenhamos um momento muito importante nessa 9ª edição para o desenvolvimento da capoeira em Santa Rita e na Paraíba", comentou.

Encontro Gospel

Marcado para ocorrer entre os dias 17 e 18 de setembro, o 6º Encontro Gospel de Capoeira retorna em 2021, após um ano de interrupção por conta da pandemia da Covid-19. O evento já conta com capoeiristas confirmados de estados como Bahia, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Sergipe, Ceará, São Paulo, Rio de Janeiro, além de praticantes e mestres paraibanos. O evento é organizado pelo Grupo de Capoeira Shalom, vinculado à Igreja Vidas, no bairro do Valentina, Zona Sul de João Pessoa, onde ocorrerá o evento.

O encontro de capoeiristas que demarca a formação de alunos do grupo, também realizará, através de uma parceria com o Hemocentro da Paraíba, uma campanha de doação de sangue por

parte dos participantes que estiverem no evento, de maneira presencial. Para tal, no dia 17, além da abertura oficial, será lançada a campanha "sou capoeira, sou sangue bom" que das 8h às 16h, do primeiro dia de atividades, estimulará a captação de sangue a partir de uma estrutura que será montada no local pelo Hemocentro. Já no dia 18 serão realizadas as atividades alusivas a passagens de faixas, assim como diversas rodas de capoeiras entre os grupos presentes.

De acordo com o Mestre Nenem, presidente do Projeto Shalom e um dos organizadores do encontro, o foco do evento é a congregação em torno da capoeira, sempre tendo foco nessa prática a partir de um olhar social e um mecanismo para que se possa melhorar e contribuir com a sociedade, objetivo co-

mum, também ao projeto que foi fundado em 2014 e busca, através da capoeira, resgatar jovens e adultos em situação de vulnerabilidade social, drogadição ou violência.

"Um dos maiores objetivos do nosso evento é, através da capoeira, falar de amor e comunhão. Naturalmente, as pessoas pensam, pelo nome gospel, que esse é um evento fechado, mas pelo contrário, nós queremos é a maior pluralidade possível de pessoas, independente da sua religião. O espaço em si, é uma celebração, pois nele, comemoramos um momento importante dos nossos alunos, que é a troca de corda e, por isso, aproveitamos para celebrar. Hoje, nosso evento já é uma tradição, reunindo mais de 60 grupos, com todo mundo jogando capoeira em harmonia e paz", comentou o mestre Nenem.

Após fracasso nos Jogos de Tóquio, Seleção masculina de voleibol é convocada para o Sul-Americano, em Brasília

Agência Estado

A Seleção Brasileira Masculina de Vôlei volta a se reunir depois da inespérada campanha sem medalha na Olimpíada de Tóquio. A convocação anunciada, na última quinta-feira, para o Campeonato Sul-Americano definiu o grupo que treinará a partir desta semana no Centro de Desenvolvimento de Voleibol (CDV), em Saquarema (RJ).

Foram convocados os seguintes nomes para o torneio: os levantadores Bruninho e Fernando Cachopa; os opostos Alan e Aboubacar; os ponteiros Lucarelli, João Rafael, Vaccari e Adriano; os centrais Lucão, Isac, Flávio e Cledenilson; e os líberos Thales e Maique.

De acordo com a nota oficial, divulgada pela Con-

federação Brasileira de Vôlei (CBV), Bruninho, Lucão, Lucarelli e Thales só vão integrar os treinamentos do grupo de atletas convocados na outra semana, a partir de 23 de agosto. O motivo foi o aval para um descanso mais prolongado por causa da intensa participação desses jogadores nos Jogos de Tóquio.

Douglas Souza, medalhista de ouro no Rio-2016 e um dos destaques da Seleção Brasileira na campanha em Tóquio, não esteve entre os convocados por opção. "Estou em um momento prestes a viver a experiência de morar fora do Brasil pela primeira vez e estou muito feliz com essa oportunidade. Tenho uma série de coisas para organizar e esse é um período que preciso me dedicar à vida pes-

soal. Vou estar na torcida, acompanhando a seleção e desejo boa sorte a todos", disse o ponteiro.

Soberano no Campeonato Sul-Americano, com 32 títulos em 33 edições disputadas, o Brasil fará sua estreia na competição, sediada em Brasília, contra o Peru, em 1º de setembro, às 19 horas.

O Brasil é absoluto no Campeonato Sul-Americano e, das 33 edições já realizadas, só perdeu uma. A competição terá início no dia 1º de setembro



Foto: Miriam Jeske/COB

Sem nenhuma medalha em Tóquio, os jogadores da Seleção Brasileira voltam suas atenções agora para a disputa do Sul-Americano, no Brasil

90 anos Fifa celebra o lendário Zagallo

Site da maior entidade do futebol mundial presta uma grande homenagem ao esportista

FIFA.com

O esporte o deixou chorando pela primeira vez em 1950. O alagoano era um soldado de 18 anos que trabalhava como segurança no Maracanã e ficou arrasado quando o Uruguai surpreendeu o Brasil na decisão da Copa do Mundo da Fifa. Oito anos depois, as lágrimas eram de um tipo diferente quando, apesar de nunca ter jogado futebol internacional um mês antes do início da Suécia 1958, o ala desempenhou uma função fundamental e destruiu de roteiros quando a seleção conquistou seu primeiro título mundial. Zagallo gritou novamente enquanto o Brasil retinha o título no Chile em 1962, enquanto planejava a canonização de "The Beautiful Team" no México 1970 e ajudou Carlos Alberto Parreira a vencer a primeira Copa do Mundo do país em 24 anos, em Los Angeles. E a Fifa fez Zagallo chorar novamente em seu 90º aniversário, comemorado na última segunda-feira, dia 9 de agosto.

Para comemorar o aniversário, filmamos uma série documental em quatro partes sobre o homem que teve um envolvimento mais profundo com a Seleção Brasileira do que qualquer outro. Apresenta filmagens e imagens inéditas e homenagens às lendas brasileiras Pelé, Pepe, Carlos Alberto Parreira, Jairzinho, Rivellino, Ricardo Rocha, Dunga, Bebeto, Cafu e Ronaldo, os estimados jornalistas Galvão Bueno, Paulo Vinicius Coelho e Tino Marcos, e um treinador bastante reconhecido pelo português José Mourinho.

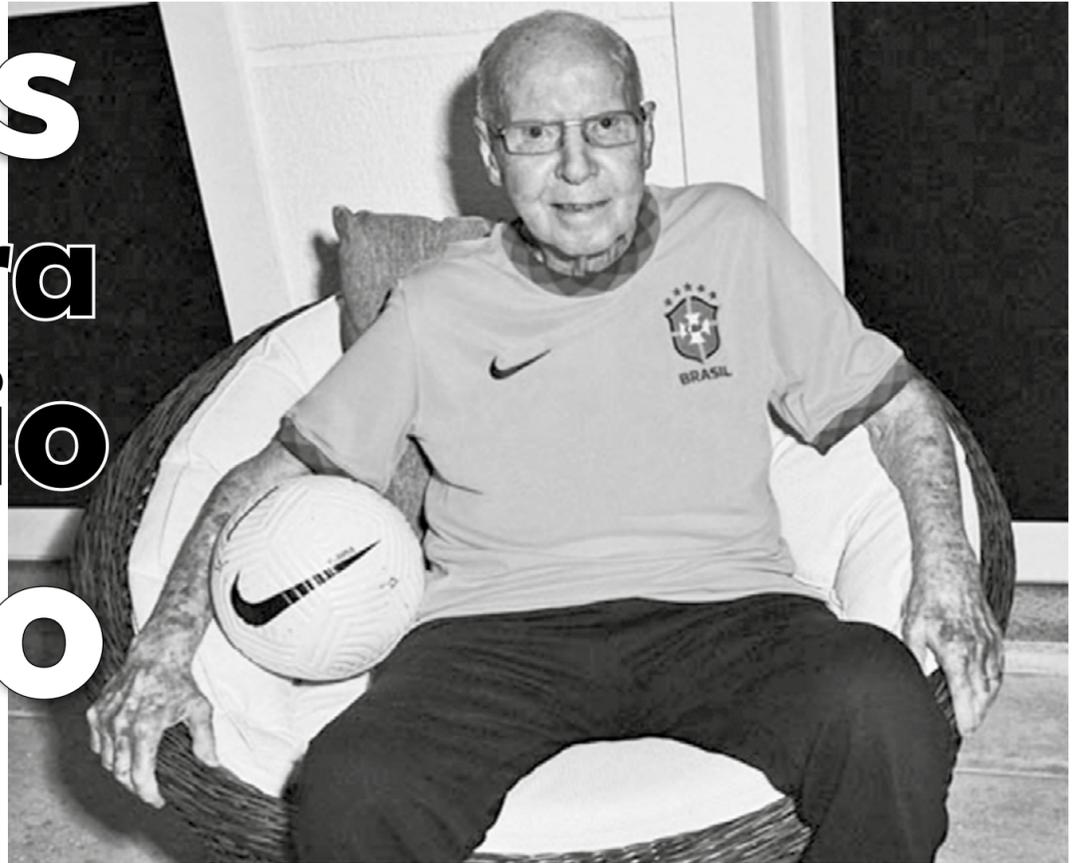
Na parte um, lembra como Za-

galo assistiu à final da Copa do Mundo de 1950 e disputou, em 1958 e 1962. "Minha paixão pela seleção começou quando eles não tinham jogadores nem treinador", disse Zagallo. "Amarelo nunca sairia da minha cabeça." Zagallo passou rapidamente de torcedor da seleção a jogador na iminência da Suécia em 1958. Ele disparou de não ter conquistado uma internacionalização pelo Brasil para ultrapassar os magníficos alas Pepe e Canhoteiro e fazer com que o técnico Vicente Feola mudasse seu

// Zagallo foi a razão da transição de um 4-2-4 para um 4-3-3. Tenho que agradecer a ele porque muitas vezes tive de recuar, tornar-me o terceiro homem, mas ele já estava lá //

sistema por causa de sua multifuncionalidade. "Zagallo foi a razão da transição de um 4-2-4 para um 4-3-3", disse PVC, com Pelé acrescentando: "Tenho que agradecer a Zagallo porque muitas vezes tive de recuar, tornar-me o terceiro homem (no meio-campo), mas ele já estava lá."

Na parte dois, destaca o que Bueno rotula de "incomparavelmente o melhor time da história". "Eles estavam jogando um 4-2-4", explicou Zagallo, que foi nomeado apenas 75 dias antes do início do México 1970. "Se eles tivessem ido para a Copa do Mundo sob esse sistema, não teriam



Zagallo é o único esportista no mundo a conquistar quatro Copas do Mundo, duas como jogador, uma como técnico e outra como coordenador

chegado a lugar nenhum." "Quando alguma seleção, do Brasil ou de qualquer lugar do mundo, coloca cinco números 10 no time?" perguntou Bueno. Jairzinho elogiou: "A seleção de Zagallo foi a melhor seleção que eu já vi." Uma emocionante seleção brasileira encabeçou sua campanha com indiscutivelmente o maior gol da história da Copa do Mundo: uma mudança gloriosa da equipe que terminou com Carlos Alberto batendo a bola para casa para completar a vitória por 4 a 1 sobre a Itália na final. "Sabíamos que Facchetti marcava de homem para homem", disse Parreira. "O Zagallo disse: 'Jairzinho, quando puder, abre espaço para o Carlos Alberto.'" O PVC acrescentou: "Era futebol total, quatro anos antes da Holanda." "Eu mudei totalmente o seleção", disse Zagallo. "Essa equipe nunca será esquecida."

A parte três analisa os EUA em 1994, onde Zagallo foi o assistente técnico do Brasil. "A presença dele inspirou confiança, símbolo de um vencedor", disse Parreira. "Sentimos a pressão - o Brasil estava 24 anos sem ganhar o título mundial - mas a confiança que ele nos deu foi enorme", comentou Bebeto enquanto passavam imagens icônicas de Zagallo: "O Brasil vai ganhar o quarto título - quer você queira ou não!" "Ele nos motivou, sorrindo, tirando o sarro da gente, brincando", disse Cafu. O episódio termina com Zagallo emocionado ao receber a visita de Dunga. "Você nos ensinou a amar o amarelo, as cores do Brasil", disse o capitão vencedor da Copa do Mundo. "Você sempre defendeu o Brasil - dentro e fora de campo. Você é

Carreira vitoriosa

Mario Jorge Lobo Zagallo tornou-se o único esportista a conquistar quatro títulos de Copas do Mundo, dois como jogador em 1958 e 1962, um como técnico em 1970 e outro como coordenador técnico em 1994.

Zagallo nasceu em Atalaia, Alagoas, no dia 9 de agosto de 1931. Com oito meses de idade foi com a família para o Rio de Janeiro. Ainda menino já mostrava habilidades para o futebol.

INÍCIO DE CARREIRA DE JOGADOR

A carreira de Zagallo começou, em 1948, no juvenil do América Futebol Clube, que ficava perto de sua casa. Vestindo a camisa 10, jogou os torneios de 1948 e 1949, quando se transferiu para o Flamengo. Em 1958, Zagallo conseguiu passe livre e acertou seu contrato com o Botafogo. Pelo clube, conquistou o bicampeonato carioca em 1961 e 1962.

No Botafogo, Zagallo jogou ao lado de grandes nomes do futebol, como Nilton Santos, Garrincha e Didi: Zagallo encerrou sua carreira de jogador em 1965.

COMO TÉCNICO

Em 1966 foi convidado para se técnico do juvenil do Botafogo. Sua trajetória se destacou com a conquista do Campeonato Carioca e da Taça Guanabara de 1967 e de 1968, do Campeonato Brasileiro de 1968 e tem também conquistas pelo Flamengo, Vasco e Fluminense. Além da Seleção Brasileira, Zagallo ainda dirigiu outras seleções como dos Emirados Árabes, Arábia Saudita e Kuwait,

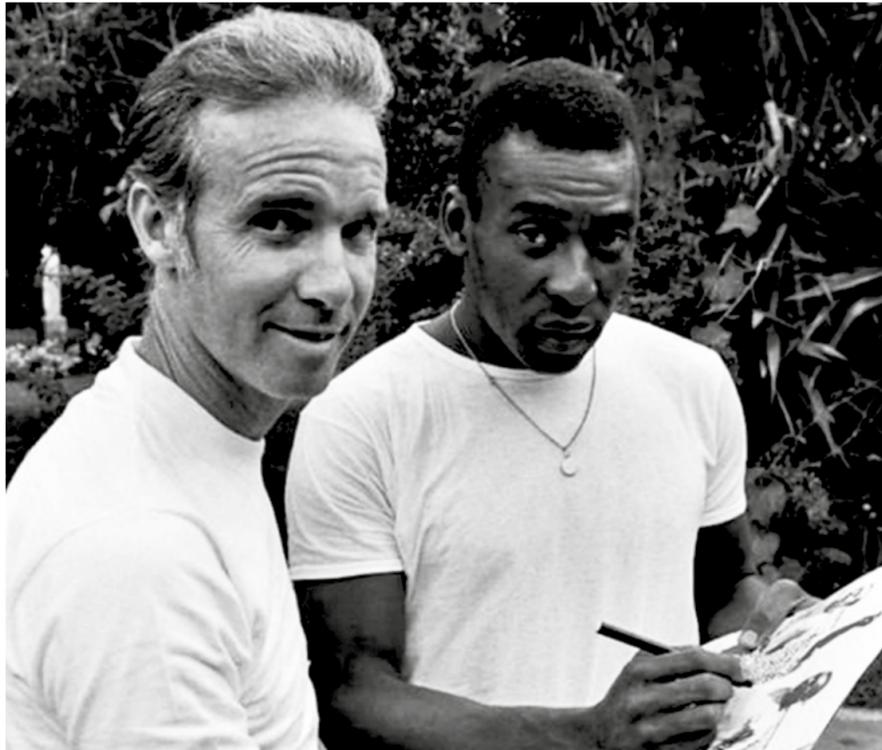
um exemplo para todos nós". "Estou ficando emocionado", respondeu Zagallo, com lágrimas nos olhos.

Na parte quatro, analisa a enorme influência de Zagallo na vitória por pênaltis sobre a Holanda na França de 1998: "Peguei Taffarel e disse a ele: 'Você vai ganhar por nós'. 'A caminhada do meio-campo, com a bola na mão, até a marca do pênalti é torturante", disse Ronaldo. "Mas tudo que eu conseguia pensar era em sua energia. Tive muitos treinadores im-

portantes, mas, sem dúvida, o maior de todos foi Zagallo". O episódio termina com homenagens. "Obrigado por existir", disse Rivellino. Pelé continuou: "Quero te agradecer por tudo, porque muito do que aconteceu na minha vida e com a seleção está em dívida com você".

A um homem que Mourinho aclamava como "um dos maiores nomes da história do futebol", obrigado por tudo. Feliz aniversário de 90 anos, Mario Zagallo.

Foto: Acervo pessoal



Zagallo e Pelé trabalharam juntos em três Copas do Mundo, duas como jogador (1958 e 1962) e uma como técnico (1970)

Foto: Fernando Soutello/Rio2016/Divulgação



Zagallo recebeu a chama olímpica de Carlos Alberto Parreira um dia antes da abertura da Rio-2016, em momento épico

Inter enfrenta o Fluminense no Beira-Rio pelo Brasileirão

Embalado pela goleada de 4 a 0 sobre o Flamengo, o time gaúcho conta com os reforços de Moisés e Boschilia

Da Redação

A 16ª rodada do Brasileirão programa para este domingo mais seis partidas com destaque para o confronto entre Internacional e Fluminense, às 20h30, no Estádio Beira-Rio. O time gaúcho ganhou motivação extra depois de golear o Flamengo na semana passada por 4 a 0 e subir na tabela de classificação, aparecendo agora na 11ª posição com 18 pontos. O tricolor carioca vem mal na competição e tem um ponto a menos que o seu adversário. Com a volta de Moisés, que cumpriu suspensão na última partida, além de Boschilia, que voltou de lesão, o técnico Diego Aguirre, do Internacional, ganhou mais opções para buscar a segunda vitória seguida.

No Estádio Raulino de Oliveira, em Volta Redonda, o Flamengo vai receber o Sport Recife, às 16 horas. O Maracanã está fechado desde a última sexta-feira e só terá jogos a partir do dia 30 de agosto, uma parada para manutenção no gramado. Só este ano já foram disputadas 45 partidas. Técnicos e jogadores têm reclamado bastante do gramado, daí a necessidade urgente de melhorias no tapete verde. O rubro-negro vem de uma derrota acapachante para o Internacional na rodada e busca reabilitação no Brasileirão e não terá Gabigol, expulso no domingo passado. O Fla ainda ocupa a sexta posição com 24 pontos. Já o Sport não faz boa campanha e segue flertando a zona de rebaixamento, ocupando a 15ª colocação.



Foto: Ricardo Duarte/Internacional

No domingo passado, a euforia tomou conta dos jogadores do Internacional, que golearam o Flamengo e esperam mais uma vitória contra o Fluminense

No Castelão, o Fortaleza recebe o Santos, às 18h15. O time cearense é o terceiro colocado com 30 pontos e vem de uma espetacular vitória sobre o Palmeiras, em São Paulo, por 3 a 2, no último dia sete, resultado que tirou, na 15ª rodada, a liderança do Verdão. O Santos está embalado no meio da tabela com 20 pontos e na oitava posição. Na semana passada empatou sem gols diante do Corinthians.

E falando em Corinthians, o alvinegro vai receber a visita do Ceará na Arena Neo Química, às 16 horas. O técnico Sylvinho segue pressionado por bons resultados, já que em 15 jogos soma

apenas 18 pontos, um aproveitamento de apenas 40%. O "Vozão" vive uma situação bem melhor em sétimo com 23 pontos. Na rodada anterior empatou sem gols com o Atlético de Goiás.

O time goiano terá pela frente o Bahia neste domingo, em Pituacu. Teve um bom início, mas caiu bastante de produção. Chegou a estar na parte de cima da tabela, mas hoje é o nono colocado com 20 pontos nos 15 jogos com cinco vitórias, cinco empates e cinco derrotas. O Bahia está em décimo com a mesma pontuação, mas nos critérios técnicos. O time da "Boa Terra" vem de um empate de 1 a 1 com o Cuiabá.

A equipe do Mato Grosso volta a jogar em casa e terá pela frente o Athletico-PR, às 18h15, na Arena Pantanal. A parada será mais dura porque o adversário está na ponta de cima da tabela em sétimo lugar com 23 pontos. O Cuiabá ocupa a zona de rebaixamento.

A rodada 16 será encerrada amanhã, na Arena Condá, em Santa Catarina, com o jogo entre Chapecoense e América Mineiro, duelo dos desesperados pelo fato de ambos estarem na zona de rebaixamento.

Série B

Quatro jogos complementam neste domingo a

rodada do Campeonato Brasileiro da Série B, iniciada na última sexta-feira. O principal destaque será o jogo do Botafogo, no Estádio Nilton Santos, a partir das 18h15, contra o Brasil de Pelotas. O time carioca vinha de excelentes resultados, mas no meio de semana foi derrotado pelo Operário e neste domingo busca não só a reabilitação, mas se aproximar ainda mais da parte de cima da tabela. Quem abre os jogos de hoje é o Londrina que enfrenta, às 11 horas, o Vila Nova, no Estádio do Café. A equipe paranaense vem de uma derrota de 2 a 1 para a Ponte Preta, enquanto o Vila perdeu para o Vasco por 1 a 0.

No Barradão, a partir das 16 horas, o Vitória terá pela frente o CRB, de Alagoas, que está na parte de cima da tabela, no G4. Já o Vitória está na zona de rebaixamento e fechando a rodada o Operário-PR vai enfrentar o Brusque, no Germano Kruger, às 20 horas.

Série C

Na terceira divisão do futebol brasileiro três jogos estão programados. Pelo Grupo A teremos os confrontos entre Altos x Tombense, no Estádio Lindolfo Monteiro, às 16 horas; e ainda Santa Cruz x Ferroviário, no Arruda, às 18 horas. Pelo Grupo B, o Oeste pega o Novorizontino, às 11 horas, na Arena Barueri.

Público nos estádios

CBF e clubes já planejam o retorno do torcedor

Gonçalo Júnior
Agência Estado

Com o avanço da vacinação contra a covid-19 no país, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e os clubes planejam o retorno parcial dos torcedores aos estádios. Ele será "parcial" porque os clubes terão de respeitar as regras de distanciamento social nas arenas. Os estádios não poderão ficar lotados para evitar a possibilidade de contaminação pelo novo coronavírus.

Com isso, um consenso começa a surgir entre os clubes: os sócios-torcedores terão prioridade na compra dos ingressos no retorno do público. Os clubes apostam na retomada dos planos de fidelidade e na recuperação dessa parcela da torcida, que também foi afetada pela pandemia.

"O sócio-torcedor do Flamengo sempre teve prioridade na compra de ingressos. Com a retomada controlada de público aos estádios, esta prioridade será ainda

mais importante, na medida em que teremos uma limitação de ingressos disponíveis para venda. Muito provavelmente, neste início, o público presente será formado majoritariamente por sócios-torcedores", diz Gustavo Oliveira, vice-presidente de comunicação e marketing do Flamengo.

A posição do clube com maior torcida do país é a mesma de outras agremiações. "Assim que o retorno for concretizado, ao analisarmos as regras que serão impostas, nós iremos priorizar o acesso aos sócios-torcedores, que mesmo sem poder ir ao estádio permaneceram ao lado do clube durante esse período", assegurou o presidente do Fortaleza Marcelo Paz.

O Juventude pretende abrir a venda de ingressos para o público em geral apenas quando a capacidade de ocupação for superior a 50%. "Temos que reforçar nosso apoio aos sócios, principalmente pela ajuda que eles nos deram na pan-

demia. Eles se mantiveram adimplentes e apoiaram o clube em todos os momentos", afirma Fábio Pizzamiglio, vice-presidente de marketing.

Victor Grunberg, vice-presidente de administração do Internacional, afirma que o clube gaúcho vai apresentar um modelo de retomada parcial do público com valorização dos sócios-torcedores.

Os programas de sócios se tornaram uma renda significativa para os clubes nos últimos anos. De maneira geral, eles oferecem vantagens nas compras de ingressos para jogos. Por conta da pandemia, no entanto, o segmento também encolheu.

Testes

A CBF prevê as primeiras experiências de retomada da torcida no segundo turno do Campeonato Brasileiro e nas quartas de final da Copa do Brasil. Isso deve acontecer no final de agosto e início do mês de setembro.



Foto: Alexandre Vidal/Flamengo

Torcedores do Flamengo, no Mané Garrincha, em Brasília, durante jogo válido pela Copa Libertadores deste ano

A entidade deve buscar o aval das autoridades estaduais para que as partidas sejam realizadas com público parcial. O governo estadual de Minas Gerais, por exemplo, já autorizou a reabertura nos municípios que estão na "fase verde" no combate à pandemia. Hoje, a região do Vale do Aço, onde se localiza Ipatinga, é a única que poderia receber torcida na arena sem restrições.

Em São Paulo, o governador João Doria (PSDB), afirmou na quarta-feira que não vai antecipar a data para a volta do público aos estádios e que isso só deve ocorrer em 1º de novembro.

A Conmebol autorizou em julho o retorno do público aos estádios nos jogos das oitavas de final da Copa Libertadores e da Copa Sul-Americana. Isso depende, no entanto, da liberação das

autoridades locais. A prefeitura do Rio de Janeiro liberou a presença de público na final da Copa América no início do mês de julho. O Maracanã recebeu cerca de 1.600 torcedores na vitória da Argentina sobre o Brasil. O cenário mudou em setembro. O poder municipal havia liberado a volta gradual aos estádios, mas voltou atrás em função do aumento de casos de covid-19 na cidade.



Produção de hortaliças por meio hidropônico permanece fazendo parte do cenário "cosmopolita" de João Pessoa



Mesmo com a expansão imobiliária, uma vacaria ainda funciona em um bairro residencial da capital paraibana

Carol Cassoli
Especial para A União

Sem o "bip" dos despertadores automáticos que acordam grande parte da população da capital, o dia de muitos cidadãos começa antes do raiar do sol. Ainda de madrugada, o chamado da natureza é o que as move até currais, plantações e granjas instaladas dentro de João Pessoa. Cuidadosamente, nesses espaços, há anos, são preparados produtos puros (tais quais leite, ovos e hortaliças), tão autênticos quanto os produzidos em zonas rurais nos interiores da Paraíba.

Sufocados pelo crescimento constante da cidade, no entanto, os pequenos ambientes rurais tentam encontrar estruturas que os permitam sobreviver em meio à tecnologia e à automatização da vida da população que, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), nos últimos 50 anos, cresceu mais de 250%.

Antônio Carlos Fonseca ainda era menino quando, há cerca de 60 anos, começou a ser ensinado sobre a dinâmica do campo e a rotina de cuidado dos bichos. E foi nessa mesma época que seu pai o ensinou a primazia da vida rural: o amor pelo que faz. "Quando a pessoa faz o que gosta, não trabalha. Meu pai me ensinou assim", enfatiza.

Hoje, muitos anos depois, o já não menino Antônio Carlos entende melhor do que nunca o fundamento do dia a dia em meio a vacas e bezerros. "Lidar com bicho é fácil pra quem vê, difícil pra quem não sabe e um prazer para quem ama. É um estilo de vida que só se sustenta por amor, porque não é qualquer pessoa que acorda de madrugada pra tirar leite de vaca, não", analisa.

Dono da Vacaria Santo Antônio, o agricultor relata as dificuldades de sobreviver em meio ao bairro pessoense de Água Fria. De acordo com Antônio Carlos, durante os quase trinta anos em que atua na região, o bairro (e toda João Pessoa) mudou muito atualmente. As vacarias, granjas e plantações se tornaram pontos fora da curva na rotina da maioria das pessoas. "Antigamente isso aqui era só mato e bicho. Agora, a cada dia que passa, sobem um prédio diferente. O bairro já não é mais rural e quanto mais vizinhos novos, mais gente se incomoda com a nossa presença". Antônio lamenta, e sabe que, em breve, terá que mudar sua vacaria para um espaço menos urbanizado.

Tão escondida quanto a Vacaria Santo Antônio está a Horta Aquarius, onde são plantados os mais diversos vegetais folhosos em plena Avenida Professor Francisco de Souza Rangel, conhecida como Ladeira do Rangel. É lá que Cleilton Andrade, Leandro Sousa e Josenildo Ângelo trabalham com hidroponia e, juntos, observam o crescimento de pés de alface, rúcula, couve e tantos outros alimentos folhosos que, semanas mais tarde, estarão na mesa da população.

Segundo Cleilton, que labuta há cerca de quatro anos na horta, trabalhar com planta é mais fácil que trabalhar com gente, mas, na verdade, o que conta para a hidroponia é a experiência: "As plantinhas não falam o que estão sentindo, nós é que temos que descobrir. Se não conseguimos resolver o problema, a produção cai. Aqui não temos regras. No verão é de um jeito, no inverno é de outro". O jovem de apenas 20 anos explica que seu primeiro emprego foi na horta e que, aos poucos, foi aprendendo a lidar com as necessidades de cada cultivo.

A roça é aqui!

Um ponto fora da curva de JP

Pequenos ambientes rurais, com produção diária, resistem em meio ao crescimento da cidade

+ Confiança e qualidade: o segredo do negócio

Um respiro em meio à rotina ensurdecadora da capital. É assim que grande parte dos clientes enxergam esses pequenos espaços escondidos dentro da cidade. Ednaldo Queiroz nasceu e cresceu em ambiente rural e, hoje, vivendo no caos da urbe, faz questão de comprar na Vacaria Santo Antônio porque sente que, ali, volta a seus dias de infância; quando o mundo era outro. O consumidor que frequenta a vacaria há muitos anos conta que prefere comprar leite e derivados ali, porque sabe o produto que está consumindo: "Quem sabe o que é bom, não troca o certo pelo duvidoso. Isso aqui é paz engarrafada".

A "paz engarrafada" a qual Ednaldo se refere são as garrafas de leite fresco vendido aos litros por R\$4,50. De acordo com ele, todos os produtos são de confiança e, das garrafas de leite às peças de queijo, potes de coalhada e recipientes de manteiga, tudo tem qualidade superior ao que é oferecido pela indústria.

Cliente fiel e defensor da preservação do meio rural em cidades maiores, Ednaldo afirma que a lista de vantagens é imensa e, por isso, se restringe aos benefícios do consumo de um produto natural em detrimento de alimentos processados em técnicas industriais. "O sabor que isso tem, leite agüado de supermercado nenhum tem. É um produto puro, de confiança e do mais saboroso. São dez litros de leite para gerar um quilo do melhor queijo que você vai encontrar aqui na capital. É preciso valorizar isso".



Cleilton Andrade: "Oferecemos um alimento saudável, feito dentro da sua cidade"



Antônio Carlos: "Quanto mais vizinhos, mais gente se incomoda com nossa presença"

Abastecendo a população pessoense

Mesmo com a dinâmica interiorana adotada tanto na vacaria de Antônio quanto na horta hidropônica em que Cleilton trabalha, a produção é grande. No caso de Antônio, os 700 litros de leite ordenhados diariamente na vacaria são suficientes para o consumo da família, para a venda em casa e para o abastecimento de duas fábricas que compram o leite para manufaturar outros produtos. Já Cleilton e seus dois colegas dão conta da colheita mensal de oito a dez mil pés de hortaliças folhosas que, mais tarde, abastecerão uma rede de supermercados de João Pessoa.

Cleilton explica que, para que não falte alface e outros vegetais nas gôndolas dos supermercados, o caminho é longo, pois a produção leva cinquenta dias para ficar pronta. "Nós trabalhamos com sementes peletizadas (revestidas de materiais não agressivos para facilitar o manuseio), hidratamos elas e esperamos atingir um tamanho bom para a transferência para tubos maiores", o jovem complementa que também é necessário renovar a água das hortaliças constantemente e que cada vegetal precisa de adubo e nutrientes específicos de acordo com o tipo e a idade.

Em acordo com Cleilton, Antônio defende que, para garantir produção de quantidade e com qualidade, a rotina desses espaços deve ser metódica e, por isso, o agricultor conta com a colaboração de cinco funcionários para ordenhar suas 70 vacas diariamente. "Temos que ordenhar duas vezes ao dia. São 450 litros pela manhã e 250 litros à tarde. Mas uma coisa eu garanto: nosso leite é o melhor. Cem por cento natural. Não tem igual. É por isso que as pessoas vêm comprar aqui, porque elas confiam no nosso produto", afirma.

Cleilton concorda: "Além do sossego que é aqui na hidroponia, a qualidade dos nossos produtos não tem igual. Oferecemos um alimento saudável, que você sabe de onde veio. Feito dentro da sua cidade mesmo."

Bento Soares

Amante do rádio e do futebol, era o "Milton Neves" da PB

José Alves
zaveira2@gmail.com

"Um verdadeiro amante do rádio e do futebol". É assim que os familiares, amigos e colegas de trabalho do Banco do Brasil e das redações de jornais e rádios definem o cronista esportivo Bento Soares, considerado um dos maiores jornalistas esportivos da Paraíba. Segundo seu filho, Nelson Soares, seu pai, mesmo no período que era bancário, nunca deixou de ouvir pelo rádio as resenhas esportivas do futebol local e nacional. Além de acompanhar tudo sobre futebol pelas rádios, ele tinha todos os exemplares da Revista Placar, que havia ganhado do amigo e radialista esportivo Stefano Wanderley, da Rádio Tabajara.

Quando Bento Soares foi trabalhar na Rádio Tabajara, em 2008, acabou realizando seu grande sonho, que era ser cronista esportivo de uma das maiores rádios da Paraíba. Ele comemorou tanto sua nova profissão que, ao receber seu primeiro salário, um cheque nominal a ele, mandou plastificar como se fosse um grande troféu. Sua maior satisfação foi estar contribuindo de forma mais expressiva com o futebol paraibano. Ele trabalhou na Tabajara até o fim de sua vida, em 2011.

Natural do município de Brejo, no Maranhão, Bento Soares nasceu no dia 13 de novembro de 1947, mas com poucos meses de idade foi morar em Porteiras, no Ceará. Antes de fixar residência em João Pessoa, morou em Alhandra (PB), Vitória de Santo Antão (PE), e em outras quatro cidades paraibanas: Bananeiras, Araruna, Alagoa Grande e Cajazeiras. Nessa última, no Sertão da Paraíba, casou-se com dona Maria José. Ainda jovem começou a trabalhar no Banco do Brasil. Ele atuava na Superintendência Estadual do Banco do Brasil na Paraíba e seguiu na carreira de bancário até se aposentar.

Logo após se aposentar, fez o vestibular para o Curso de Comunicação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e se formou em Jornalismo aos 56 anos. Desde então, não parou de trabalhar como cronista esportivo. Mas, ainda quando estudante, trabalhou na Rádio Iracema de Juazeiro, na Rádio Alto Piranhas em Cajazeiras, Rádio Oeste de Cajazeiras e na Rádio Sanhauá. Até ser convocado para trabalhar na Rádio Tabajara em João



Ilustração: Tônio

Pessoa. Nesse período, Bento Soares também escrevia semanalmente para a revista A Semana, na capital paraibana, dirigida pelo jornalista Neno Rabello.

Segundo seu companheiro de curso e amigo Stefano Wanderley, enquanto esteve na UFPB, todas as dias ele realizava no Departamento de Comunicação uma mesa redonda sobre futebol. "Ele era tão apaixonado por futebol que o apelido dele na UFPB era 'Milton Neves'. Era um cara muito ético, fez muitas amizades no meio esportivo e gostava muito de aconselhar os novos repórteres e ajudar as pessoas", revelou.

Morte

Bento Soares morreu na madrugada do dia 28 de novembro de 2011, deixando órfão os filhos Nelson, Tales e Natália, bem como todos aqueles que acompanham o futebol paraibano. Seus comentários eram precisos e revelavam a realidade do futebol paraibano. Seu sepultamento aconteceu no Cemitério Parque das Acácias, na capital.

Na época, os presidentes da Associação Paraibana de Imprensa (API) e da Associação dos Cronistas Esportivos da Paraíba (Acep) divulgaram uma nota conjunta de pesar pela morte de Bento. Em um trecho, a nota dizia: "Além de saudades, ele deixa exemplo de honestidade, coleguismo e, acima de tudo, lealdade". A nota foi assinada pelos presidentes Marcela Sitônio (API) e João Camurça (Acep) e relatava que a crônica esportiva paraibana e todos aqueles "que respiram o futebol da Paraíba acordaram tristes com a morte do jornalista Bento Soares, um dos grandes nomes do jornalismo esportivo do Estado". Na noite anterior, Bento sentiu-se mal e foi socorrido ao Hospital da Unimed, em João Pessoa, onde mais tarde foi vítima de um infarto fulminante. A diretoria do Sindicato dos Bancários da Paraíba também emitiu nota de pesar.

Quando se tornou cronista esportivo da Rádio Tabajara, Bento ficou tão feliz em exercer a sua paixão que plastificou o primeiro cheque que recebeu de salário

Livro faz um "DNA" do futebol brasileiro

José Alves
zaveira2@gmail.com

No ano de 2006, Bento Soares lançou o livro 'Vendo o Jogo Pelo Rádio', em homenagem aos jornalistas e radialistas de destaque da imprensa esportiva brasileira. A obra foi resultado de sua monografia na conclusão do Curso de Comunicação, no ano de 2003, e lhe rendeu uma entrevista no programa do jornalista e humorista Jô Soares. O jornalista e amigo de Bento, Edmilson Pereira, fez uma entrevista com ele após o lançamento de seu livro e falou sobre a satisfação do cronista ao lançar sua obra.

Bento enfatizou que, depois de aposentado, teve o desejo de voltar à vida de estudante. "Prestei vestibular para a UFPB e, por ocasião da conclusão do curso, eu peguei como tema da monografia a história da crônica esportiva, juntando o futebol, uma paixão nacional, e uma das principais manias do brasileiro, o rádio. Então adicionei um outro elemento: o cronista esportivo".

Na época, ele confidenciou que sempre demonstrou e teve uma preocupação com o tratamento dispensado ao cronista esportivo, que em sua ótica era uma categoria pouco reconhecida pela sociedade. Sendo assim, buscou traçar a história da crônica esportiva, desde o ano de 1931, com Galhana Neto, da Rádio Educadora Paulista.

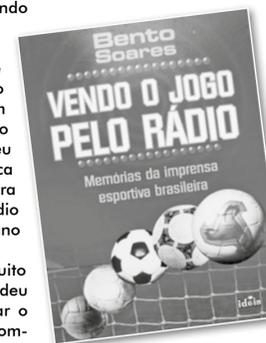
No livro, ele faz um "DNA" do fu-

tebol brasileiro desde 1894, quando Charles Miller, um estudante brasileiro que era radicado em Londres, voltou ao Brasil trazendo bolas de futebol, livros contendo regras do jogo e implantou esse esporte em nosso país. Ele também revela no livro que foi em 1922 que aconteceu a primeira transmissão radiofônica no Brasil, e que a primeira emissora a ser inaugurada no país foi a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, no ano de 1923, por Roquette Pinto.

Ele contou que agradeceu muito a sua esposa pela ajuda que ela deu durante sua pesquisa para lançar o livro. O agradecimento foi pela compreensão, porque esse trabalho lhe custou quatro anos de pesquisas, "sendo fundamental a compreensão dela pela ausência, pelas viagens, o uso constante do computador e muitas noites em claro". Na oportunidade, ele também agradeceu aos amigos e orientadores da universidade que lhe incentivaram a transformar a monografia em livro.

O livro tem 473 páginas e 18 capítulos. Na obra, Bento conta a história da crônica esportiva de forma abrangente, com 538 perfis, minibiografias de profissionais da imprensa, segmentados pela função e qual a estrutura da transmissão esportiva composta pelos seguintes profissionais: apresentador, narrador, comentarista e repórter.

Ele dedicou um capítulo aos cronistas de jornalismo impresso. Um



Acima, o livro que rendeu ao cronista Bento Soares uma entrevista no programa do apresentador e humorista Jô Soares



Foto: Album de Família

outro capítulo foi dedicado às frases hilariantes, pitorescas, assim como frases filosóficas de grandes nomes do futebol, como Nenê Prancha, considerado o maior "filósofo do futebol". Na obra, também tem frases marcantes do escritor Nelson Rodrigues e de Armando Nogueira. Tem um capítulo destinado aos bordões de diversos profissionais de imprensa. Afinal, existe toda uma linguagem, slogans e apelidos aos profissionais do rádio.

Bento relatou que o livro era um tribu-

to ao rádio e aos profissionais da imprensa esportiva. Revelou ainda que a sensação de escrever um livro é a realização de um homem. E que foi gratificante ter seu trabalho reconhecido pelos leitores. Bento se autodefinia como uma pessoa de fácil relacionamento e aberto às amizades. "O que mais me alegra é que eu até posso me comparar ao Roberto Carlos. Acho que também tenho um milhão de amigos", disse ele no final da entrevista, destacando: "A narração de um jogo pelo rádio tem muito mais emoção do que pela tevê".

Angélica Lúcio



angelicallucio@gmail.com

A abreviatura não foi feita para humilhar ninguém

Há alguns dias, eu estava sintonizada em uma emissora de rádio local e quase engasgo, quando ouvi uma repórter ler o endereço de uma ocorrência: Rua "Malalmeida" Barreto. Olhei para meu marido e indaguei: — Ela se atrapalhou na hora de ler a abreviatura de marechal? Foi isso mesmo? Ao ouvir a confirmação de meu marido, apenas lamentei: — Que pena!

Assim como a vírgula, a abreviatura não foi feita para humilhar ninguém. No caso da colega jornalista, deu para perceber, pelo tom de voz e ritmo da leitura, que ela identificou algo estranho no "Mal. Almeida Barreto", mas não soube na hora como deveria pronunciar aquele "mal" seguido de ponto. E não há problema nenhum nisso! Ninguém nasce sabendo e todo mundo tropeça um dia, seja na língua, seja na vida, até aprender.

O Manual de Jornalismo da Radiobrás (cuja versão em PDF está disponível na internet) define abreviaturas como "reduções de palavras ou locuções fixadas na língua escrita e de uso genérico". Em geral, a palavra abreviada é marcada com ponto, como marechal (mal.), feminino (fem.), anatomia (anat.), coronel (cel.), batalhão (btl.), amigo (amo.), singular (sing.). Algumas exceções são: horas, mi-

nutos e segundos (h, min, s); milhão, bilhão (mi, bi); símbolos científicos e abreviaturas do sistema métrico decimal (m = metro, km2 = quilômetro quadrado). Também no manual, consta que o ponto da abreviatura acumula a função de ponto final quando coincide com o fim do período. Além disso, para abreviar nomes de pessoas e lugares conhecidos, podemos optar por iniciais, formando siglas (ACM - Antônio Carlos Magalhães, FHC - Fernando Henrique Cardoso), uma forma mista (G. Franco, S. André) ou ainda a parte do nome mais conhecida (Sarney, Lula, Ciro, Boulos). Atenção: quando há coincidência de nomes ou sobrenomes, a abreviação deve ser descartada.

A orientação geral do Manual de Jornalismo da Radiobrás é que, para facilitar o entendimento, deve ser evitado o emprego exagerado de abreviaturas. No caso da primeira página, não se deve usar as pouco conhecidas, pois isso compromete a clareza do texto. "Se for necessário empregar abreviaturas para que a informação mais relevante conste de títulos, legendas, créditos, tenha certeza de que não comprometerá a inteligibilidade", ensina a publicação. O uso de abreviaturas também não deve ser usado no

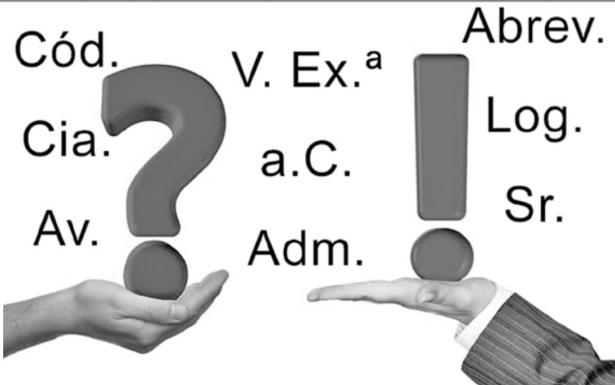


Foto: Reprodução

corpo de matérias, exceto para indicar horas e moedas. Importante: mi e bi (milhão e bilhão) podem em título, mas não no corpo do texto).

Quando se trata de TV, vale a mesma regra; a exceção fica para o campo "agenda", devido à limitação de caracteres. Mas há outras situações em que são permitidas, como em designação de hora marcada (10h30, 15h45) e moeda (R\$ e US\$). No caso de rádio, a orientação é simples: "Em textos para o rádio, não use abreviatura. Elas podem comprometer o entendimento do enunciado que será lido em voz alta". E foi justamente isso que ocorreu com a jornalista

no exemplo que abriu este texto. Saber o significado de todas as abreviações não é algo fácil. Por isso mesmo, algumas publicações trazem uma lista de abreviaturas que facilitam muito o dia a dia dos comunicadores. Procure alguma dessas relações e faça uma revisão nos ensinamentos.

Em tempo: o título desta coluna foi inspirado em um texto do escritor José Cândido de Carvalho, jornalista, com atuação no O Liberal, Folha do Comércio, O Dia e a Gazeta do Povo, entre outros, publicou o primeiro romance em 1939 ("Olha para o céu Frederico"), mas se consagrou com a obra "O coronel e o lobisomem".

Tocando em frente Professor Francelino Soares



francelino-soares@bol.com.br

De reis e de rainhas

O chamado mundo político brasileiro não cultuou o título de rei nem de rainha. Ao que se sabe, apenas Dom João VI assumiu esse papel, ao ser considerado como tal, dividindo, no entanto, o seu reinado num constituído Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves (de 1816 a 1822) que, com a Independência do Brasil, fez eclipsar-se o tal reinado, ficando este restrito apenas a Portugal e Algarves, pelo menos até a morte do rei, em 1826. Os soberanos Dom Pedro I e Dom Pedro II foram apenas imperadores, mas, pelo menos aqui, nunca foram reis.

Essas reflexões me vieram quando me detive no apreço que o brasileiro tem em forjar os seus reis e suas rainhas em tudo quanto necessário achar. Vamos, então, a alguns exemplos que nos apresentam essas titulações, uns de relevante notoriedade; outros, nem tanto: simplesmente, o rei (Roberto Carlos), que divide o trono com outro rei, mas do futebol (Pelé); no mundo musical, ao que me lembre, temos o rei da voz (Francisco Alves); o rei do samba (Geraldo Pereira); o rei do baião (Luiz Gonzaga); o rei do ritmo (Jackson do Pandeiro); o rei da munganga (Genival Lacerda); o rei do forró (Alcymar Montenegro); a rainha do forró (Elba, pela Paraíba, e Eliane, pelo Ceará); o rei do brega (Reginaldo Rossi); num arremate internacional, temos: o rei do rock (Elvis); o rei do pop (Michael Jackson); o rei do mambo (Perez Prado). Voltando à terra brasileira, no mundo – digamos assim – da não música, vêm-nos à mente: o rei do

Brasil (Chatô), pelo menos assim o titulou o seu biógrafo Fernando Morais; o rei do café, pelo menos o primeiro deles: Joaquim José de Sousa Breves; a rainha dos baixinhos (Xuxa); a simplesmente rainha Hortência (do basquete); agora surgiu a rainha das Olimpíadas (Rebeca Andrade); a rainha da sucata (Regina Duarte, incorporando a personagem Maria do Carmo); e, finalizando, aparece até um "rei da cocada preta"... Affff! É muito rei pra pouco reinado. Enfim, parece até adequado recordar a música de Herivelto Martins/Waldemar Ressurreição, feita sob encomenda para Francisco Alves, em 1944: "Que rei sou eu? / Sem reinado e sem coroa / Sem castelo e sem rainha...". Afinal de contas, como canta o E.L.O. (Electric Light Orchestra), na deliciosa criação de Jeff Lynne, Rock 'n' Roll is King.

Mas, pra não dizer que não falei de música, aí vai mais um, agora o rei da embolada, que bem poderia ser também do coco. Afinal, Manezinho Araújo (Manuel Pereira de Araújo - Cabo de Sto. Agostinho, 1913 - São Paulo, 1993) é tido e havido como tal. Se buscarmos o registro semântico do termo "embolada", vamos poder resumi-lo como sendo uma forma poético-musical, cultivada no Nordeste, muito empregada nos desafios improvisados, com harmonia e notas musicais repetidas. Daí a sua semelhança com o coco e até mesmo com o desafio ou com o repente. Sob este aspecto, podem ser citados também os pernambucanos Castanha & Caju, mas o "reinado" pertence a

Manezinho, um misto de compositor, cantor, ator, radialista, jornalista e até pintor. Como tal, com sua "pintura primitiva" realizou dezenas de exposições, e ele tem obras expostas na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa -Portugal, mas é lembrado hoje, sobretudo, no universo musical. O título lhe foi outorgado quando, na antiga capital federal, fazia parte do cast da Rádio Mayrink Veiga. É dessa época que advém sua popularidade, iniciada, talvez, pela gravação dos primeiros jingles produzidos no Brasil, sob encomendas produtos Lifebuoy e Óleo de Peroba. O grande incentivo ao seguimento na carreira artística veio de ninguém menos do que de Carmen Miranda e de Almirante, e do violonista Josué de Barros, que o apresentou ao rádio e o levou a gravar o primeiro disco (1933): "A Minha Prantaforma" / "Se eu fosse Interventô", (ambos, sic) de sua autoria e em que fazia críticas de caráter social e reivindicatório ao mandante político do momento. Embora Getúlio Vargas o tivesse como um desafio pelo caráter irônico de suas emboladas, Alzira Vargas, mais tarde, já nos anos de 1950, cuidou de fazer a aproximação dos dois, que passaram a ser amigos.

No início da carreira, Manezinho Araújo participou ativamente dos cinejornais da Atlântida que ele sempre "fechava", cantando uma embolada em verso ou mesmo uma curta e engraçada estória. Por essa época e para alento dos flamenguistas, tornou-se um torcedor fanático do time rubro-negro e amigo e confidente do craque da época, Leônidas da Silva, o Diamante Negro.

O reconhecimento nacional lhe veio mesmo foi com seu primeiro grande sucesso, da-

tado de 1938, a engraçada embolada de sua autoria "Pra onde vai, valente!?", a que se incorporam outros: "O Carretê do Coronê", "Cuidado com o Coco", "Cuma é o nome dele?", "Coitadinho do Manezinho", "A Mulher e o Automóvel", entre inúmeros outros. Dois fatos curiosos: em 1945, Luiz Gonzaga, que não costumava gravar cantando, cedeu a Manezinho a gravação da música "Dezesse e Setecentos", criação do rei do baião, em parceria com Miguel Lima, com base em tema folclórico das Minas Gerais. Gonzaga não gostou da gravação, então passou a incorporá-la no próprio repertório, mas não conseguiu "apagar" o sucesso da gravação inicial; um outro fato digno de registro: é dele, em parceria com Catulo de Paula, a música "Como tem Zé na Paraíba", em gravação (1962) do nosso Jackson do Pandeiro.

Os tempos são outros, mas, mesmo sem rei e sem rainha, seria interessante resgatar o estilo e o sucesso de Manezinho Araújo.



Foto: Reprodução

COM O CHEF **WALTER ULYSSES**

Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de tevê e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

@walterulysses
chefwalterulysses@hotmail.es

Como preparar uma boa comida

Uma das coisas que mais sou questionado é sobre os produtos para se preparar uma boa comida. E se os produtos de primeira são os melhores.

Claro que sim! Todo resultado de um alinhamento para ser preparado está em seus 50% dos seus produtos, os quais serão comprados, os outros 50% será o preparo e o modo de apresentação de cada prato.

Vejo muitos lugares postarem fotografias, principalmente de pratos, e no momento em que o cliente vai conhecer fica decepcionado com a propaganda enganosa. Com isso, você perde o cliente.

Todo tipo de estabelecimento tem seu público-alvo e suas formas de preço a serem trabalhados, assim como a margem de lucro de cada empresa.

Não significa se você está usando os melhores insumos para o preparo de sua comida, que pra você pode ser o mais caro,

cobrando cem vezes mais o valor do que uma pessoa que vende um produto de qualidade inferior.

Gosto sempre de falar do cachorro-quente, pois é um produto que o paraibano aprecia muito. Como conhecedor de produtos de qualidade, sei qual o tipo de salsicha e carne que está sendo usado, mas muitas pessoas não sabem. Daí fica aquele dilema como pode ser este valor se o produto pelo qual ele quer manter a qualidade não é baseado nos insumos usados para ter essa base de preço? E muitas vezes eu noto que a qualidade do produto foi alterada justamente porque baixou a qualidade do produto que era servido antes.

Hoje aqui em João Pessoa quase toda esquina e supermercado tem seu camarão de seu próprio viveiro, e existe também as diferenças de preços e qualidade de cada produto.

E isso só é notado por um profissional do ramo de gastronomia na hora de se elaborar um prato ou fazer as porções que é baseado na gramatura de cada prato.

Vender gato por lebre é bem uma tática de muitos comerciantes que se acham expertos, e ainda acham que são tão expertos que não serão notados com a má qualidade do seu produto.

Nós, como consumidores – falo isso pois também sou um –, temos que ter muito cuidado para não sermos enganados na forma que são feitos os pratos.

Faça valer o que está escrito no cardápio, o que você está pagando é muito importante para pagar um gato por lebre e ser lesado. Faça valer seu direito de escolha e principalmente de falar a verdade ao gerente ou ao proprietário do local.

Quem sabe poderemos mudar esse tipo de prática?

Fotos: Walter Ulysses



PRATO DO DIA

Filé mignon com crosta

Ingredientes

■ 800g do tornedó do filé mignon (bife da parte mais grossa do lombo de vaca envolvido numa fina fatia de toucinho)

- 4 dentes de alho
- 2 folhas de louro
- 2 ramos de alecrim
- 3 colheres de sopa de azeite
- 1 colher de manteiga

Para a crosta:

- 80g de manteiga

- 2 pães ralados
- 1 saquinho de queijo ralado
- Mix de pimenta do reino moída
- 3 dentes de alhos amassados
- 1 colher de sopa de alecrim
- Salsa picada
- Sal a gosto

Molho da carne:

- 1/3 de aceto balsâmico (vinagre)
- 50ml de cachaça
- 1 caixa de creme de leite
- 1 colher de sopa de amido

Modo de preparo

- Em uma frigideira, leve a manteiga, alho, azeite, alecrim e a folha de louro. Dê uma leve refogada e acrescente o filé temperado com pimenta do reino a gosto e sal; vire de cada lado a cada três minutos. Quando terminar, reserve o filé.
- Retire a carne e, na mesma panela que assou, prepare o molho colocando os ingredientes e, por fim, dê seu ponto de textura com o amido para engrossar um pouco.
- Bata em um mix ou em um liquidificador todos os itens do preparo da crosta e reserve.
- Pegue a carne que foi assada e coloque em uma assadeira e leve ao forno pré-aquecido a 200 graus; coloque a pasta do crocante sobre a carne e leve ao forno por 15 minutos, dependendo de cada forno.
- Retire do forno, aqueça o molho e sirva a carne fatiada com o

QUENTINHAS

Os destaques da 'Paraíba Restaurant Week 2021' foram apresentados no último dia 11, durante a festa de entrega do 'Prêmio Cantaloupe 2021'. O evento no Holanda's Prime reuniu imprensa, influenciadores, donos de restaurantes, fornecedores e patrocinadores do evento. Durante a premiação, foram apresentados os melhores restaurantes, pratos e chefs do estado que marcaram presença nessa edição do 'Paraíba Restaurant Week'. Ao todo, 27 restaurantes participaram da edição 2021, quando foram vendidos mais de 22 mil menus, garantindo um faturamento de mais de R\$ 1,2 milhão durante o período. Uma importante ferramenta para a saúde financeira dos restaurantes. Uma excelente notícia também foram os valores arrecadados para a ONG Milagre Sertão. Os 27 restaurantes conseguiram levantar mais de R\$ 13 mil, que vão beneficiar famílias do interior paraibano que precisam de doações de alimentos, roupas, brinquedos e outros itens de necessidade básica. Conheça os resultados finais da 'Restaurant Week 2021'.

'Prêmio Cantaloupe 2021'
Menu Três Tempos: Adega.
Melhor Entrada: Estação Bananeiras.
Melhor Prato Principal: MeatUp.
Melhor Sobremesa: FelíContempô.
Melhor Atendimento: Santa Grelha.
Melhor Ambiente: Jun Sakamoto.



1



3

Campeões de Arrecadação para a ONG Milagre Sertão
1º Lugar: Adega - R\$ 2.987,00
2º Lugar - Formaggio 43 Cabo Branco - R\$ 1.621,00
3º Lugar - Nau Frutos do Mar - R\$ 1.280,00

Foto 1: Este colunista com Karina Leon, proprietária do Estação Bananeiras, e o chef Foto 2: Márcilio Cavalcante, que receberam o prêmio de melhor entrada.
Foto 3: Este colunista com a anfitriã Marina Sá e Leandro Ramalho, da Pauta Comunicação. Melhor Prato Principal: MeatUp/Tatiana Brilhante e Túlio Martins



2